

Branco e Negro



ANDALUZA (Phot. de A. BOBONE)

PREÇO 40 REIS

N.º 62

REPRODUÇÕES

DE

Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á pena,
a lapis
e a carvão.
Quadros a óleo,
aguarell , etc.
Illustrações de todas
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE

Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originais ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva sofre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á pena e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaisquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-são de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distintos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaisquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)

	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1.100 réis	2.200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1.300 "	2.600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colônias portuguezas da Ásia e Oceania.....	1.050 réis	2.100 réis	4.200 réis

Portugal e ilhas adjacentes.....

550 réis

1.100 réis

2.200 réis

Africa Portugueza.....

650 "

1.300 "

2.600 "

Estrangeiro (paizes da União Postal.....

4 fr.

8 fr.

16 fr.

Brazil e colônias portuguezas da Ásia e Oceania.....

1.050 réis

2.100 réis

4.200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 62

LISBOA, 6 DE JUNHO DE 1897

2.º ANNO

Camillo Castello Branco

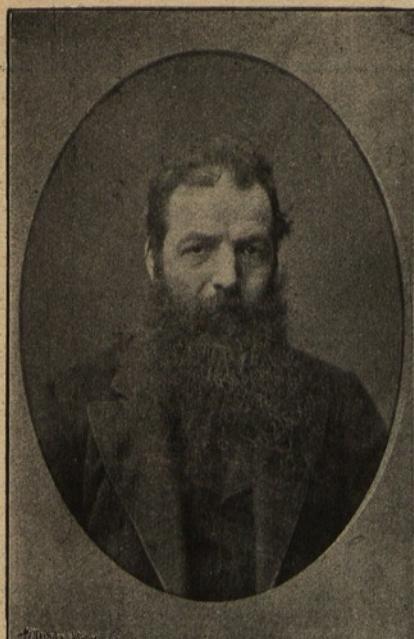


Sentidamente, por um dever, vem hoje o *Branco e Negro* prestar á memoria d'este inolvidavel espirito, o seu preito de saudosa homenagem. Sete annos vāo passados que se apagou aquelle extraordinario luseiro, por sem duvida dos mais fulgorantes, d'entre a grande pleiade de astros da nossa opulenta litteratura; e em cada anno que decorre, mais se accentúa o vāculo deixado pelo seu genio extraordinario, vāculo que tarde, bem tarde, serā preenchido; alongando bem os olhos por essa litteratura alēm, nāo preluz coisa que tenha geitos de poder vir reparar tal falta. E atē quando? Por isso a sua lembrāça permanece rediviva na memoria de quantos apreciam os verdadeiros talentos da nossa terra, e por isso aqui lhe vimos prestar a nossa singela e sincera homenagem, enquanto a Patria, esta patria tão madrasta para os melhores dos seus filhos, lhe nāo ergue o padrão devido a tamanha, tão legitima, e tão perduravel gloria.

H. M.

145

OS TEIXEIRA LOPES⁽¹⁾



TEIXEIRA LOPES, pae
(Segundo phot. de Silva Pereira & Ferreira, Porto)



JOSÉ TEIXEIRA LOPES, architecto
(Segundo phot. de E. Biel & C.ª, Porto)

O exuto vibrante que o grande escultor Antonio Teixeira Lopes obtem, na imprensa e no publico, com os seus trabalhos na actual exposição do Gremio Artístico, explica que o *Branco* e *Negro* considere de vehementissima actualidade uma pagina em que os admiradores do esplendido estatuario possam conhecer, na sua intimidade, o homem cujo esforço artistico tem sido, como já não lembra em Portugal, d'uma alentada, rapida, gloriosa ascenção. Que afinal a actualidade das esculturas do Gremio não era indispensavel para o interesse d'essa pagina d'interior: a ruidosa carreira do artista — que rompe com essa fulguração da *Viúva*, passa atravez da extraña apotheose que em seu favor provoco o concurso para o monumento ao Infante D. Henrique, e atinge um febril triumpho com a imagem da *Rainha Santa*, indo, como n'uma procissão de gloria, do Porto a Lisboa e a Coimbra receber a uncção do maior entusiasmo, — é de si motivo para tornar attrahente á curiosidade do publico tudo o que se apresente como notação á personalidade do prodigioso esculputor. Tanto mais que Teixeira Lopes, sendo um nome do publico, não é um homem da evidencia; a maior parte dos que, no Porto, lhe admiraram o genio, não lhe conhecem a figura. Raras vêzes o vêem os cafés e os theatros, e a palreira ociosidade da Praça Nova nunca o teve nas suas reuniões das tres da tarde. Mas ha sempre a certeza de

o encontrar lá no alto de Villa Nova, entre os seus marmores, no atelier.

Ahi, em doce e intellectual clausura, vive n'um recolhimento de frade. Só peregrinações d'amigos e d'entusiastas — e ellas são frequentes — o vão tirar dos seus sonhos d'arte e da serena applicação do seu trabalho. De certo que uma grande parte do segredo do valor da sua obra está nos beneficios d'esse isolamento. Natureza sem gostos de mundanismo, com repugnancia á exhibição, comprehendeu que lucraria uma grande força no retiro e no util emprego de todas as suas horas. Afeiçou, pois, uma installação onde se sente feliz, n'uma bella atmosphera d'arte, no silencio que o deixa pensar em liberdade e na paz que lhe permitte transmittir ás estatuas todas as energias do seu espírito e todo o vago do seu devaneio. Não conhece o publico, não lhe procura acariciar as predilecções: o que esculpe é, assim, obra unica do seu ser, integro producto do seu temperamento.

Uma visita a essa especie de cenobio onde, da outra banda do rio, no alto das Devézas, longe da cidade, da suja tristeza das suas ruas e dos mexericos da sua gente, o artista faz uma existencia pura de meditação e de trabalho, é já uma curiosidade para o homem culto que chega a vêr o notavel e o pittoresco no Porto. E realmente esse atelier, pela belleza da sua construcção e pelas deliciosas coisas que contém, proporciona uma

(1) O retrato do glorioso escultor da *Viúva* e da *Rainha Santa Isabel* já nós o publicámos no n.º 16 do nosso semanário.

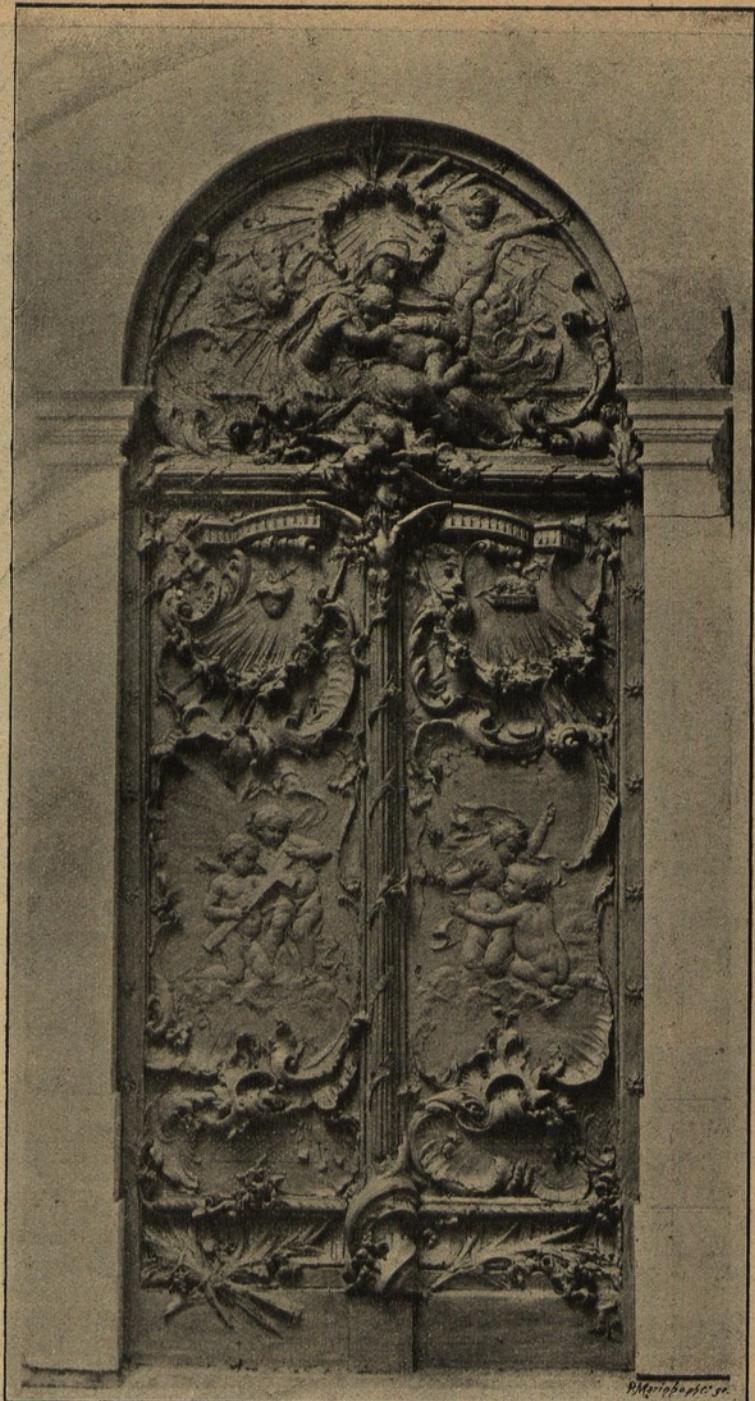


TEIXEIRA LOPES NO SEU ATELIER — (Photographia de E. Biel & C.º, Porto)

excellent hora de visita. A construcção, originalissima e mesmo muito rica para casa d'artista portuguez, foi delineada por José Teixeira Lopes, o irmão do estatuário. O visitante avista-a de longe, pousada no cimo da collina, com o seu lindo e extravagante recorte. Por uma ampla porta; de desenho belamente achado, entra-se n'uma grande quadra que se poderia chamar a sala dos modelos, trastejada de velhos, preciosos moveis, e decorada de faianças, quadros, tapetes antigos e sobretudo com as *maquettes* das grandes obras do escultor, os gessos da *Viúva*, da *Rainha Santa* e d'uns tantos bustos encantadores. Contigua, outra grande sala, onde Teixeira Lopes esculpe, e em cinema, n'um andar recuado, ficam as peças destinadas á biblioteca e colleções d'estampas e gabinete do artista. Do atelier passa-se por uma especie de quintoiro com seu alpendre para a casa de habitação dos Teixeira Lopes — casa d'um cunho adorável de rusticidade. Pegado, um vasto campo com horta e vinha, onde aquella familia d'artistas espairece no largo ar e na pittoresca paizagem que lhe exhibe a soalheira alegria da alta Villa Nova, as curvas do Douro até ao mar e, em frente, a casaria do Porto formando pinha e empenachada pela torres dos Clerigos e da Lapa.

Não é preciso pesquisar muito na ancestralidade da familia para encontrar o homem do campo. Assim se explica esse amor do bucolico, que põe claras notas da vida campesina junto d'esse atelier, construido e enfeitado n'um requinte de gosto moderno. E isto serve tambem para explicar como os Teixeira Lopes, temperando-se n'uma vida d'equilibrio, descançando da febre do atelier, no bom ar do seu campo, desadorem o falso divertimento da cidade e fiquem no seu aprazível retiro das Devezas. Na vida da familia ha muito de patriarchal, de suaves costumes d'aldeia. O chefe, José Joaquim Teixeira Lopes, homem d'arte e d'industria, tem um d'esses pacatos aspectos de bonhomia que a gente encontra com frequencia na província; mas esse ar de bom homem não impede que elle seja um raro exemplo d'actividade e d'iniciativa; a que muito deve o estado prospero da Fabrica de Ceramica das Devezas, de que elle é um dos socios, e que seja tambem um artista de serio merecimento. Como escultor, tem provas de real talento no *Christo* em bronze que agora figura no Gremio Artístico; no tumulo da Familia Campeão, no Prado do Repouso, no Porto, onde ha uma bella figura de Caridade; no baptisterio da Sé do Porto, e na estatua de D. Pedro V, em Braga.

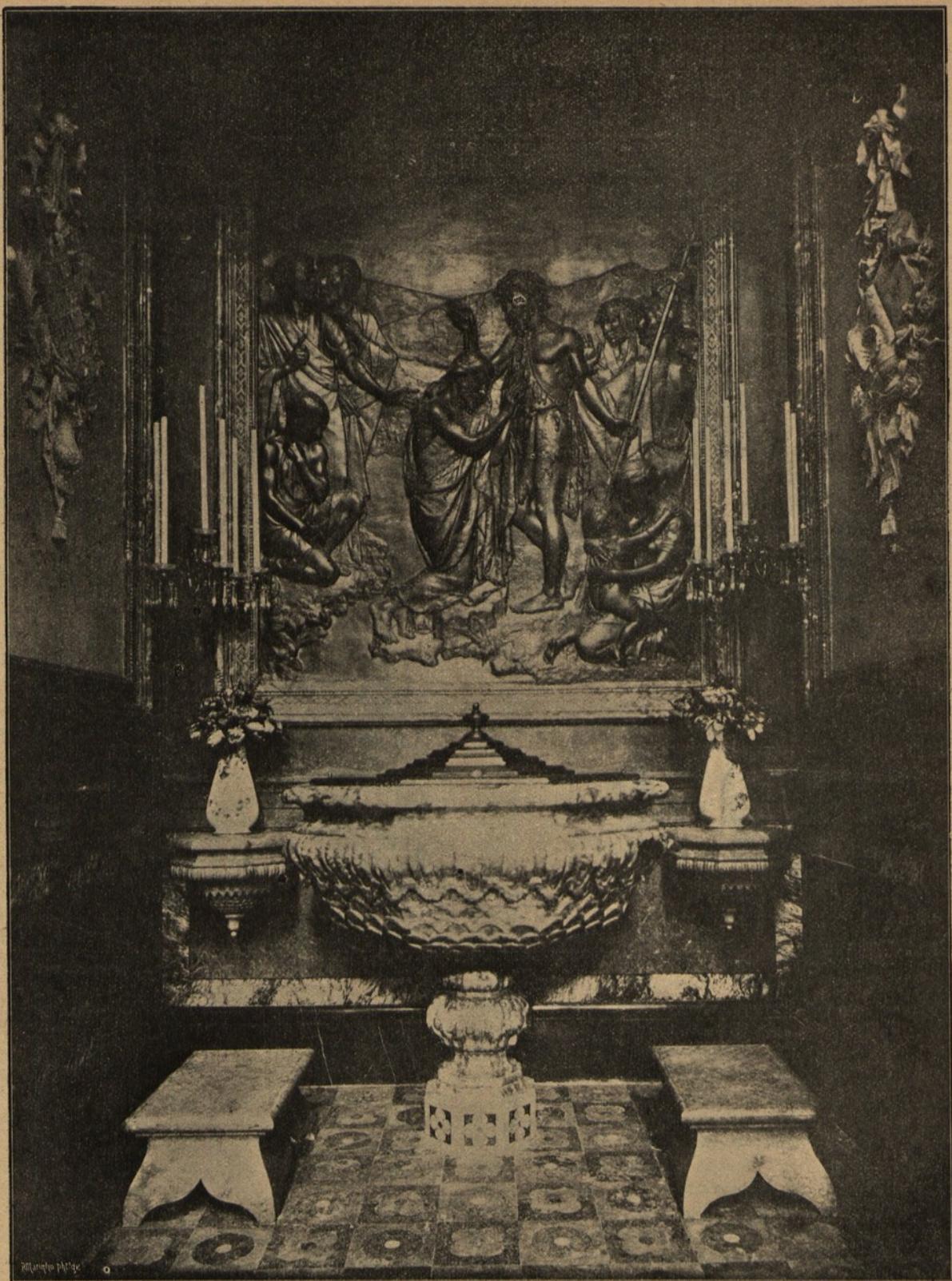
Um dos filhos do velho artista, José Teixeira Lopes, concluiu ha pouco os seus estudos de architectura em



Porta destinada á egreja da Candelaria, do Rio de Janeiro
(*Maquette* de Teixeira Lopes, filho, segundo photographia de E. Biel & C^{ia}, Porto)

Paris, e já mostrou que não degenerou n'elle o sangue artistico da familia. O seu plano do atelier o revela. Foi tambem de valor a sua collaboração na *maquette* da porta para a egreja da Candelaria, do Rio de Janeiro.

Essa *maquette* é o ultimo trabalho em que o outro dos Teixeira Lopes, o Antonio, mostra que a vitalidade do seu genio vai subindo sempre n'uma prodigiosa luminação. Esse trabalho é d'um grande poder decorativo, d'um exito de concepção que toca na maravilha. Enmolhando os motivos religiosos na ondeante gracilidade do *rococó* que lhe era imposto pelo estylo da egreja, Tei-



BAPTISTERIO DA SÉ DO PORTO (em bronze), executado por Teixeira Lopes, pae
(Photographia Guedes, Porto)

xeira Lopes faz, porém, perder á composição todo o carácter de fragil boniteza, com o forte movimento das figuras e com a vehemencia da impressão geral da obra. O magnifico grupo superior que, na elevação de sete metros que a porta terá, deve assumir o tamanho natural, derrama uma torrente de energia que robustece a inteira

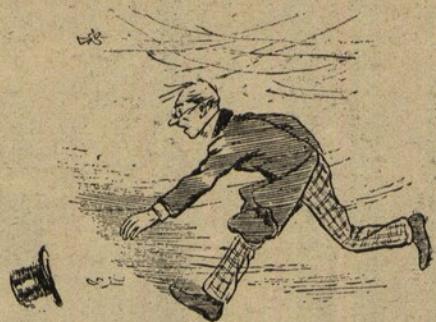
composição, cuja mysticidade toma ainda calor devoto nas catholicas allegorias das almofadas. A alma poetica que teve tanta amargura na *Viúva*, tão hieratica bondade na *Rainha Santa*, revoa de largas azas mysticas e dá á escultura d'essa porta uma inultrapassavel expressão de grandeza religiosa.

GRANDAREIA.

EFFEITOS DO TEMPORAL



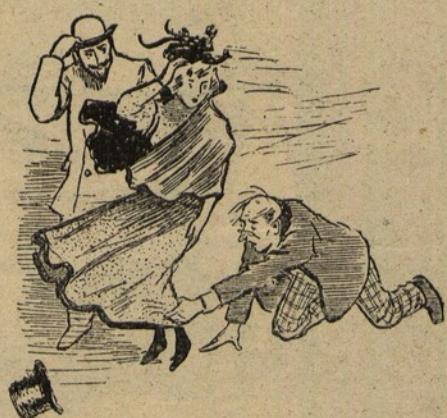
1



2



3



4



5



6

LEANDRO BRAGA

Abriu já a exposição do mobiliario executado por este illustre artista ha pouco fallecido e que uma commissão composta dos srs. Armando da Silva, D. Jose Pessanha, José Antonio Gaspar, José A. dos Reis Pinto, José Onofre, José Queiroz e Ramalho Ortigão, organisou com o duplo fim de fazer conhecido do publico o alto valor do habilissimo entalhador e melhorar as condições precarias em que ficou a familia do malogrado Leandro Braga.

Melhor do que nós falla a commissão que, pela pena de um dos seus mais auctorizados membros, faz assim o elogio do artista:

«Natural do Minho, procedente da terra do seu appellido, como Francisco de Hollanda e João de Ruão, tendo vindo para Lisboa aos quatorze annos de idade, Leandro Braga principiou por ser conjuntamente discípulo em escultura de um academico, o sr. Calmels, e aprendiz de um entalhador, o mestre Ignacio, da rua da Rosa. Com as primeiras demonstrações de talento deu as primeiras provas de juizo, mostrando comprehender que a pura arte não é um modo de vida, e preferindo sabiamente ter um officio rendoso no Bairro Alto a ter um diploma emphatico e improductivo na Academia de Bellas Artes.

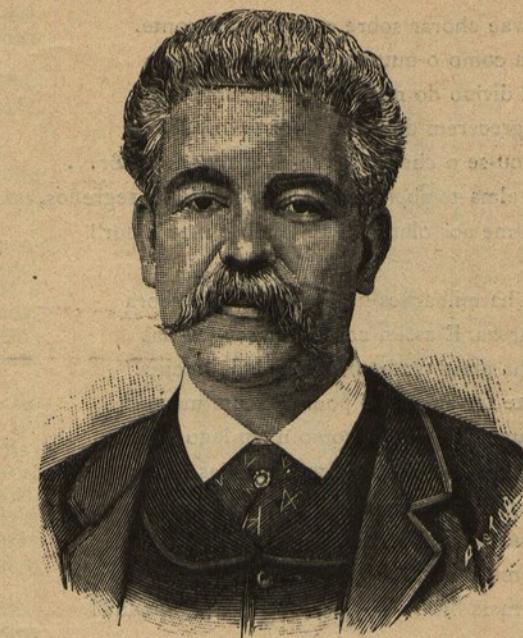
Como entalhador, marceneiro, escultor e decorador, Leandro Braga trabalhou assiduamente e brilhantemente em Lisboa durante cerca de quarenta annos, fazendo as mais importantes das suas obras para a Camara dos Pares, para el-rei o Senhor D. Carlos e rainha a Senhora D. Amelia, para os srs.: Conde de Cabral, Polycarpo Anjos, Frederico Biester, Duques de Palmella, Marquez da Foz, Marquez do Fayal, Carvalho Monteiro, Sousa Lara, Carlos Ferreira, Baerlein, Condes de Gouveia, Jorge O'Neil, Condes de Sabugosa. A sua actividade acha-se portanto representada nas primeiras casas de Lisboa, dominando uma consideravel parte do mobiliario portuguêz do nosso tempo.

O que principalmente caracteriza os trabalhos de Leandro Braga, como marceneiro e como entalhador, é a justa correlação d'a mão d'obra e do material de execução.

A bitola adoptada para levantar os relevos, para recuar os fundos, para avivar ou amortecer as arestas, para nutrir ao adelgaçar os roleios e os recamos, differe fundamentalmente nas obras de pedra, de metal para metal e de madeira para madeira.

A comprehensão d'essa justa medida entre a plasticidade material, a intenção do espirito e a energia da mão, determinando o 'stylo' da modelação, e detendo o corte na phase precisa que mais convém á transfiguração da materia sobre que se opera, é a dominante faculdade de que principalmente procede esse aspecto de caricias estabilidade, definitiva harmonia, que tanto caracterisa os grandes artistas sumptuarios da Renascença.

O defeito contrario, dando em resultado um requinte de ourivesaria nas obras de pedra, bem como um langôr de ceramica ou uma descarnação de serralheria nas obras de madeira, é o que mais abastarda a moderna producção industrial portugueza, assignalando o descontento lamentavel da aprendizagem e do ensino officinal.



Contra essa capital incorrecção protestou sempre, ainda que quasi desacompanhadamente, a obra de Leandro Braga.

Além d'isso, a sua clara comprehensão do valor das linhas constructivas, o seu delicado sentimento da expressão do ornato, e da intima ligação d'este com os perfis da superficie decorável, o seu perfeito discernimento dos stylos, a escrupulosa diligencia da sua execução impeccável, fizeram de Leandro Braga um eminent artista, que — na sua bella profissão de marceneiro — teria hombreado com Boule ou com Gouthière, se elle houvesse vivido no seculo XVII ou no seculo XVIII, em Paris ou em Versailles, na convivencia de tão comunicativos artistas como Lepautre, Berain, Boucher ou Watteau, ao serviço de clientes tão ostentosos e tão magnificentes como os Bourbon, os Condés, os Demidoff, a rainha Maria Antoinette ou a marquiza de Pompadour.

Tendo a honra de apresentar ao leitor a relação sumaria de alguns dos moveis fabricados pelo modesto e talentoso artista, recentemente roubado pela morte á gloria da sua profissão, á honra da sua patria, ao amparo da sua familia, nós, organisadores da exposição a que este catalogo se refere, faltariam ao mais grato dever de coração se não testemunhassemos, em nome da arte, em nome do trabalho nacional, em nome da desditsa familia do nosso companheiro e amigo, os agradecimentos mais encarecidos aos Expositores, que tão generosamente e tão patrioticamente se dignaram de acceder ao nosso pedido, e ao sr. Marquez da Foz, que, com tão singular abnegação e tão alto espirito de solidariedade social, quiz abrir as mais nobres e sumptuosas das suas salas ao acolhimento de uma obra humilde, cujo fim é a glorificação de um operario e o socorro de uma familia, a qual só tem no mundo, por unico brazão e por unica riqueza, uma ferramenta de entalhador abandonada, para todo sempre.»

VERSSOS DO OUTONO

A lua vae chorar sobre as urzes do monte.
Repara como o outono empallidece agora
O azul divino do nostalgiico horizonte !...
Emmagreceram de saudade os arvoredos ;
Esfolhou-se o choupal ; vae-se apagando a cõr...
Minha alma tambem tem, como o outono, segredos,
E vem-me aos olhos, recordando o meu amor !

Já não ha milharaes nem papoulas. Descora
A natureza. E assim como a lua nas agoas
A minha alma tambem na Saudade fluctua.
E por te ter amado, ó pomba, sente magoas,
Mas namora-se em ti, como n'um lago a lua...
Afinal este amor tem raizes sagradas :
Anda preso ao carpir das fontes namoradas,
A's rosas de toucar, de que tu és irmã :
E tem mais força do que o aço das espadas,
E tem mais brilho do que a estrella da manhã !

Mas no outono, ao subir do luar entre os ramos,
Refloresce o passado, e é que nós recordamos
O frutilante alvor ausente de algum dia,
Para tecermos as grinaldas da Elegia...

Já não ha rosas, ha perpetuas. As amadas
Lembram, ao longe, umas visões amortalhadas,
— Chymeras de luar dentro de vestes pretas,
E nas agoas, no vento, e na essencia das couças,
Choram, immemoriaes, as vozes dos Poetas.

Oh ! todavia eu sinto o perfume das rosas :
Sinto dentro de mim a saudade encantada...
E pôde o inverno vir, com as negras procellas,
Que a natureza és tu, ó minha bem amada,
E um sonho de belleza anda cheio de estrellas !

(Inedito).

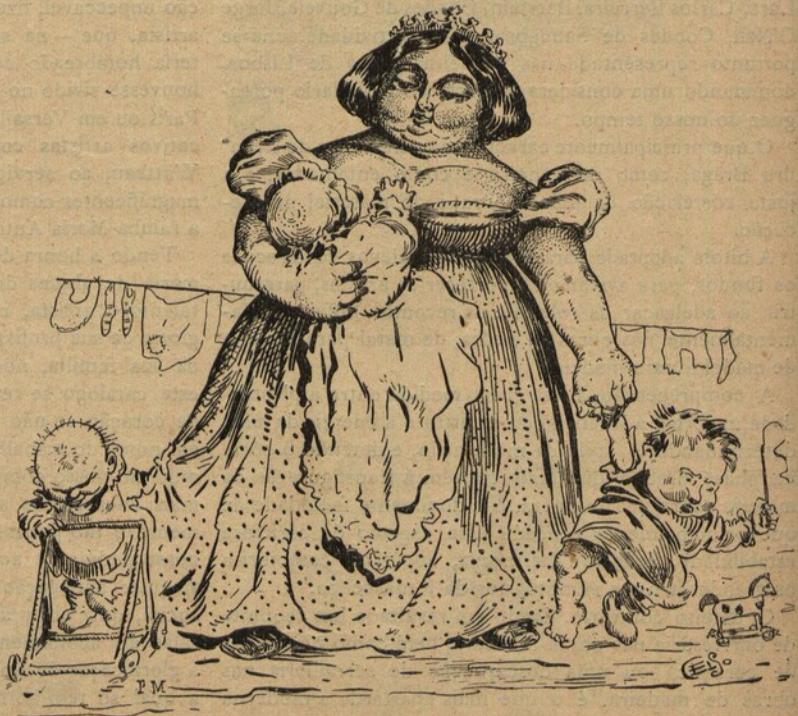
JULIO BRANDAO.

REIS PORTUGUEZES



D. SANCHO II, O Capello

152



D. MARIA II, A Boa Mãe

SILVA PORTO

FEZ-SE na terça-feira a trasladação dos restos mortaes de Silva Porto para o jazigo que foi mandado erigir, no cemiterio do Alto de S. João, por uma comissão de artistas.

Quando o caixão entrou no jazigo, o sr. D. José Pessanha pronunciou o discurso que abaixo transcrevemos, e que é o maior elogio do querido artista morto:

Meus senhores. — A ceremonia que hoje nos reune aqui tem duas significações perfeitamente distintas, posto que ambas igualmente levantadas e tocantes.

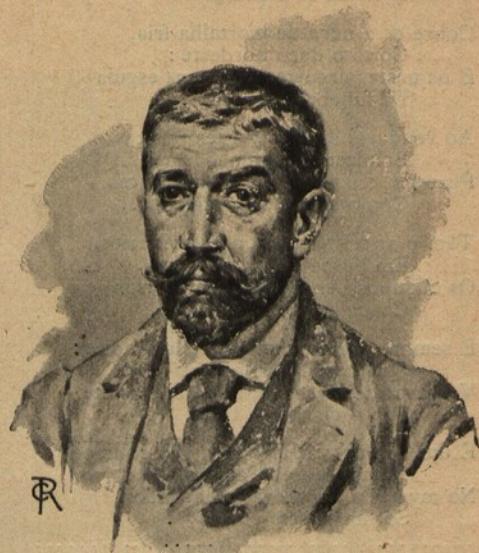
Exprime ella, a um tempo, admiração e saudade:— admiração por um bello e excepcionalissimo talento, inesperada e prematuramente arrebatado pela morte á gloria da sua arte e ao orgulho dos seus conterraneos; saudade por um coração affectuoso e simples, para sempre roubado á amizade e á ternura de todos que tinham podido aquilatar-lhe o subido valor.

Na hora presente,—hora amarga de egoismo e de lucta,—o desaparecimento de um grande e poderoso artista deve ser motivo de profunda tristeza e intensa magua, porque no meio d'esta anarchia de sentimentos, d'este embate de opiniões, d'este conflito de interesses, cabe á Arte a elevada missão de acordar nos espíritos a consciencia da solidariedade humana, fazendo-os vibrar n'uma doce e pacificadora emoção collectiva de poesia e de enterneçimento.

Quando, porém, com o talento artístico se perde conjuntamente um puro e immaculado carácter, — então, maior deve ser ainda o pesar, porque a existencia dos grandes caracteres vale como ensinamento e exemplo, vale como esperança e conforto, vale, quando menos, como protesto...

Com a morte do homem cuja memoria nos congrega n'esta commovente homenagem, pôde afontamente dizer-se que a sociedade portugueza experimentou essa dupla perda.

Effectivamente, artista excepcional, pelo temperamento, que era dos mais vantajosamente dotados, e pela educação, que era das mais completas,—Silva Porto, se morreu sem ter chegado a afirmar, n'uma obra prepondérante e definitiva, toda a extensão, toda a energia, todo o vigor das suas brilliantissimas faculdades,—logrou, ainda assim, concretisar, n'alguns centos de adoraveis quadros, limpidos e sinceros como a sua bella alma, as commoções por elle experimentadas na contemplação recolhida e amorosa da natureza e da vida campestre n'esta formosissima terra de Portugal, fazendo-nos, com um raro dom de persuasão, sentir e amar toda a incomparavel belleza, toda a suavissima poesia, todo o irresistivel encanto da nossa patria, que nos aspectos mais typicos da sua paizagem, como nas quadras do seu lyrismo tradicional e nos rhythmos da sua musica popular, sempre nos apparece impregnada de não sei que vaga, insinuante melancolia, que nos aljofra os olhos de lagrimas e a alma de enterneçimento, e que parece traduzir



a resignada mas saudosa lembrança de um bello passado distante, a magua serena mas infindavel de um destino irrealizado, o pesar tranquillo mas inextinguivel de um ideal inattingido.

Ao mesmo tempo, Silva Porto, pela singeleza da sua alma inacessivel á vaidade, á inveja, á malquerença; pela sua nunca desmentida honradez; pela sua perfeita lealdade,—podia ser apontado como dos mais nobres, completos, suggestivos exemplos.

A sua morte, foi, portanto, uma verdadeira perda nacional. Raro esta phrase, tantas vezes malbaratada, poderá empregar-se com tão inteira justiça.

No meio, porém, da magua que sentimos, como portuguezes, pelo desaparecimento d'esse grande talento e d'esse grande carácter; no meio da saudade de que nos encheu a alma a perda d'esse affectuoso companheiro e d'esse leal amigo,—uma cousa deve consolar-nos:—a certeza de que, assim como a saudade e a magua persistirão sempre nos nossos corações, assim também a figura de Silva Porto se não occultará nunca na fria sombra do esquecimento, e, pelo contrario, avultará permanentemente na luminosa esphera da immortalidade, a esclarecer-nos e a confortar-nos com o exemplo da sua vida, toda consagrada ao trabalho e ao bem, a desmaterializar-nos e consolar-nos a existencia com a sua vasta e delicada obra, tão profundamente sentida e tão intensamente portugueza.

MOUGUET

Jámais a *dandy* algum ella mostrara,
Seus bellos e alvos dentes de marfim;
Custou-me a convencel-a, mas alfim,
Uma entrevista a sós eu ajustara.

Foi um doce colloquio onde eu gosara,
Toda a delicia d'um amor sem fim,
Jurando ella viver só para mim,
Affecto que eu tambem lhe protestara.

Depois, em casa, ao chá, como eu notasse
Que todos me apontavam, rindo, a face,
Corro ao espelho, e olhar eu mais não quiz!

Só então vi a origem da risada:
De *Veloutina* eu tinha a cara empoada,
E um pote de carmim sobre o nariz!

Os Tres Choupos da Campina

Velam os choupos, tristes, toda a noite,
Toda a noite ao luar...
Não têm sob os Céos quem os acoite
E ficam-se a chorar...

Cobre-os a neve de mortalha fria,
Córtia o duro nórdeste:
E os tristes erguem a estatura esguia
De funebre cipreste.

Ao vendaval as suas verdes tranças
Baloíçam desgrenhadas...
Puzeram cruzes sobre as esperanças
Como as almas penadas!...

Têm o ar triste de monges solitários,
Em busca de guaritas,
Os choupos pensativos, centenarios
Cançados de desditas...

E sempre esguios, mudos toda a noite:
Quanta tristeza a sua!
Vergasta-os do nórdeste o duro açoite
Sob o clarão da lua...

E uns aos outros, ás vezes, vão contando
Algum segredo antigo,
No misterio das trévas soluçando,
Sósinhos, sem abrigo...

Quando, á noite, vagueio e sonho escismo
E me invade das sombras a tristeza
Tão dóce — qual um canto de reza,
Tão misteriosa — qual a voz do abysmo:

Eu creio que vós sois 'spectros calados
Ou sombras de outra gente,
Almas perdidas, corações chagados
Chorando máguas, silenciosamente...

E a minh'alma vae fazer seu ninho
Na cama a baloiçar
Dos vossos collos ermos de carinho,
A' luz fina do luar.

Na planicie que se estende, vaga,
Trez d'elles se erguem; vão
Sempre subindo ao Céo que os não afaga
Levar seu coração.

Alguem me disse que tambem outr'ora
Trez pobres peregrinos,
Aos portaes estendendo a mão que implora,
Cumprindo seus destinos

Vagueavam sósinhos pelo mundo
E sorriam á dôr:
Que aquelle trio amante e vagabundo
Tinha a força do amor!

Elle era um crente que inventava tróvas,
Onde a alma transluzia,
Perfumadas e frescas como novas
Flor's ao romper o dia;

Tinha no olhar abysmos onde a luz
Mergulhava mortal;
Mas n'esse estranho olhar havia a cruz
Dos que sonham o Ideal!...

Se lagrimas rolavam diamantinas
No seu rosto sereno,
Caíam com scintillações ferinas
De um amargo veneno...

A' beira, encontrrá-a, de uma estrada
Quando passava, um dia,
A ella, seminua, abandonada,
Silenciosa e sombria.



E elle disse-lhe : O' lyrio immaculado,
O' pallida cecem!
Vamos cumprir os dois o nosso fado,
O' minha amante ! vem...

E partiram os dois. Um o carvalho;
Outra a viridente hera.
Elle era a força, a sombra, o agasalho,
Vestia-o ella côn da primavera.

Quando, tempos depois, o Ceu lhes deu
Uma filhita, imagem da pureza,
Abençoaram toda a natureza
— Mâos erguidas ao Ceu! —

E assim passaram, ambos, noites, sóes
— Tantos... que não tem conta!
De estrelas quantas vezes os pharoes,
E a luá que desponta!

Mas ao clarão da luá argentea e fria,
E que inda agora brilha,
Na campina e em haustos de agonia
Viram morrer a filha!

E foi assim que sobre a sepultura
Da pallida creança
Um choupo rebentou que, lá da altura,
Agita a verde trança...

E sobre os paes a noite da saudade
Caio por tanta vez,
Que o Deus-do-Amor, o Deus-da-Piedade
Os juntou todos tres!

Na planicie que se estende, vaga,
Tres choupos se erguem : vão
Sempre subindo ao Céo que os não afaga,
Levar seu coração.

CARLOS DE PINA MACHADO.

VIAGENS NO EXTRANGEIRO

PARIS

(Conclusão)



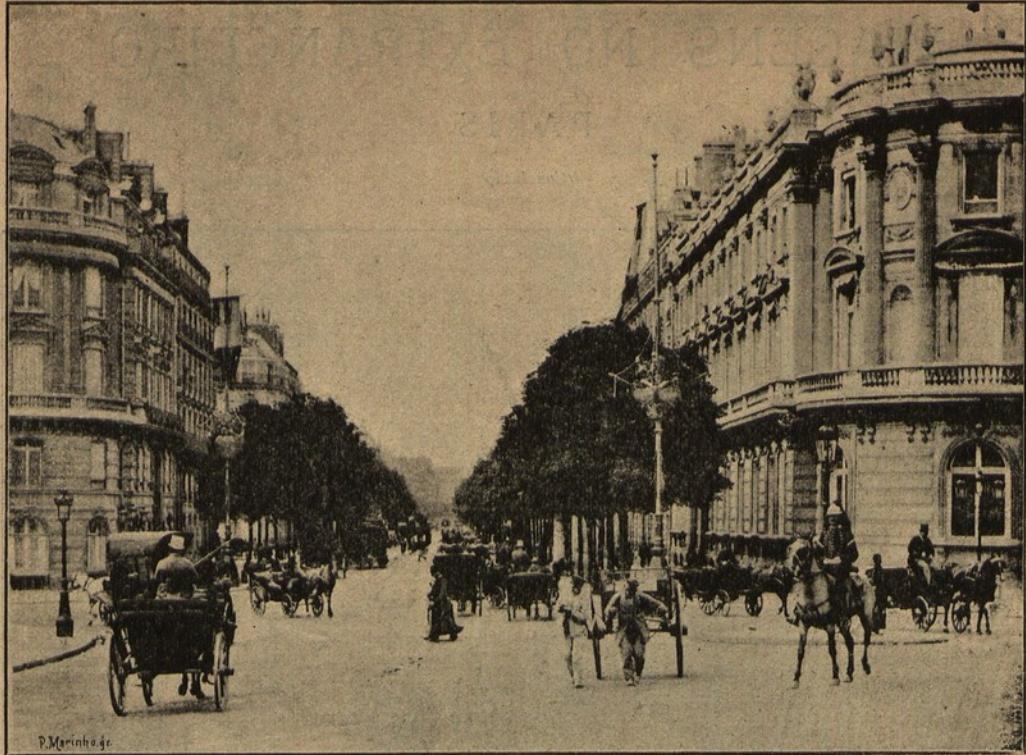
PARIS — EGREJA DE SANTO AGOSTINHO

MUITA coisa haveria que dizer de Paris, a cidade que mais attractivos encerra e que mais fascinação produz no forasteiro; mas a indole do nosso jornal não nos permite alongarmo-nos muito sobre um determinado assumpto, porque outros reclamam o espaço que esse occuparia. O que não quer dizer que uma vez ou outra não voltemos a dar de Paris um aspecto curioso, porque o assumpto é inexgotável e attrahente.

Concluimos hoje dando a reprodução de um monumento digno de vêr-se:

A EGREJA DE SANTO AGOSTINHO

Começada em 1860, foi acabada em 1868 sob a direcção de Baltard, no angulo agudo formado pelo boulevard Malesherbes e a avenida Portalis; imposz-se ao architecto esta viciosa disposição; é um dos erros mais

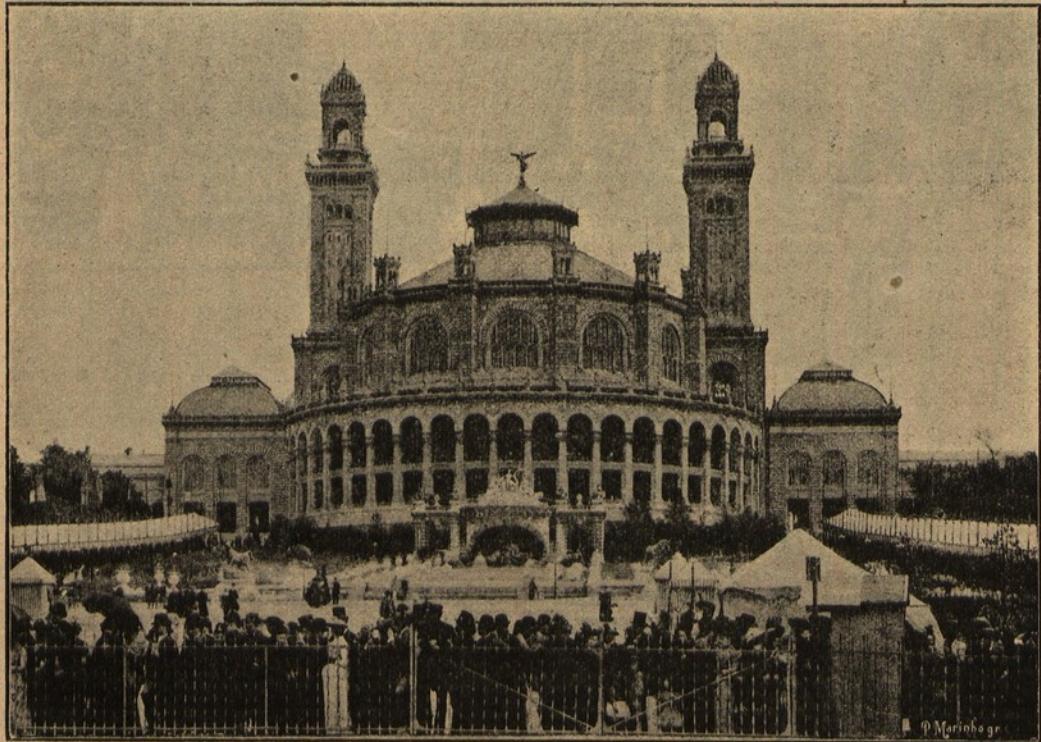


PARIS — BOULEVARD SAINT GERMAIN

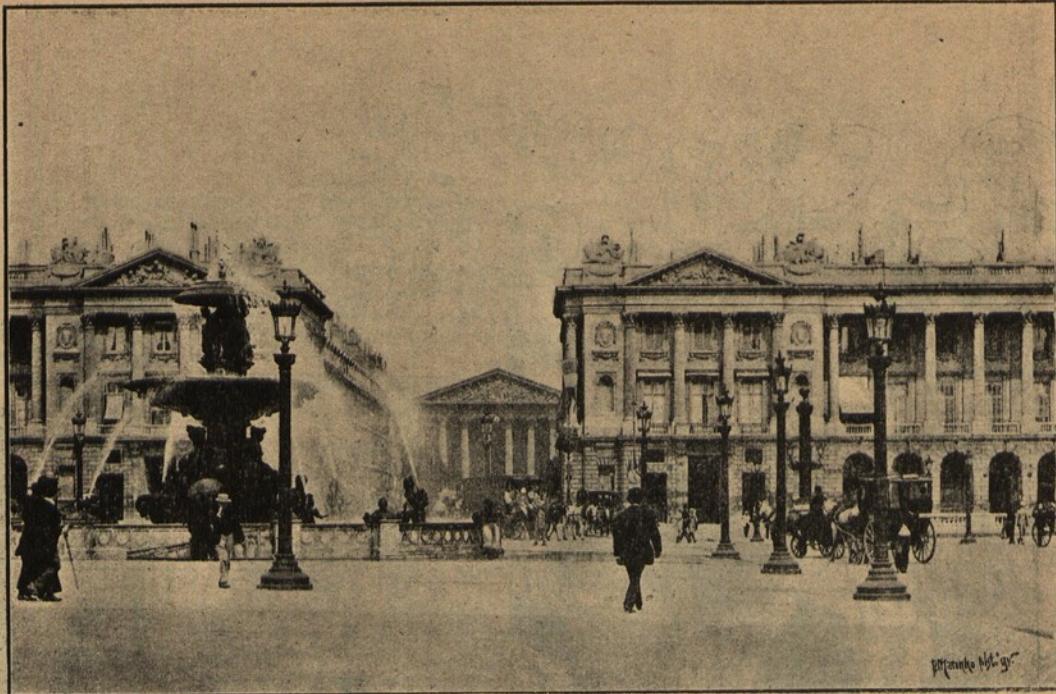
visíveis que foi commettido no Paris novo. Baltard fez o melhor que pôde, aproveitando a parte mais larga do terreno para ali erigir um zimbório magnífico; infelizmente a nave e a fachada são mais estreitas. Subindo uma escadaria de treze degraus, chega-se a um portico de três arcadas, acima do qual se eleva uma galeria or-

nada de treze pequenos frontões que abrigam as estátuas de Christo e dos apóstolos, esculpidas por Jouffroy.

São também três dos mais bellos pontos de Paris o aristocrático boulevard Saint-Germain, o Trocadero e a pra-



PARIS — TROCADERO



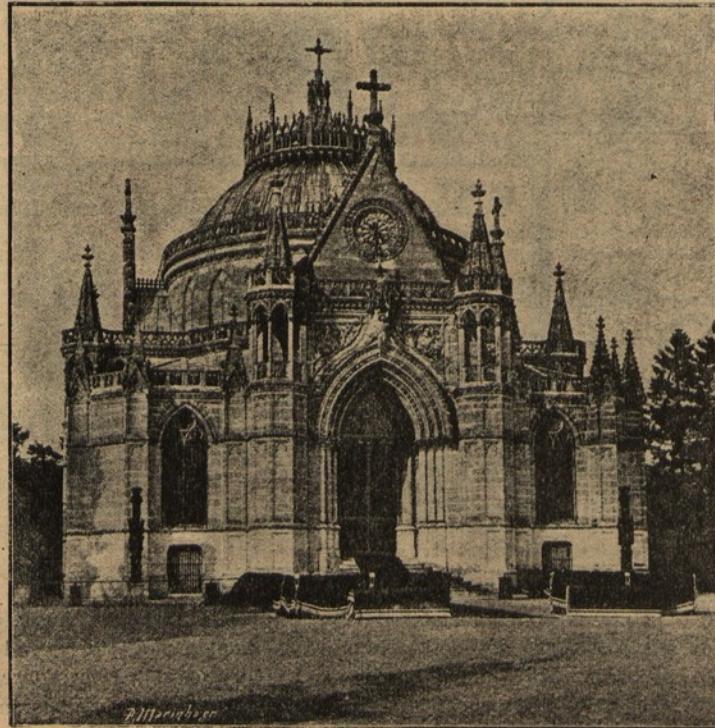
PARIS — PRAÇA DA CONCORDIA

ça da Concordia, que reproduzimos em photogravura.

Paris, pela grande civilisação que faz irradiar de si, em todos os ramos da sciencia, da arte e da industria, é hoje um dos logares privilegiados da terra, onde cada um deseja ir, fazendo d'esse sonho a aspiração de toda a sua vida.

A existencia estonteante que ali se leva, o prazer que ali disfruta quem leve as algibeiras sufficientemente recheadas dão á capital franceza um poderoso attractivo de que não está isento todo o mortal que tem um poucochinho de gosto e de... dinheiro.

Os Funeraes do Duque d'Aumale



A CAPELLA DE S. LUIZ — Monumento funerario da familia d'Orléans em Dreux



1 Christo... nas argolas. — 2 (115) Final tragico-marítimo, com surdina na orchestra. — 3 (124) Pedinte fin de siècle, de luvas e plastron. — 4 (147) Neurálgia facial. — 5 (146) Os srs. do asylo das creanças abandonadas que vejam este triste quadro. — 6 (92) A Avenida aos domingos: damas empalhadas. — 7 (117) Idilio conjugal. — Um par: — Ai, o passado... o passado... — 8 Pintora amadora. — Lymphatica e bôa menagère. — Pinta as naturezas mortas e as gallinhas do seu quintal. — 9 Critico. Aspirante d'alfandega e da mão da Vieira, amigo intimo do grande pintor Nepomuceno. Faz quadros á pena para bazares de caridade.

ROMEO E JULIETTA

— O troly do jovem fazendeiro, que havia pouco tempo chegara da Europa, arrebentou uma das rodas, a qual só com muito vagar podia ser concertada.

Contrariado, aborrecido com o incidente, sem outro abrigo além d'um elegante guarda sol, receiaava ver estragados a calça clara, o palitol de palha de seda e o chapéu de maninha, se desabasse o enorme temporal que desde as 3 horas ameaçava.

No entretanto, a uns dois kilometros lhe ficava a casa. Apóz leve reflexão, resolveu seguir escoteiro, apesar de desarmado.

Quem se atreveria a fazer-lhe mal, se era justo e honesto?...

Muito dezerio o lugar áquellas horas da tarde, quasi ao tóque das Ave-Marias.

Vasta campina de macêgo com matto rasteiro e uma ou outra arvore isolada, representava rachitica paizagem:

O céu tempestuoso, ameaça abrir-se em cataractas. O ar como que rarefeito, estacionava na amplidão do ether. A natureza não palpita; tudo era esteril e quasi nula. Caminhava apressadamente, a scismar, com os olhos indagando o horizonte que turvava-se mais e mais, a parar uma ou outra vez a fim de consultar o rico chronometro, n'uma vizivel anciedade. —

«E' necessário alargar mais o passo, murmurou. Se a chuva apanha-me n'estas alturas!...»

Com efeito, sem tomar folego, andava, andava, avisando apenas alguns animaes da raça bovina a urrarem melancolicamente á busca de qualquer alagada, em quanto corria pelo campo fóra um poldro bravio.

Cortava de vez em quando a negrura do espaço o fuzilar do relampago; ao longe, surdo rumor tornava mais lugubre ainda aquella planicie sem restea de sol, n'esta hora mysteriosa da tarde em que o desanimo apodera-se do coração e a saudade d'alma. Na quebrada dos montes azulados que muito além se avistavam, nem uma casinha de sapê com o fumo a sahir em espiraes pela chaminé, indicava existir na tristissima savana um lar que lhe offerecesse descanso.

Mas elle, andava... andava!...

Gottas de frio suor orvalhavam-lhe a fronte alta e inteligente que enxugava com um lenço de seda, de iniciaes bordadas na ponta. Um ou outro estalido já estremecia os ares: era o trovão anunciando proximo estampido.

Amedrontadas aves passavam estendendo as azas em longo vôo: sobre poças d'água estagnadas á guiza de pequenas lagôas com bordas de lama esverdeada, coaxavam rãs.

De repente, viu um cercado com cruzes toscas — era um abandono cemiterio.

Do lado opposto, uma arvore de robustos galhos, servia de guarida a um homem já velho, de barbas encanecidas — sem duvida um outro viajante extraviado. Avizinhando-se d'ella, deu parabens á sua fortuna por haver encontrado um companheiro.

O firmamento na tremenda magestade, continuava a cruzar-se de favorosos relampagos, como se uma dança serpentina bailasse na atmosphera. Saudando o ancião, abriu o chapeu, em quanto elle correspondia ao cumprimento, a dizer lhe:

— Boa tarde, mancebo.

Obtida a resposta, assentou-se mirando o seu interlocutor com essa curiosidade que nos dispera alguem que nos é desconhecido.

O ancião n'uma indifferença sarcastica, olhava-o de soslaio.

— Achaeis vos aqui ha muito tempo? perguntou o moço.

— Haverá seguramente uma hora; e vós, vindes de muito longe?

— Da villa e sigo para a fazenda.

Rio de Janeiro — Brazil.

— A pé... e só?

Elle contava-lhe o succedido, quando estridulo trovão abalou o vacuo; o calor asphyxiava; do chão do logar dos mortos, surgiam chammas que se apagavam em sequida — Escurecia.

— Não temeis a tempestade?

— Não, mancebo: eu só temo a dos invejosos, a dos ingratos e a dos perversos. O que valem os relampagos e os fogos fatuos?

— De nada, sei. Aquelle lume são apenas gazes desprendidos, corpos que já não nos prejudicam, porque...

— Ante a idéa materialista, antepõe-se a idéa de um Deus. Credes n'elle, mancebo?

— Não! respondeu naturalmente.

— Fazeis mal. Quando se tem a vossa edade, o scepticismo corroea, é certo, a alma que só fica malleavel, quando os desgostos tornam-n'a de bronze, em cera.

— Não tendes familia ou alguém que vos ame ou seja amado por vós?

— Na romaria da minha existencia, o amor serviu de lenitivo ao coração em mais d'uma circumstancia: ultimamente porém, desde que as cás começaram a esfriar os impetos de moço eu... eu...

Um raio que veio cahir a uns tres metros de distancia d'aquelle logar, cortou-lhe a phraze, medonho aguaceiro encharcou a terra, em quanto o furacão, arrancando pela raiz a arvore protectora, assemessou-a longe. Ambos tiritavam, molhados até a medula dos ossos.

Aquelles dois homens, alli, simples romeiros da existencia, ante o cataclysmo do elemento, sentiram-se perquenos.

O fazendeiro, rico, jovem, robusto, tinha a seu favor o futuro repleto de esperanças, de crenças e de fé; — o velho, pobre, alquebrado, no encarquilhamento da pelle transformada em pergaminho, na curvatura do corpo e no desanimo do pensamento, nada mais esperava da sorte, que marca limites irrevogaveis...

Como a nuvem branca que embaciava lhe a vista, uma outra de gêlo interceptava-lhe o bater do coração que n'essa idade torna-se o sarcophago onde se depositam as cinzas das ossificadas ternuras, como ossificadas ficam as visceras d'esse orgão pela decrepitude.

Os dois romeiros fitaram-se.

— Quereis acceitar a minha hospitalidade, meu velho? Móro perto... no meu domicilio tenho sempre um apartamento para hospedes. Servir-nos-hemos de mutuo arrimo no caminho, vinde commigo...

— Obrigado, mancebo!... vou ser franco: na vereda que o homem trilha, as mais das vezes,contra-se só. Eu, tremulo, fito a terra, em quanto vós, ativo, interrogas o futuro com o vigor do pensamento e o lume do olhar. A mocidade e a velhice são duas antitheses, portanto, duas forças deseguaes. Sois generoso e cavalheiro, segui o vosso tirocinio. A vida só é util, quando semeia o germe do Bem no trigal da humanidade, com semente fertil e sâ.

— E o que dizeis da actividade do espirito?

— No plenilunio das crenças, é o unico mentor que docemente alegra o poema das illusões que se transforma em saudade e a saudade na dôr!

E' pois desse côro psalmódico que vive a alma buscando a luz, a luz buscando a immortalidade, para n'essas pesquisas encontrar-se a Verdade; sim, ella mesma.

— Sois então um philosopho?

— Como todo aquelle que só por esse meio pôde ver melhor procurando a ventura... Adeus... mancebo, adeus!...

E apertando-lhe a mão nervosamente, seguiram ambos rumos oppostos.

IGNEZ SABINO.

HISTORIAS PARA CREANÇAS

A ARARA ENCANTADA

ERA uma vez um formoso caçador chamado o conde Belclaro, o qual, indo caçar nas suas mattas, ouviu um cantico entoad por uma voz harmoniosa. Voltou-se o conde rapidamente; não vendo, porém, senão uma arara empoleirada n'uma arvore, e como o canto continuasse sem interrupção, procurava a pessoa que o entoava, quando ouviu uma voz segredar-lhe:

— Tolo, sou eu que canto! Imaginas acaso que sou uma arara? Puro engano. Sou apenas uma simples rapariga. Por efeito d'uma horrivel sentença fui condemnada a viver sob esta fórmā irracional em que me vês.

Curioso, e ao mesmo tempo admirado com a aventura, approximou-se o conde da arara, prestando attenção ás palavras que ella proferia.

— Escuta-me — continuou. — Vou contar-te a historia da minha vida pois é a primeira pessoa que vejo depois que tomei esta fórmā! Chamo me Zulmira e sou filha do sultão Harich Rachid. Na corte, onde passei a minha infancia sempre amargurada, existia um pagem formoso como o sol e de porte elegante e gentil, que me dedicou o seu amor e a quem eu me affeiçoei. Combinavamos entrevistas ás occultas do sultão meu pae, até que um ente vil nos denunciou. Surprehendeu-nos o sultão, que, além de matar o pagem, proferiu uma horrivel condemnação, que me faz andar debaixo d'esta fórmā até que alguma mão audaciosa quebre o meu encanto.

— E que será preciso para quebrar esse encanto? perguntou o conde.

— Só mão arrojada será capaz de o conseguir. E' preciso ir buscar-me uma pomba branca e dourada que está no fundo d'um horrivel abysmo, a que ninguem pode descer sem n'elle encontrar a morte. Haverá, porém, um ente predestinado que poderá conseguir esse milagre; e esse, apresentando-me a pomba branca e dourada quebrará o meu encanto.

— Princeza, — perguntou o conde — não quereis vir antes para o meu palacio, onde serás muito bem tratada em vez de estardes n'este medonho bosque?

— Aceito — respondeu a Arara — e ao mesmo tempo ajudar-me-hás a procurar um mancebo arrojado que intente quebrar o meu encanto.

— Eu serei o primeiro, Princeza! — respondeu o Conde com entusiasmo.

Poz-se o Conde a caminho em companhia da Arara e em breve chegou ao palacio. Passou-se uma semana; uma manhã, estando o Conde a contemplar, silencioso, as andorinhas que esvoaçavam no espaço, sentiu uma leve pressão sobre um ombro. Era a Arara.

— Escuta, — disse ella — é chegado o momento. Á entrada da aldeia deserta de Santa Fevrais encontrarás, do

lado direito, um horroroso abysmo denominado o «abyssmo do phantasma». E' ahí que está a pomba branca e dourada. Tem coragem e parte. Se voltares vencedor ceder-te-hei a minha mão.

Partiu o conde louco de alegria e de commoção, e segundo as indicações da Arara, em breve chegou á aldeia deserta. Logo á entrada d'esta ficou petrificado á vista do medonho abysmo.

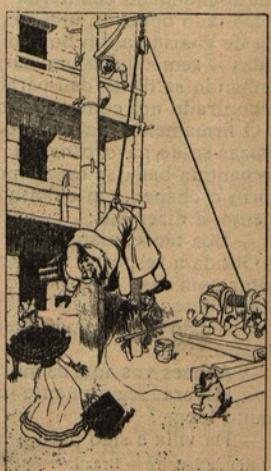
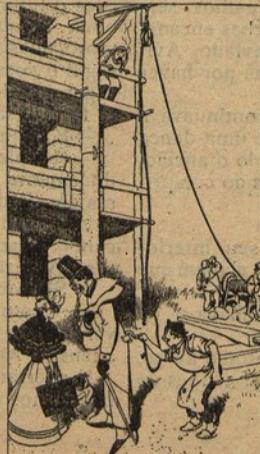
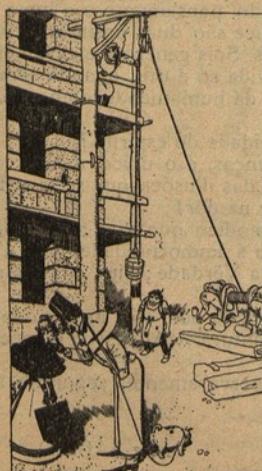
Enchendo-se, porém, de coragem e lembrando-se da princeza, começo resolutamente a arriscada tarefa. Tinha descido apenas uns seis metros quando sentiu os primeiros symptomas do encantamento. Zumbiam-lhe os ouvidos, a vista nublava-se-lhe, as pernas fraquejavam-lhe, sentia todo o corpo paralysado; desceu mais alguns metros cambaleando e já imaginava ver-se despenhado no abysmo, quando subitamente sentiu um frio estranho percorrer-lhe o corpo. Abriu os olhos e soltou uma exclamação de espanto. Tinha chegado ao fim. Tratou logo de procurar a pomba, o que lhe foi facil. Estava escondida entre dois rochedos; apanhou-a, escondeu-a cuidadosamente no peito e começou a subir. Repetiram-se os mesmos symptomas, d'esta vez, porém, com mais violencia. Dirigiu o seu ultimo pensamento á princeza, encorajou a sua alma a Deus, e esperava a morte, tranquillo, quando um concerto de vozes harmoniosas entoaram o mesmo canto que ouvira á arara no dia em que a encontrara no bosque. Reanimado, conseguiu subir mais alguns metros, e já estava proximo da bocca do abysmo quando uma nuvem de araras, em tudo similhantes á outra, se apresentou defendendo a entrada. Belclaro conseguiu, mercê de esforços inauditos, romper por entre as araras que esvoaçavam em torno d'elle. Apenas se viu fóra do abysmo começou a correr como um louco em direcção ao Castello, no qual entrou arrebatadamente. Empoleirada na varanda esperava-o a arara, a qual, apesar de o viu, começou a soltar gritos inarticulados que era o modo pelo qual exprimia o seu contentamento. Mostrou-lhe o conde a pomba que trouxera, na qual ella deu uma medonha picada. A pomba caiu morta. Ao mesmo tempo a arara transformava-se n'uma joven de uma peregrina beleza, a qual, dirigindo-se ao conde, disse:

— Admiro a tua coragem. Quero cumprir o que prometi. Eis a minha mão.

No dia seguinte realisou-se o casamento, viveram muitos annos, disfrutando sempre a mais doce felicidade, coroada ainda pelo nascimento de duas creanças, que eram o enlevo de seus paes.

Trad. de AUGUSTO LICO OLIVEIRA SOARES.

UMA SURPREZA



J. A. BENTES

A HYDROTHERAPIA

—•• DE ••—

SEB. KNEIPP

Exposição, apreciação e pratica das doutrinas do celebre hydrotherapista, e comparação dos principaes systemas derivados do MÉTODO NATURAL.

1 volume br. 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' venda em Lisboa, na Livraria de Antonio Maria Pereira, 50, R. Augusta, 54.

Em Braga, na Livraria de Cruz & C.º, R. Nova do Sousa, 127.

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.



Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Ultimas Novidades Litterarias

DA

Livraria Editora ANTONIO MARIA PEREIRA

AMORES, AMORES...

Novo romance do illustre romancista Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), 1 volume br. 600 réis. Enc. 800 réis.

a Livro todo de imaginação e de sentimento, livro especialmente dedicado às damas, não é juizo temerário assegurar-lhe um grande exito...
(Excerpto do artigo do Primeiro de Janeiro de 15 do corrente.)

CORAÇÃO DOENTE

Romance de Lourenço Cayolla, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

AZUL E NEGRO

Novos contos de Affonso Botelho, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

RAIOS X

Notas praticas de radiographia sobre as primeiras experiencias feitas em Lisboa por A. Bobone, photographo. 1 volume com varias photogravuras radiographicas, br. 500 réis.

DICCIONARIO HESPAÑOL-PORTUGUEZ

Composto sobre os melhores Diccionarios das duas linguas até hoje publicados, e dirigido por Henrique Marques; tomo I, (letras A a G), 1 volume de 1:000 paginas, solidamente encadernado em linho, 2:500 réis.

MANUAL D'AGRICULTURA PRÁTICA

POR

PAULO DE MORAES

A obra mais completa, mais clara, mais minuciosa e mais prática que se tem escripto até hoje sobre todos os ramos da

sciencia agricola, e sobre todas as fórmulas de exploração agricola, tanto no nosso clima, como nos climas tropicaes; — adornado com centenares de optimas gravuras explicativas, e escripto em estylo ao alcance de todas as intelligencias, ainda as menos cultivadas. 2 grandes volumes com 1:400 paginas, encadernados 8:000 réis.

O REGENTE

Tragedia historica de Marcellino Mesquita, actualmente em scena no theatro de D. Maria II, 1 volume br. 400 réis.

DOR SUPREMA

Tragedia burgueza de Marcellino Mesquita, representada com extraordinario exito no theatro de D. Maria II em 1896; 1 volume, 2.^a edição, br. 400 réis.

BRANCO E NEGRO

Tomo I, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina, a preto e ouro, 1:900 reis.

*

Tomo II, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina a preto e ouro, 1:900 reis.

VELOCIPEDIA PRÁTICA

Por D. Miguel d'Alarcão, official do exercito e Presidente do Real Club Velo-cipedista. Livro indispensavel a todos os cyclistas, e aos que queiram aprender a andar em bicycleta, 1 volume adornado de muitas gravuras explicativas, br. 300 rs. Enc. 500 reis.

Branco e Negro



OLHOS DOCES

PREÇO 40 REIS

N.º 63

REPRODUÇÕES

DE

Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a óleo,
aguarell, etc.
lustrações de toaa
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE

Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do q̄ se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva sofre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaequer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-s̄ de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qū esquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)

	3 meses	6 meses	12 meses
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1.010 réis	2.200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1.030 "	2.300 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1.050 réis	2.100 réis	4.200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 63

LISBOA, 13 DE JUNHO DE 1897

2.º ANNO

Escolas Industriais Portuguezas

A ESCOLA AFFONSO DOMINGUES EM XABREGAS



JOAO VAZ

ENTRE nós o ensino profissional tem já um notável desenvolvimento que emparelha com o que se ministra lá fóra. As escolas multiplicam-se no paiz e as já criadas até hoje tem dado resultados bastante satisfatórios que, mais tarde, se hão de traduzir em verdadeiros benefícios.

O Branco e Negro inicia hoje a reprodução das diferentes escolas industriais começando pela de Xabregas, dirigida proficientemente pelo ilustre pintor João Vaz.

Esta escola, situada em Xabregas, está destinada a prestar relevantes serviços, principalmente ao numeroso pessoal das fabricas e officinas d'aquela extensa área e ainda a um grande numero de menores que, falhos de quaisquer conhecimentos, litterarios ou profissionaes, ali vão fazer um util tirocinio que lhes dê um honesto e seguro modo de vida.

A FUNDAÇÃO DA ESCOLA

Extremamente modesta no seu começo, a escola «Affonso Domingues» installou-se no predio n.º 3 da calçada do Grillo, no qual occupava o pavimento n.º 1, realizando-se a sua inauguração a 24 de novembro de 1884.

Como professor de desenho d'essa escola foi então nomeado o distinto artista João Vaz, que mais tarde assumiu a direcção d'aquelle estabelecimento, cargo este em que até hoje tem dado as mais apreciaveis provas de zelo, intelligencia e aptidão.

No anno lectivo de 1884 a 1885 o numero de matriculas foi o seguinte :

Cursos nocturnos industriais : sexo masculino 36, sexo feminino 1 ; cursos diurnos de desenho elementar : sexo masculino 7, sexo feminino 9.

A aula de desenho elementar estava installada na maior sala, tendo nove carteiras com dois assentos, com lugares para 18 alumnos. A aula de desenho industrial ocupava tres pequenas casas, comunicando entre si, dos quaes cada uma tinha duas carteiras de tres lugares, podendo, portanto, conter tambem 18 alumnos.

N'estas condições, a escola «Affonso Domingues» não podia admitir á frequencia todos os alumnos que se apresentavam, muitos dos quaes ficavam á espera da vaga para poderem utilizar-se do ensino ministrado na escola.

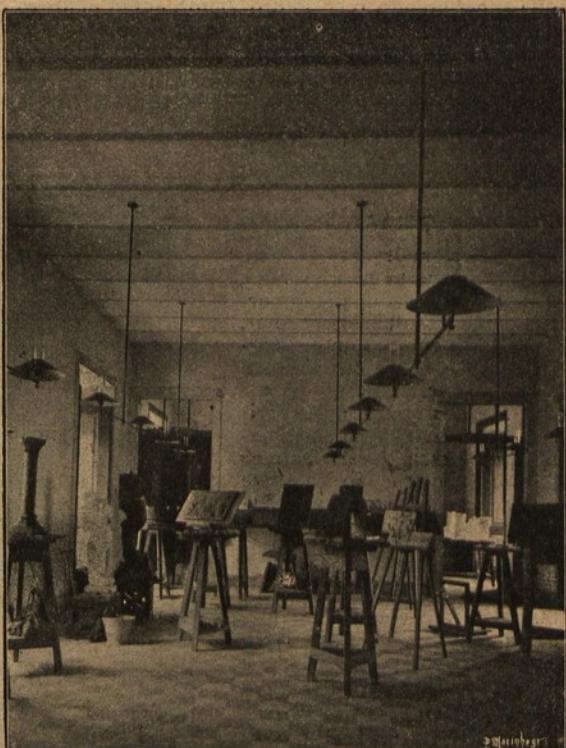
Por despacho ministerial de 24 de agosto de 1886 eram creadas na escola «Affonso Domingues» as officinas de trabalhos em madeira, em metal e de pintura decorativa, melhorando e aperfeiçoando assim o ensino ali professado.

Pouco depois a escola passava a funcionar na calçada

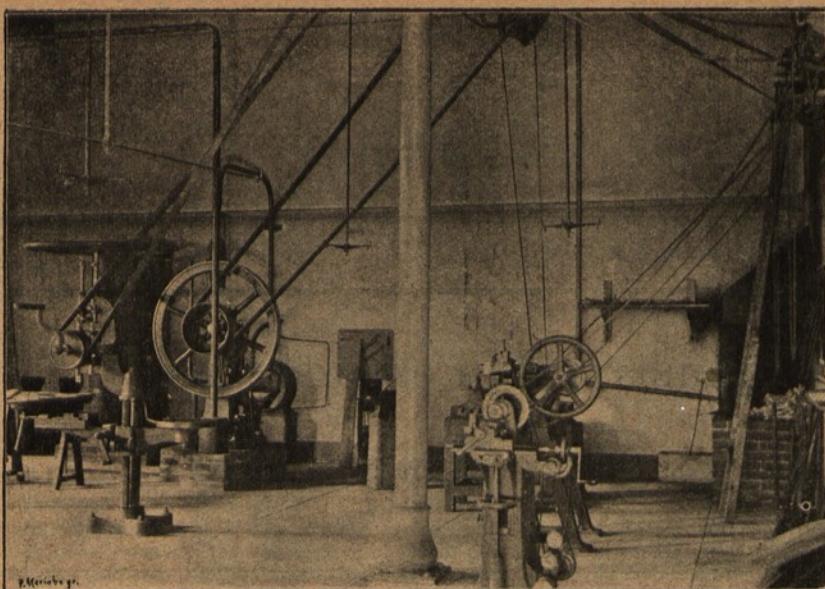
da Cruz da Pedra, 10, inaugurando-se as aulas em o novo edificio no dia 7 de janeiro de 1887. As salas eram mais numerosas do que no outro edificio, mas bastante pequenas, tornando-se por isso necessário pensar em nova instalação, mas em condições de estabilidade e de modo a satisfazer por completo ás varias exigencias do ensino em um estabelecimento d'aquelle ordem.

Entretanto a escola continuava a ser bastante frequentada, colhendo os alumnos notável proveito d'essa frequencia, como se evidenciou em uma exposição realizada na Escola Marquez de Pombal, em Alcantara, e na qual foram apresentados trabalhos dos alumnos das escolas Marquez de Pombal, Affonso Domingues e Gil Vicente, sendo muito para notar e apreciar o modo como n'essa exposição figuraram os trabalhos dos alumnos da escola de que hoje n'este artigo nos ocupamos.

As necessidades do ensino tinham-se, no entanto, tornado mais imperiosas, exigindo augmento do pessoal docente. Foram por isso nomeados, no anno lectivo de 1889 a 1890, os distintos professores Thomaz Bordallo Pinheiro e Nicola Bigaglia, cuja proficiencia, aquelle no ensino do desenho de machinas e este no ensino do desenho architeconico, muito contribuiu para o bom exito



AULA DE MODELAÇÃO



OFFICINA DE SERRALHERIA

alcançado n'aquella exposição pelos alumnos da escola Affonso Domingues.

N'uma exposição realizada na cooperativa Caixa Económica Operaria, tambem os trabalhos dos alumnos d'aquella escola figuraram de modo muito honroso, tanto para elles como para os professores que os haviam dirigido e encaminhado no estudo.

O NOVO EDIFÍCIO DA ESCOLA

Afortunadamente, chegou um momento em que se tornou viavel a ideá de installar a escola em condições definitivas de estabilidade e de commodidade.

Por proposta do dígo inspecto da circunscripção do sul, sr. Luciano Cordeiro, que tem procurado zelosamente desenvolver e aperfeiçoar o ensino nas escolas a que superintende, o sr. Pedro Victor, então ministro das obras publicas, determinou que se dësse começo ás obras de adaptação de uma parte das construções annexas ao Asylo Maria Pia, em Xabregas, feitas, segundo parece, para ampliação do mesmo edifício e que se prestavam excellentemente ao fim desejado.

Aquellas construções estavam desaproveitadas e por acabar, formando uns grandes casarões escorados com vigas de madeira nos dois pavimentos que se haviam levantado. Era, portanto, acertada a escolha, havendo uma economia importante nos trabalhos a executar.

As obras começaram em março de 1892, sob a direcção do archictecto sr. Avila.

Além dos trabalhos da divisão e distribuição das aulas, feitas por indicações do directo da escola, o sr. João Vaz, teve de fazer-se o vigamento em ferro sustentado por columnas tambem de ferro, ficando estas dentro das paredes ordinarias dos corredores e as vigas occultas pela ornamentação que forma a sanca nas aulas. Todo este trabalho de adaptação e transformação foi habilmente delineado e executado, podendo dizer-se que o edifício em que actualmente funciona a escola se acha em excellentes condições não só pelo que toca

á distribuição das aulas e officinas, que são vastas, bem arejadas e fartamente illuminadas, como tambem pelo que diz respeito á hygiene, cujos preceitos foram rigorosamente atendidos e respeitados.

Em agosto de 1897 as obras, que estavam sendo executadas por conta do ministerio das obras publicas, foram, por ordem do respectivo ministro, que era então o sr. dr. Bernardino Machado, entregues á direcção da escola que as concluiu ex: principios de novembro, realisando-se a inauguração solemne da escola no dia 24 de dezembro.

Durante a administração do director, gastaram-se no acabamento da obra, illuminação, estuques, trabalhos de carpintaria, pinturas, cantarias, grades, ferragens, materiaes, etc., réis 3:324\$205.

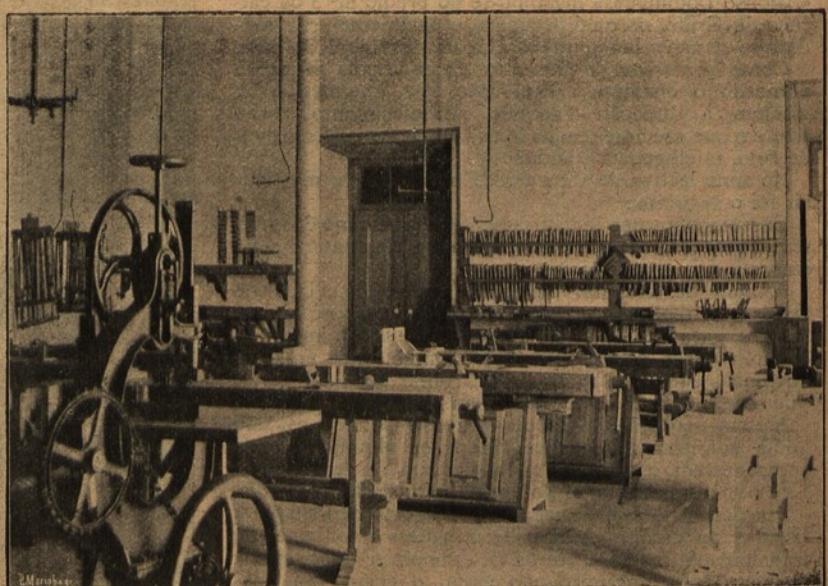
No mobiliario, feito por novos desenhos do director e do professor João Vaz dispender-se a quantia de 919\$400 réis.

Se o aspecto externo do edificio não tem a elegancia e a unidade que teria uma construção destinada desde o seu principio a uma escola de desenho industrial, como por exemplo a escola «Marquês de Pombal», em Alcantara, construida expressamente, em compensação a disposição interna é boa e as obras da adaptação fizeram-se com relativa economia.

Ao chegarmos em frente do edifício da escola, deparamo-nos um grande portão de ferro, passando o qual entramos em um vasto pateo ajardinado. A direita fica a entrada da escola, notando-se no atrio uma guarrição de azulejos que pertencem ao extinto convento da Encarnação. Os medalhões decorativos que se veem no atrio, contendo em monogramma as letras A. D., iniciais de Affonso Domingues, são de bom efeito e foram executados pelos alumnos da escola.

No pavimento terreo acham-se installadas as officinas de carpinteria, marcenaria e serralheria.

No 1.^o pavimento, para o qual se sobe por uma espiral escada adornada de modelos de figura, em gesso, acham-se, além das habitações do director, o gabinete dos professores, a secretaria e as aulas de desenho de machinas, de architectura e de modelação.



OFFICINA DE CARPINTERIA CIVIL



AULA DE MACHINAS

A secretaria é pouco luxuosa, não sendo justo para extranhar, mas antes para louvar, o que não a impede de apresentar um certo tom de elegancia artistica. Em um armario que ali existe nota-se uma curiosa collecção de modelos, em cordas e madeira, de todos os apparelhos d'um barco, executados por um operario do Arsenal de Marinha, que revela notavel aptidão n'aquelle genero de trabalho.

No segundo pavimento acham-se installadas as aulas de pintura decorativa, de desenho ornamental, do desenho elementar, de geometria e arithmetic.

Neste pavimento acha-se tambem installada a bibliotheca da escola, cujo mobiliario, composto de duas mesas e quatro armarios de pitchpine, foi executado por um antigo e distinto alumno da escola, o sr. João Umbellino Vellez, actualmente mestre da officina de carpintaria do Asylo Maria Pia.

Aula de pintura decorativa.— Esta aula, habilmente dirigida pelo director da escola, tornase notavel pela sua ornamentação, executada pelos alumnos, sendo d'estes não só o trabalho de modelação dos porticos, como todo o trabalho de estuque e pintura.

Aula de desenho ornamental.— Esta aula, dirigida tambem pelo professor João Vaz, tem logares para 15 a 20 alumnos, encontrando-se ali uma abundantissima collecção de modelos de ornato e figura, em gesso, o que ha de melhor no genero, de variados estilos e escolas, sendo muito para notar os motivos ornamentaes, tabel-

las e medalhões copiados de alguns dos nossos mais apreciados e valiosos monumentos archetectonicos. O modo da reilluminacao n'esta aula, por meio de lampadas e reflectores, é bastante engenhoso e produz excelente resultado.

Aula de desenho elementar.— Esta aula tem logares para 60 alumnos, havendo duas filas de carteiras com tres logares cada uma. É tambem excellente o sistema de iluminacao, como é tambem notavel a variada collecção de modelos de ornato e de geometria que profusamente se encontram n'esta aula.

Aula de geometria e arithmetic.— E' uma das menos vastas. Tem ainda assim logares para 20 a 30 alumnos. Na parede do fundo está a carteira do professor assente sobre um pequeno estrado, ficando lhe á esquerda uma pequena mesa e á direita o quadro preto, onde os alumnos executam os calculos de arithmetic e algebra e onde tambem se exercitam no traçado das figuras de geometria. Na parede opposta vê-se, sobre uma prateleira, uma variada collecção de solidos geometricos.

Todas estas aulas estão installadas no pavimento superior.

As aulas do pavimento inferior são as seguintes :

Aula de desenho de machinas.— Esta aula, é uma das mais vastas da escola. A luz entra-lhe durante o dia por um grande numero de janellas, sendo tambem excellente a illuminacao durante a noite. Além de um grande numero de mesas, tem 4 grandes carteiras duplas, havendo actualmente logares para 30 alumnos, numero que pode facilmente ser augmentado, logo que seja necessario. Encontra-se n'esta sala uma grande collecção de modelos de machinas, não só em estampas, como em madeira e ferro, o que contribue para a proficuidade do ensino.

Aula de architectura.— É muito elegante o aspecto d'esta aula, bastante vasia tambem.

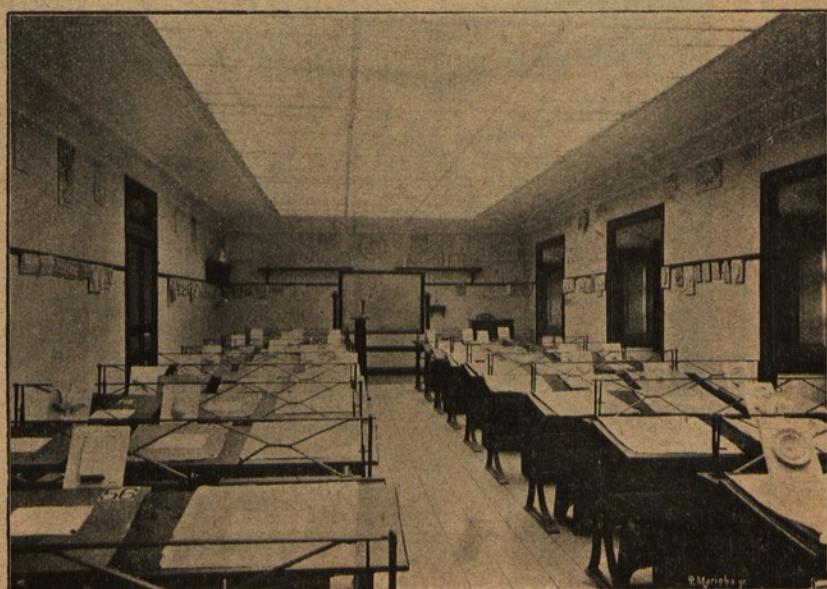
Tem quatro grandes carteiras duplas, sendo muito notavel a collecção de modelos especias de architectura, em gesso, que adornam profusamente as paredes.

Aula de modelação.— Está montada em muito boas condições esta aula.

AS OFFICINAS

As officinas, que ocupam o pavimento terreo, como já dissemos, foram installadas sob a direccão do professor sr. Thomaz Bordallo Pinheiro, sendo as machinas, bem como as ferramentas, fornecidas por intermedio do Instituto Industrial de Lisboa, na importancia de 3:600.000 réis, incluindo todo o trabalho de instalação.

Essas officinas são as seguintes : serralheria civil, serralheria mechanica, fundição, carpinteria civil e carpinteria mechanica, sendo as officinas mechanicas diri-



AULA ELEMENTAR

idas pelo professor sr. Thomaz Bordallo Pinheiro.

Officina de serralheria (para torneiros e forjadores) — Existe n'esta officina o seguinte material: 1 laminador, 1 machina de *fraisar*, 3 engenhos de furar, sendo um movido por correia, 22 tornos de bancada de diversas dimensões, ferramentas miudas taes como tarrachas, tornos de mão, esquadradinhos, compassos, martellos, limas, etc., um torno mechanico automatico com todos os pertences, 1 torno mechanico automatico de typo menor, 2 tornos de marcha para acabamentos d'obra e para madeira, ferramenta inherente a estes tornos, 1 forjo construida em tijolo e ferro, 1 pequena forja volante, 2 vallettes, 1 suecia, 1 ventoinha movida a correia, e toda

a ferramenta necessaria ao officio, como malhos, tenazes, assentadores, moldes, etc.

Officina de fundição — Tem o seguinte material: 3 fornos de cadiño aquecidos a gaz, 1 caixão para moldação, caixas para moldes, balança e toda a ferramenta necessaria e inherente ao officio.

Officina de carpinteria — E' o seguinte o material d'esta officina: 4 bancos para carpinteiros de moldes, 4 ditos para marceneiros, 4 ditos e bancada comprida para carpinteiros civis; ferramente respectiva e indispensavel aos tres officios.

As officinas teem tambem armarios, ferramentaes, bancadas com gavetas, prateleiras, etc.

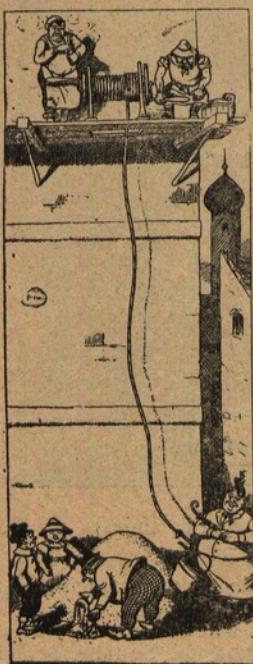
CICLYSMO



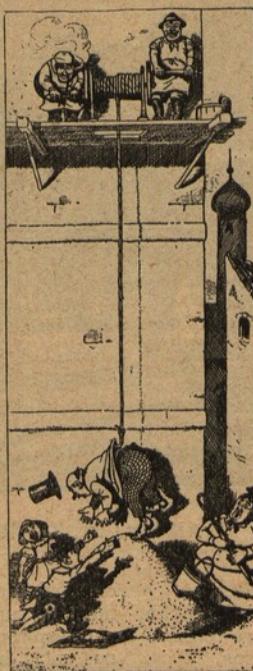
JOSE BENTO PESSOA (natural da Figueira da Foz)

O vencedor no ultimo certamen Internacional de Ciclistas em Madrid

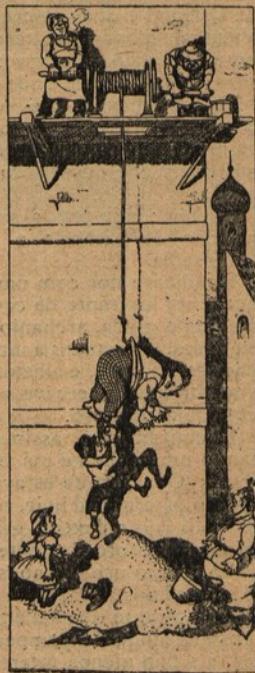
UMA FAMILIA PELOS ARES



1



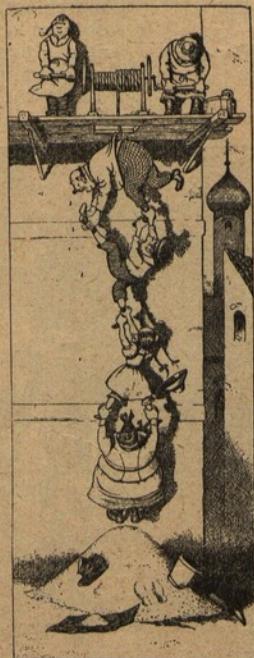
2



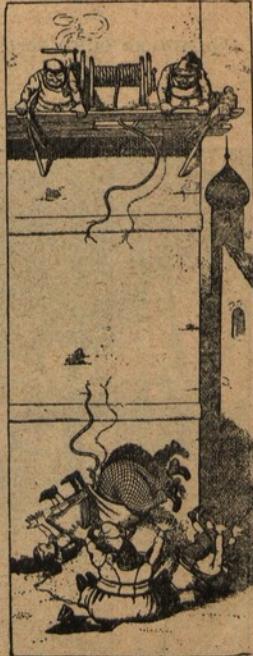
3



4



5



6

O GRUPO ACADEMICO FOOT-BALL

(A PROPOSITO DOS SEUS EXERCICIOS EXECUTADOS NO CAMPO GRANDE NO DOMINGO ULTIMO)

Há bastantes annos, desembarcavamos em Lisboa, vindos de S. Miguel, entre outros, Anthero de Quental e quem escreve este artigo. Viemos ambos para terra no mesmo bote. Quando nos aproximavamos do cais da Alfandega, onde como de costume, á chegada de paquete, enxameiam interessados e curiosos, observava-nos Anthero, já animado do azedume que n'elle despertava sempre a capital:

— Olhe; alli tem a synthese da população de Lisboa: o aspirante e a lambisgoia.

E indicava-nos com um aceno de cabeça, um aspirante de cavalaria e uma menina e moça, archanjo de *salsifres*, os quaes, encostados a um anteparo que dava sobre o rio, e alheios a todo o movimento que os cercava, se babavam em colloquio amoroso.

Effectivamente, assim era, desconcertando um pouco na má vontade de Anthero. O aspirante estava na evolução para o aspirante d'hoje, rapazes de porte mais rijo e dextro, graças á educação mais acentuadamente militar.

E' pena o uso e o abuso das lunetas e monoculos.

O aspirante d'aquelle tempo, por um resto de tradição, gostava ainda de pompear a bella da cabelleira romântica, e a não menos interessante cintura de vespa.

O que não podemos afirmar é se então ainda era uso a barretina á banda.

No nosso tempo d'aspirante, a barretina bem tombada á direita, sobre um penteado de pôpas oleosas, e ressendendo á espirito de lucia-lima, era o ultimo *chiquismo*. Passava entre nós como cousa corrente, que poucas lhe resistiam. Assim, o aspirante era a chrysalida d'onde sahiam aquelles alferes de quem Junqueiro rimando dizia serem:

«O encanto do inimigo, o terror das mulheres.»

*

Quanto ao outro vertebrado de

«sorriso

«liso

«que nossas almas prende.»



AMARO DE BARROS (vencedor na corrida de andas)

esse infelizmente presiste, devido a circumstancias económicas superiores á sua vontade.

O aspirante cultiva ainda os amavios da lambisgoia' nas suas horas vagas? Não sabemos. Se tal é, devem ser mais afortunados do que os seus antecessores, pois que sendo actualmente como alumnos, todos de cavalaria ligeira, é natural... que cheguem mais depressa.

*

O tipo da população masculina da capital, esse tem melhorado consideravelmente nos ultimos annos. As nossas observações directas atribuem esse melhoramento principalmente, ao elemento provinciano, presentemente numerosissimo na cidade, e ao cruzamento do bom sangue da província com o lymphatismo alfaiinha, graças á facilidade de comunicações terrestres, que rompeu os limites da vida regional, e abriu Lisboa á invasão... dos portuguezes.

*

As sociedades de educação física, estabelecidas recentemente entre nós por imitação do estrangeiro (abençoada imitação esta), se já teem concorrido também para a formação plástica, acentuadamente viril, d'alguns rapazes que conhecemos, mais e muito mais ha de produzir, pois que tais sociedades são, pôde-se dizer, nascentes.

Aquella cujo titulo encima este artigo, e como elle está indicando, é composta de estudantes, cerca dos 20 annos d'edad. Ao contrario de certas sociedades que dispõem, na séde, de salas e salões com todos os requisitos, mas que nada produzem do anunciado nos titulos, esta trabalha a valer e tem sua séde na... loja de capellista da sr.^a D. Maria Augusta, rua dos Anjos n.^o 51. Os rapazes tiveram em principio uma casa sua para reuniões; mas conhecendo que era essa a sua desgraça, porque discutiam e berravam todos ao mesmo tempo, como quem está em sua casa... puzeram-lhe escriptos.

Os seus trabalhos executam-se em



AUGUSTO DE FREITAS (vencedor nas corridas da Primavera)

qualquer parte da superficie da Terra. Já veem que não lhes falta por onde escolher. Os de pedestrianismo e velocipedia, em estrada, e os jogos de cricket, law-tennis, e foot-ball em terreiro. Quota mensal, 100 réis, para compra d'utensilios dos jogos. E mais nada.

No ultimo domingo trabalharam no Campo Grande, em concurso de:— *Corredores* (corridas de velocidade e resistencia);— *Andarilhos*, (em andas) e — *Bicyclistas*. Augusto de Freitas foi o vencedor na corrida de resistencia e de bicyclistas, Armando de Barros na de andarilhos; Vieira d'Almeida e Jorge Amado nas duas restantes corridas pedestres. A' noite fez-se a distribuição das medalhas e diplomas no salão do Club Portuguez, na presença dos delegados das sociedades congêneres.

Augusto de Freitas, que nós conhecemos (ha dois annos), um lymphatico, em casa de seus paes, está em via de ser um mocetão valente. Depois de ter feito a correr incessantemente as quatro voltas ao Campo Grande (12:000 metros), sabem, ao chegar á meta, o que fez para descansar? Montou imediatamente n'uma bicycleta, e lá se foi embora pelo Campo abaixo, esquivando-se á ovacão.

*

Terminaremos dirigindo-nos a todas as sociedades portuguezas da indole tractada n'este artigo, e supomos ter direito a que nos justifiquem a ousadia pelo muito que as temos aplaudido. Queremos referir-nos a dois assumptos que se nos afiguram sensatos e oportunos, para não dizer tambem necessarios.



JORGE AMADO (vencedor na corrida de juniors)

Um é o pedirem á Camara Municipal que auctorise o ex.^{mo} sr. Cordeiro, dedicadissimo até á paixão pelo seu querido Campo Grande, a que abra n'elle um terreiro para jogos de croquet, cricket, law-tenis, foot-ball, e semelhantes. Seria este taboleiro, para os habitantes da Lisboa oriental, o correspondente ao das Salesias, na Lisboa occidental.

O outro, o realizarem uma reunião de delegados, um por cada sociedade, para acordarem na technologia portugueza do que é relativo aos novos jogos e exercícios, mantendo apenas dos nomes estrangeiros os titulos geraes, já consagrados em todos os paizes. N'estes termos uma technologia nossa viria de direito tomar o lugar a essa miscelanea polyglota que está sendo usada por muitos, mas entendida sómente pelos que estão em graça.

A tal respeito nada mais accrescentaremos ao que escrevemos no n.^o 2 do 1.^o anno d'este semanario. O exemplo já dado no *Manual d'esgrima*, pelos officiaes da escola de Mafra, devia estar presente aos olhos de todos. E' uma necessidade de ordem e de methodo.

*

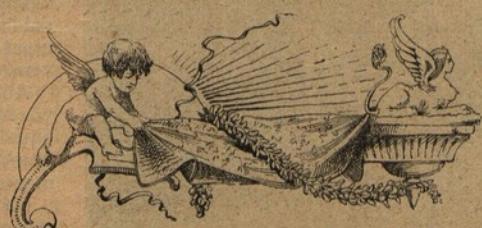
Mais uma lembrança, e essa será a... ultima e irrevogavel.

Que todas as sociedades a quem nos referimos, estudassem de commun acordo, um plano de exercícios e jogos, que por occasião das festas do centenario da descoberta da India patentessem publicamente o valor e alcance d'essas instituições. E que bom era se entre os novos jogos, vissemos, n'esse grandioso certamen, resurgir os exercícios de força, destreza e agilidade dos nossos antepassados do tempo das descobertas!...



GRUPO DE SOCIOS QUE TOMARAM PARTE NA CORRIDA

HENRIQUE DAS NEVES.



AS ESPERAS DE TOIROS



NA POVOA

A pedido dos amadores d'este novo *sport*, onde o comico se alia algumas vezes ao tragico, como já sucede, resuscitaram as esperas de touros, outr'ora tão brilhantes e em que entrava a fina flor da fidalguia portuguesa. Para que o leitor do *Branco e Negro*, que está longe de Lisboa, conheça a maneira como estas esperas de toiros se fazem, transcrevemos a narração de um chronicista, a propósito da ultima espera, onde houve de tudo — sustos, quedas e gargalhadas.

«Cada vez se torna mais concorrido e popular o divertimento da espera dos touros, que foi dos mais característicos e empolgantes nos tempos do marquez de Castello Melhor, dos Maniques, dos Galveias, e Galaches, e d'outros illustres marialvas que tinham o seu quartel general no *Marrare do polimento*, de saudosa memoria. A concorrência de honrem á espera dos 12 cornupetos que o sr. visconde de Varzea enviou do Carregado foi espantosamente grande, e tal que os carros americanos da estação do Arco do Cego, todos postos em movimento, não deram vencimento ao ser-

vigo, pois que a maior parte da gente foi a pé por não ter lugar nos carros da viação. Isto sem falar nas pessoas que foram em trens, nos cavalleiros e cyclistas, que eram em grande numero.

Esta influencia pelas esperas de touros, que de sabbado para sabbado mais se anima e se accentua, recae em beneficio de todos os lojistas do extenso trajecto seguido pelos touros e mesmo até ao Arco do Cego; dos donos de trens d'aluguer; da companhia dos americanos; das instituições de caridade, como o Albergue das Crianças Abandonadas e Asylo de D. Pedro V, que tiram das esperas um bom producto, e até da guarda municipal, visto que cada soldado tem a gratificação de 1.500 réis, 1.500 réis os cabos e 2.000 réis os sargentos. São innumerá as pessoas que lucram, directa ou indirectamente, com as esperas de touros, desde que elas cahiram no agrado do publico.

Era curiosissimo o aspecto que offre-



CHEGADA DA GUARDA, a receber ordens do Ezequiel, á Povoa



O MAIORAL E O EZEQUIEL, preparando os bois para partirem
168

racia o caminho desde o Campo Pequeno até á Povoa, por onde deviam passar os touros.

Não havia muro, varanda ou janella que não estivesse povoada, por senhoras especialmente.

O gado levantou das pastagens pouco depois das 4 horas e veiu vagarosamente até ao Campo Grande, sem novidade.

Neste ponto, quando a impaciencia do publico já era grande por não haver vestigios do gado, apareceram dois soldados de cavalaria da guarda municipal a todo o galope, levantando nuvens de poeira a diante d'elles.

Ahi veem os touros! gritaram mil vozes n'um entusiasmo febril, e toda aquella multidão de gente se animou como que despertando do aborrecimento em que jazia.

Na estrada, os mais afotos procuravam bom lugar na proximidade do sitio por onde deviam passar os feros bichos, e os mais cautos tratavam de procurar sitio em que estivessem ao

abriço d'algum precalço. Toda a gente imaginou que os touros viesssem na esteira dos dois fogozos cavalleiros, mas no fim de contas viu-se que era rebate falso. Os cornupetos do Carregado ainda vinham longe e tardaram mais de vinte minutos em aparecer após a guarda avançada dos cavalleiros, ou a flecha segundo o termo technico empregado em tempo de guerra.

Finalmente surgiu uma massa negra ao fundo do campo, envolta em nuvens de pó, e essa massa negra era formada pelo conjunto de carruagens, cavalleiros, amadores e campinos, cabrestos e touros.

Quando o gado apontou ao fundo do Campo Grande já vinha um tanto excitado, mas ainda se conservou encabrestado.

Apenas um touro, negro, vareiro, fazia repetidas tentativas de fuga, custando grande trabalho aos campinos o detê-lo.

Em frente do chafariz aquele touro renovou as tentativas de evasão, e uns

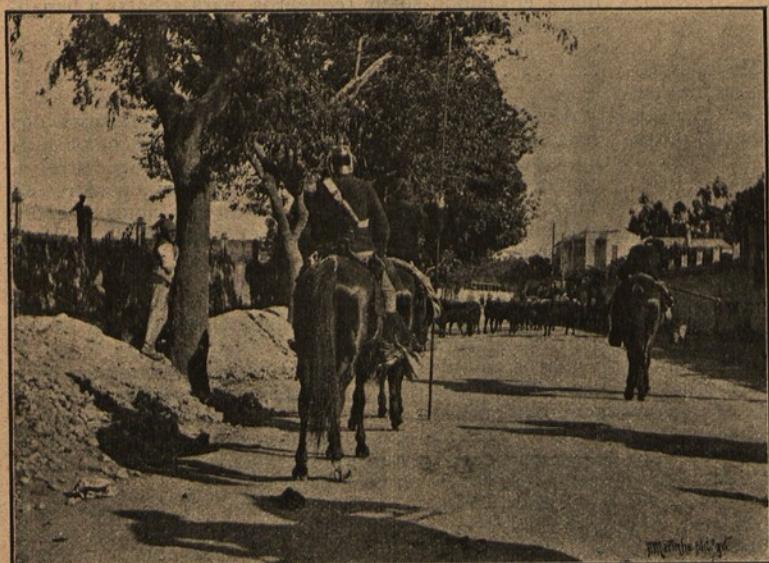


AGUADA

Um cabo da urbana, com a velocidade adquirida, foi parar quasi a Palma! Mas isto não sucedeu sómente com os peões, que tinham mais motivos para fugir: alguns dos cavalleiros que mais pimpões se faziam á cabeça do gado deixaram a correr até Lisboa, outros foram para a Ameixoeira, Paço do Lumiar, Carnide, etc. Era uma correria doida. Uma senhora que estava sobre o muro do adro da egreja dos Santos Reis gritava —ó da guarda. O terror manifestava-se por diversíssimos modos, segundo a intensidade nervosa de cada um. Houve quedas sem conto na atração da fuga e felizmente não se deu um só desastre.

Em quanto estas scenas se passavam, os mais destemidos ou os que se achavam mais seguros riam a bandeiras despregadas, e realmente o caso não era para menos. O terror foi tal em certa gente que muitas pessoas, incluindo não poucas senhoras, precipitaram-se no lago do parque, que ainda não tem agua e é bastante fundo.

O espectáculo estava animadíssimo e alguns touros iam fugindo para os la-

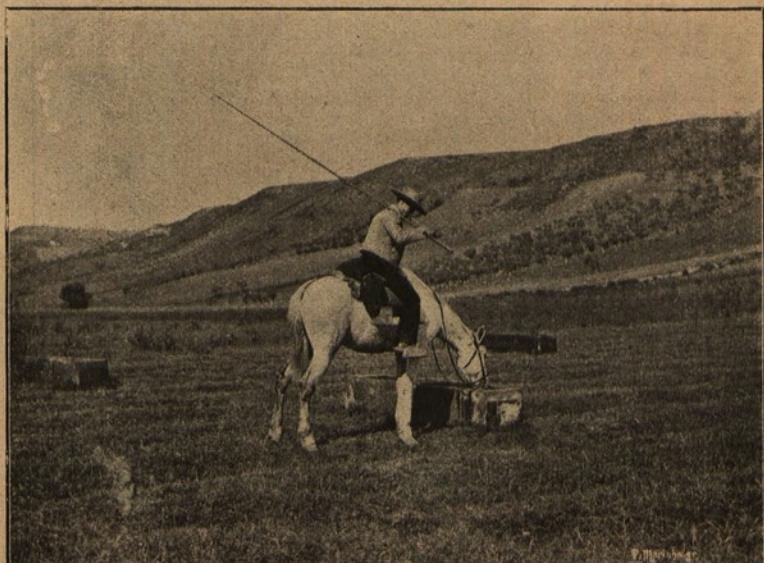


UM DESCANÇO NA ESTRADA

cavalleiros amadores, mostrando mais valentia que prudencia e conhecimento d'aquella materia, houveram por bem fustigar o animal com as varas de que vinham munidos, apezar das instantes recommendações do sr. Ezequiel de Carvalho, que lhes gritava que deixassem o touro.

O conductor do gado tinha razão: momentos depois o touro vareiro fugia, investindo furioso contra os cavalleiros que o fustigaram e que tiveram de chegar esporas aos cavallos. Não foi preciso mais para que os touros todos se trasmalhassem, invadindo o parque, tomando cada um sua direcção.

Esta fuga do gado deu lugar a grande panico e também ás scenas mais cómicas e extravagantes. O povo que se achava no campo fugia em todos os sentidos, e tal pessoa houve que só veiu parar a Lisboa, deitando os bofes pela boca, como se diz. De cima d'um muro, onde estava em segurança, um homem clamava com voz trovojante que chamassem a polícia, e entretanto a polícia dava ás de Villa Diogo o melhor que podia.



UM AMADOR

dos do Lumiar, quando os campinos os cercaram e conseguiram quasi reuni-los, não sem bastante traba'ho. O sr. José Maria Medeiros, que é um cavaleiro dos que acompanhavam o gado, prestou um auxilio muito valioso e efficaz aos campinos, pondo-se á frente dos touros com valentia digna de nota.

O gado continuou correndo, sem cabrestos e na mais absoluta desordem em direcção ao Campo Pequeno.

Nem o conductor nem algum campino á cabeça. Os touros, que não traziam nenhuma sujeição, transpozaram o tapume no seguimento de dois cavaleiros e espalharam-se pelo Campo, com grande terror dos policias que estavam da parte interior do gradeamento.

Os guardas desataram a fugir em diferentes direcções, cahindo uns, levantando-se outros n'uma atrapalhação enorme.

Felizmente os campinos estavam ao «quite», como se diz em linguagem tauromachica, e conseguiram levar os touros á praça, tendo de se arrumar o tapume, para lhes dar passagem.»

*

Do interessante livro de D. Thomaz de Mello, as *Esperas de touros em Carriche*, recordamos o seguinte trecho que nos revela o brilhantismo com que se fazia esse divertimento nas epochas doiradas da bohemia portuguesa:

«Desde o meio dia que principiavam a affluir os trens e os cavaleiros para Nova Cintra.

Era um espectáculo atraente. Sob os caramanchões, tapados de hera e *bougainville*, mesas cobertas por alvis-simas toalhas, esperavam os convivas. Trajes polychromos destacando-se por entre a verdura, davam uma nota hilariante áquelle recinto, e, entre a alegria rumorosa da conversação e o tilintar dos vidros, vinham, como sons de harpa eolia trazidos pela viração, as notas plangentes e scismadoras das banzas, gemendo fados para os lados da mina, vibradas á sombra dos vallados que se vestiam de madresilva e rosas silvestres.

Aqui, o gordo e pacato chatim, emancipando-se da sua habitual seriedade, engatilhava olhares libidinosos contra a *hetaira* que o provocava, enquanto o sexagenario libertino, mordido dos annos e rheumatismo, se aproxi-

mava, ensaiando-se em requebros, para achar a banalidade do enamorado.

A um recanto, proximo á horta, acompanhadas dos seus conversados, grupos de moçóis, de lenços de seda na cabeça e saias de chita, sentavam-se sobre a relva, comendo peixe frito e sallada, em grandes alguidares de barro, e levando de vez em quando aos labios as enormes borrachas impantes de vinho espumoso.

E por toda a parte, n'um concerto de alegria e felicidade, bebia-se, comia-se e amava-se!

Pelas quatro da tarde, corria tudo para o muro da propriedade. Era a hora em que largava o gado das pastagens dos Marnotas.

Carros com os seus freguezes preparavam-se para buscar o curro, outros seguiam até ao Senhor Roubado, fazendo horas para a passagem e ir-lhes depois no cuce.

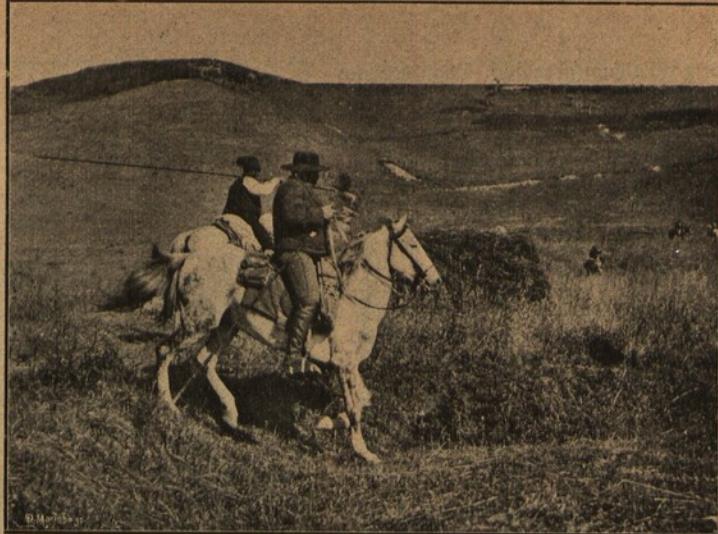
Moços *piefando* em custosos cavallos, exibiam os seus recursos hippicos, mostrando-se garbosamente á femea, envaedecidos de tantos aplausos!

Quando ao longe, cortando o silencio d'essas paragens, o ouvido experimentado apercebía o tocar dos chocinhos e o tilintar dos guisos do «boi de guias», então, rompia unisono e estrepitoso um grito de entusiasmo e cada peão, cada cavaleiro, cada conductor, buscava aniosamente o melhor lugar para caber no acompanhamento.

Depois, quando envoltos n'um torvelino de poeira, nem se distinguiam os campinos que á cabeça dos cabrestos amparavam o curro, trens e cavaleiros, guardando a devida distancia, desfilavam ao galope para a alameda do Lumiar, onde se dava um breve descanço antes de chegarem ao Campo Pequeno.

Então, n'essa corrida vertiginosa, terríveis como o corcel da ballada, era muito de ver-se, como esses cavallos, ora em huppas desencontradas, ora erguendo-se a prumo, avançavam nervosos, impacientes, ladeando, trepando, e agarrando-se com a unha valente por sobre esses montes que orlava a estrada; com as ventas dilatadas, garbosos da sua raça, crina erguida e cauda no ar, soltando no seu relincho valoroso o symbolico: Vah! de que nos falla Job.

Apoz o descanço na alameda, seguia tudo para o Campo Pequeno, onde quasi



A CHEGADA DO EZEQUIEL AO CAMPO



NO CAMPO GRANDE

sempre se chegava ao escurecer, defronte do Palacio Galveias.

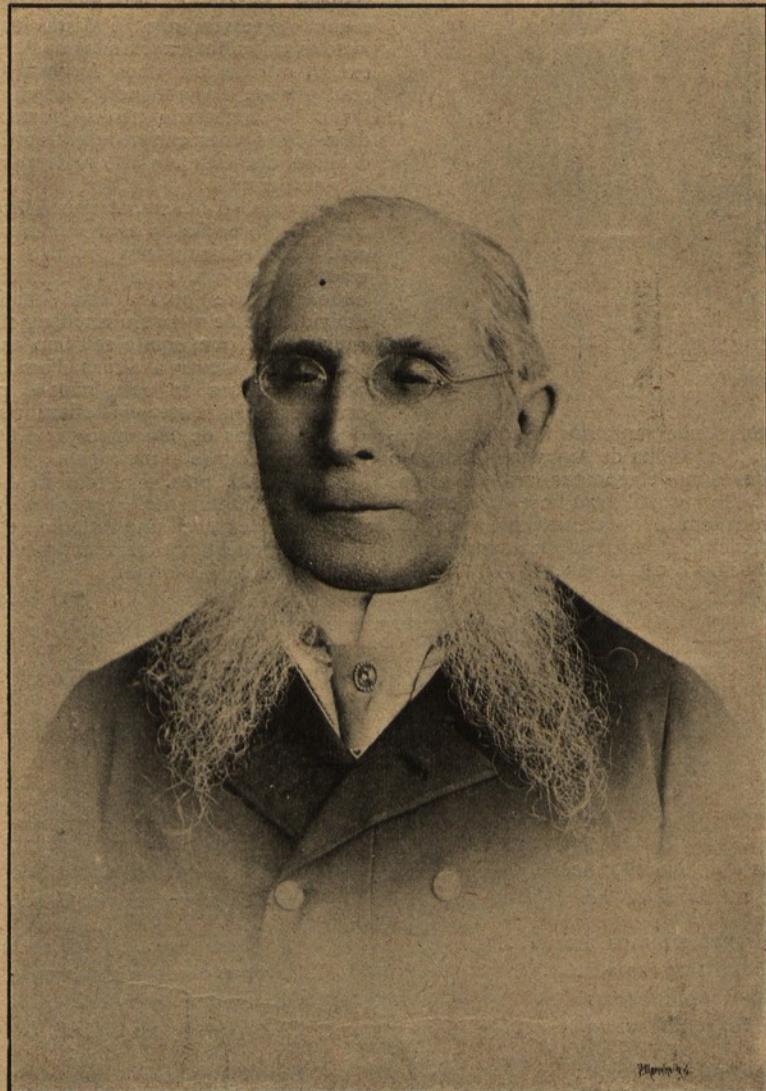
Que bons dias ali passámos na mocidade, quando o sol da ventura entredourava esses salões que mais tarde, as misteriosas leis do destino tornaram em camaras fúnerarias!

Como rejubilou de ventura aquelle velho solar tornado agora n'um padrão de immorredoura saudade!

Deixando o gado no Campo Pequeno, a maior parte dos trens e cavalleiros seguiam para Lisboa, outros demoravam-se para mais tarde ouvir os descantes do Calcinhas, até que, á meia noite, o gado tornasse a desfilar para se recolher á Praça do Campo de Santa Anna.

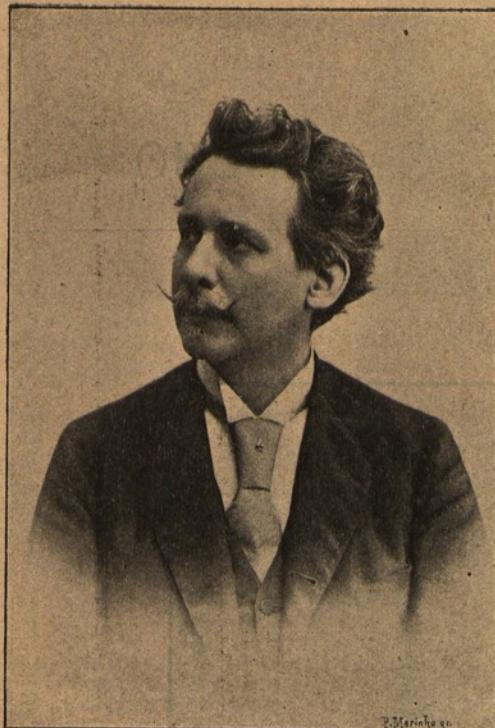
Eis em resumo a espera de touros, o melhor de todos os divertimentos d'este bom e pacífico povo de Lisboa».

DR. THOMAZ DE CARVALHO



(Fallecido em 3 de Junho de 1897)

AUGUSTO BOBONE



P. Marinho Jr.

Não é nosso intento, nem entra nos fins d'esta publicação, fazer a biographia de Augusto Bobone; o que apenas desejamos é acompanhar de duas páginas o retrato que o *Branco e Negro* hoje dá á estampa como justa homenagem a quem, muitas vezes á custa despesados sacrifícios, se esforça por engrandecer, honrar, e tornar conhecido o nos o paiz.

Artista na verdadeira e mais lata accepção da palavra, Augusto Bobone é um desmentido á afirmação, feita por muitos, de que em Portugal não ha artistas de mérito real e de que só os productos estrangeiros são dignos de apreço.

Com uma solida instrucção e vastos conhecimentos das artes e sciencias que teem correlação com a photographia, Augusto Bobone estuda constantemente procurando aperfeiçoal-a; estando sempre ao corrente da sua marcha no estrangeiro, qualquer nova descoberta ou tentativa torna-se para elle motivo de novos estudos e de novas experiencias, conseguindo muitas vezes exceder os resultados obtidos lá fóra.

Um facto recente é prova frisante do que acabamos de dizer. Apenas teve conhecimento da descoberta do dr. Roentgen com a applicação dos raios X, tratou de estudar o assumpto e, depois de varias tentativas e experiencias, conseguiu tirar magnificas radiographias que, segundo o testemunho de alguns estrangeiros que tinham visto os trabalhos executados na Alemanha e em França, excediam esses trabalhos. Augusto Bobone não descançou, porém, e mandando construir apparelhos de sua invenção, conseguiu não só tornar mais nitidas as radiographias, mas encurtou extraordinariamente o tempo de pose, que é de um alto valor para similhante genero de photographia.

Entregue só á arte, Augusto Bobone chega a esquecer-se da direcção do estabelecimento na parte commercial, e soffreria sensiveis prejuizos se não tivesse encontrado na esposa, senhora dedicadissima e de esmerada educação, que junta a estas qualidades as de grande actividade e de vigorosa intelligencia, uma collaboradora muito habil que, com o seu fino tacto e *savoir faire*, o tem sabido elevar á altura d'um dos primeiros ateliers photographicos do paiz, não só pela instalação, mas muito especialmente pela belleza, perfeição e acabamento dos trabalhos de lá saídos, que honram não só o estabelecimento, mas ainda o paiz.

Publicando, pois, o retrato de Augusto Bobone, prestamos ao inteligente e talentoso artista uma justa homenagem, e felicitamol-o pelo seu ultimo trabalho — *Raios X*, que tanta luz vem lançar sobre a recente descoberta do dr. Roentgen.

ESCALA DO AMOR

(Imitado de Aurélien Scholl)

Um dia assim é de encantar !
Vamos ao campo os dois jantar ?
Diz-me ella a rir, quando me vê.
Ré, mi, fá, sol, lá, si, do, ré.

Veste de branco a minha amada...
Canta jovial, n'uma ramada,
Um tentilhão que nos sorri.
Mi, fá, sol, lá, si, dó, ré, mi.

Ei! a saltar pela campina ;
Flôres ás mil traz a ladina,
Que, de correr, cançada está.
Fá, sol, lá, si, dó, ré, mi, fá.

Mas, no boudoir, tudo é socego !
Nem chuz nem buz ! Um tal conchego
Que inveja faz a quem é só !
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó !

De seio quasi desnudado,
Vae, com aspecto envergonhado,
Pôr-se detraz do guarda-sol.
Sol, lá, si, do, ré, mi, fá, sol.

O outono vem... — má sorte a minha ! —
Levanta o vôo a andorinha,
Que melhor ninho encontrou já.
La, si, dó, ré, mi, fá, sol, lá.

Sem medo ao frio que enregela,
Passo os serões vendo a janella
Da infiel que móra alli.
Si, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

O SONETO DA NOITE

Serenidade... Paz... Melancholia
Das horas vesperaes de Primavera.
A agonia da Tarde... A Noite, á espera
Que nos seus braços vá dormir o Dia.

Espreitam as estrellas, entretanto,
Sob os cilios da Noite... Densos turnos
D'olhos sombrios, olhos taciturnos,
Cheios de febre, d'amargura e pranto.

As horas passam, languidas de sonno,
Escondem-se, dormindo os astros claros
— Atonia... Cegueira... Desventura...

Parece a Noite um cego ao abandono...
— Empresta, ó meu amor, teus olhos raros,
A' luuosa noite, á noite escura!...

SONETO INUTIL

Contei a minha dôr aos echos dos montados:
Sangraram de tristeza as urzes dos maninhos,
Choraram de pesar os morros escalvados,
Gemeram de saudade as rolas nos seus ninhos.

Os seixos tinham dó dos meus pés magoados,
E pena do meu corpo os animaes damninhos...
Passei sem me ferir nas silvas dos vallados
— Feriu-me o meu Amor... Andei por maus caminhos!

Abri meus olhos d'alma e sem descanso, a fio,
Tentei analysar a loura Bem Amada
— Como o seu coração é des piedoso e frio!

Fui vagueando á tôa e, no meu rumo incerto
Abandonei do amor a luminosa estrada...
— Não chore mais, não chore, o coração liberto!

MARTINHO DE BREDERODE.

AFRICA DO SUL



O PALACIO DO STANDARD BANK OF SOUTH AFRICA LIMITED, na cidade de Pretoria (Transval)

AUGUSTO SANTO

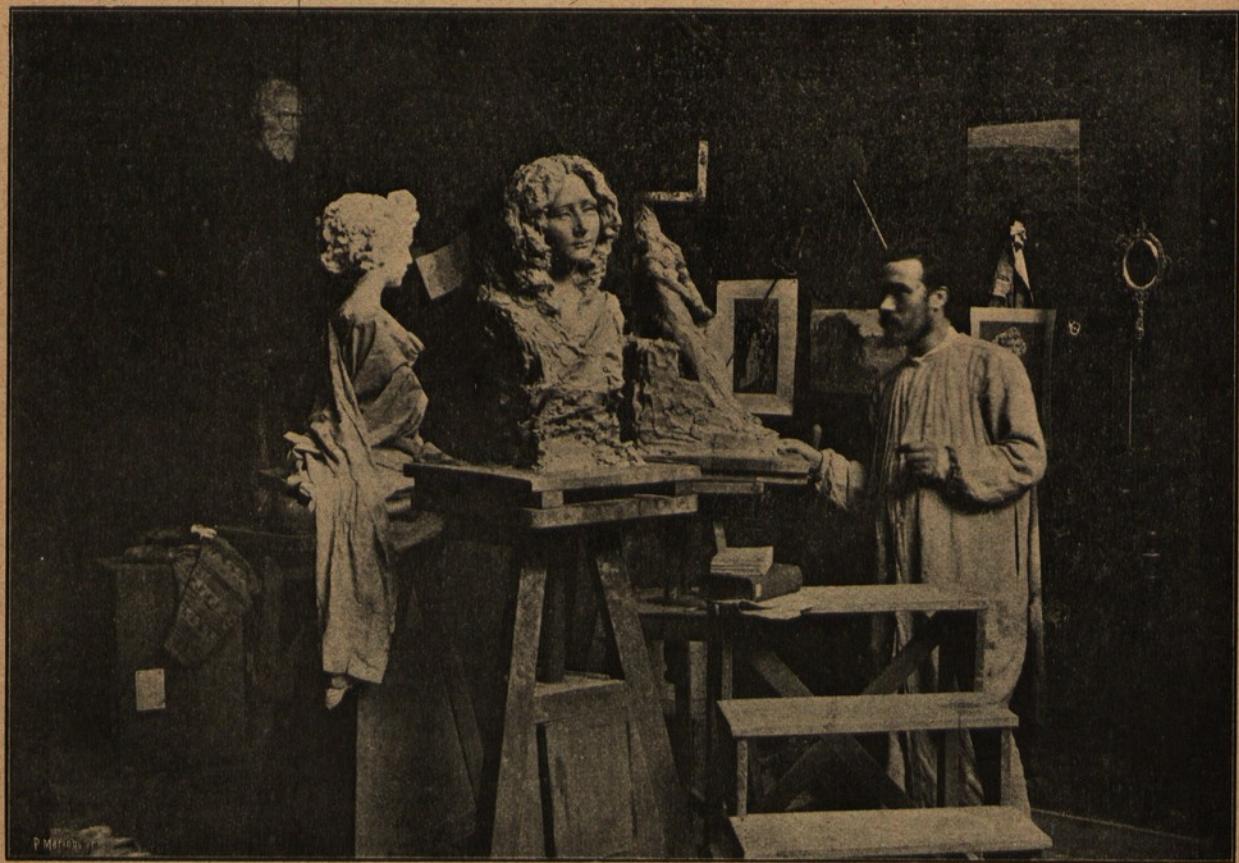
Se a correspondencia exacta e necessaria entre uma obra d'arte e o meio que ella se produz fosse uma lei geral de esthetica, como Taine sustentava tão seductora e brilhantemente, receio bem que a arte em Portugal no seculo XIX esteja condemnada a estiolar-se nas regiões obscuras da mediocridade.

Sem duvida entre nós, como em toda a parte, as formas e os ideaes artisticos, obedecendo á eterna e immutavel lei da vida, nascem, vivem, morrem e revivem conformemente ao grau da sua adaptação ao meio psychologico e ao meio social.

Mas essas fórmas e esses ideaes, como as pobres plantas, que vegetem n'um terreno safaro e ingrato, são ge-

de multiplices manifestações artisticas influenciadas directamente pelo nosso meio.

Podem citar-se n'este seculo em Portugal alguns bellos temperamentos d'artistas, pujantemente organizados e elevadamente inspirados, mas não ha escolas caracterisadas, o meio artistico é extremamente limitado, o mecenismo é geralmente uma ostentação sem orientação precisa e segura, a critica artistica é frequentemente um negocio mundano, e finalmente todo o conjunto de sentimentos collectivos, que formam o nosso meio politico e social, é pouco de molde a crear uma atmosphera respirável para as cousas d'arte, e a estabelecer esse contacto intimo entre o publico e as variadas manifestações



AUGUSTO SANTO NO ATELIER

ralmente enfesados e rachiticos, não encontram no meio ambiente elementos de vida, de desenvolvimento, de progresso, e assim a arte em Portugal no seculo XIX subsiste pobre de vigor, de originalidade e de ideal.

Não seria entre nós, na hora presente, que Phidias consultaria a opinião publica como um juiz supremo, que o Areopago se occuparia de Aspasia, ou que as lojas se fechariam para que todos fossem ouvir as leituras publicas de um poeta, como succedia em Roma com Bernardo Accolti nos bellos tempos da Renancença.

Eu creio, que são sobretudo os vicios dos factores existentes da arte, que em Portugal lhe embraçam o vôo elevado, altaneiro, dominador, e é em consequencia dos defeitos mesologicos, que na historia da arte contemporanea entre nós, ha mais que considerar as fulgurações isoladas, dissemelhantes e imprevistas da originalidade pessoal, do que a sequencia natural e harmonica

do bello, que constitue a caracteristica differential das grandes epochas artisticas, como na Grecia de Phidias e Pericles, como na Italia durante a Renascença.

Este anno a exposição do Gremio Artistico revelou ao nosso publico mais um d'esses temperamentos finamente artistas, e d'esses casos d'originalidade pessoal que provam, que não é por falta d'artistas que a arte entre nós deixa de desferir amplo e rasgado vôo.

Chama-se Augusto Santo, e é um escultor, que tendo terminado o curso da Academia de Bellas Artes do Porto, e frequentado um atelier em Paris durante tres ou quatro annos, veiu agora para Portugal experimentar a rude e dificil vida, que aqui espera todos os artistas, que não tem a felicidade (que o ceu reserva geralmente para os imbecis) de possuir alguns contos de renda.

A exposição d'este anno enviou Augusto Santo uma estatua e um busto em bronze.

Duas obras na verdade interessantes e repassadas da mais suave uncção artística.

Uma estatua representando o *Ismael* da lenda bíblica, que com quanto seja o primeiro ensaio de um principiante, pis que foi feito ha 7 ou 8 annos, revella logo um temperamento artístico de primeira grandeza, tão harmonica e pura é a ligação entre a forma delicadamente sentida, e executada com firmeza, e o sentimento, e o carácter predominante, intelligentemente derivador da somma de todas as minudencias n'uma acção harmónica e convergente.

Um busto de creança, de contornos finos e delicados, planos suaves e harmonicos, encantadora singeleza de movimento, aureolado por um sentimento indefinivel de mysterioso e de vago, que faz vibrar no espírito uma impressão perturbadora, como a que produzem os quadros de Leonardo de Vinci, d'esse insaciável investigador dos segredos do bello.

Discípulo de Soares dos Reis e de Falquiére, Augusto Santo, recebendo dos dois mestres preciosos recursos artísticos, conserva sempre o seu modo de ser particular. Não se deixa empolgar tanto pela attracção da beleza corporal como o illustre auctor das Dianas, e o sentimento, que domina as suas obras, é menos melancolico e repassado por um idealismo mais vago do que o do grande escultor portuguez.

Para mim, que considero a arte, como o amor, uma questão de sentimento, em que no dizer de Stendhal não ha que raciocinar mas sim que sentir, Augusto Santo affigura-se-me como artista o que o Werther é nos domínios da paixão, um insaciável, um idealista, um sonhador que caminha alheio ao mundo real, olvidando a noção do tempo, do lugar, da grandeza, do numero, da força, da materia, da realidade enfim, e embrenhando-se solitario pelas sendas mysteriosas que conduzem o espírito ao indefinido, ao eterno, ao absoluto, ao divino!

Augusto Santo, porém, não se deixa empolgar pelo mysterioso e pelo vago, que por vezes avisinha; como os mestres da Renascença, cultiva apaixonadamente a forma em todo o seu bello vigor, sublime serenidade e tranquilla harmonia, insuffla-lhe, porém, sempre a grande poesia do sentimento, que traduz com bastante nitidez as delicatezas de uma alma sensivel e a ideal belleza das cousas espirituas.

Não tem produzido muito até hoje, porque artista eminentemente consciencioso, desprezou os triumphos faceis da banalidade para se entregar a estudos valiosos, leituras intelligentemente escolhidas, e ensaios e tentativas perseverantes, que muito teem fortalecido o seu temperamento artístico e realçado a sua originalidade. Em compensação poderei mais tarde dizer, imitando o celebre dicto de Zeuxis, «fiz escultura devagar, mas para muito tempo!»

O que elle é incontestavelmente é uma vocação artística decidida, e um temperamento que dispõe de poderissimas aptidões estheticas.

A arte para elle não é uma profissão, mas sim uma cousa mystica e indefinivel, um culto, uma fé, um amor. Ageitando o barro da modelagem ou rasgando o marmore a golpes de cinzel ou de lima, elle gasta e consome um pouco da sua alma como se a quizesse transfundir para a sua criação. Por isso nas suas obras impera um sentimento tão delicado. *Si vis me flere, flendum prium est tibi!*

N'uma lucta constante com as difficuldades da vida real, Augusto Santo tem soffrido como só é dado soffrir aos artistas e aos apaixonados. E no entanto, alheio a tudo, vive apenas para a sua ideia fixa: a arte. Lembra-me os arabes fogosos e altivos da tribu dos enou-Azra, que no dizer das canções arabes, quando amam, só vivem para o seu amor e d'elle morrem.

No meio de todos os obstaculos, no meio de todas as luctas, com o coração inquieto e a imaginação insacia-



BUSTO DE CREANÇA (por Augusto Santo)

vel, torturado pela irrealisação das suas concepções artísticas, Augusto Santo trabalha e espera sempre, e aborvido e dominado pela emoção artística, só sente a amargura do desanimo vencel-o, quando as circunstancias materiais vêem brutalmente esmagar o seu apaixonado anseio de realizar as creações artísticas, que lhe vivem na mente.

Que afinal tudo isto é trivial na vida dos intellectuaes, e eu bem sei que, apezar de todas as rebeldias impotentes, querem os altos designios da Providencia, que a vida dos que mais sentem e melhor pensam percorra incessantemente esta humana e dolorosa orbita, meditar, sonhar, soffrer.

FRANCO FRAZÃO.



HISTORIAS PARA CREANÇAS

O CHAPELINHO ENCARNADO

(A' BÍ para quando souber lêr)

ERA uma vez uma aldeãinha, a mais bonita que até então se vira; sua mãe era doida por ella e a avó ainda mais. Esta boa mulher mandou-lhe fazer um chapellinho encarnado, que lhe ficava tão bem que por toda a parte lhe chamavam o *Chapellinho encarnado*.

Um dia sua mãe, tendo feito bolos, disse-lhe: «Vae vê como está tua avó, porque me disseram que estava doente; leva-lhe um bolo e este boiô de manteiga. O *Chapellinho encarnado* partiu logo para ir a casa da sua avó que morava n'outra aldeia.

Passando por um bosque encontrou o comadre Lobo, que teve vontade de comer; mas não ousou por causa d'uns lenhadores que estavam na floresta. Perguntou-lhe onde fa. A pobre creança, que não sabia em que perigo estava por parar a escutar um lobo, disse-lhe:

— Vou vê minha avó e levar-lhe este bolo e este boiôsino de manteiga que minha mãe manda.

— Mora muito longe d'aquí? perguntou-lhe o Lobo.

— Oh! sim, lhe disse o *Chapellinho encarnado*, é para alem do moinho que vê lá em baixo, muito em baixo, á primeira casa da aldeia.

— Pois bem! disse o Lobo, tambem a quero ir vê, e eu vou por este caminho e tu por aquelle, e veremos quem chega mais depressa.

O Lobo poz-se a correr com toda a velocidade pelo caminho mais curto e a menina foi pelo caminho mais comprido, entretendo-se a colher avellâas e a fazer ramos de floresinhas. O Lobo chegou dentro em pouco a casa da avó; bateu, toc, toc.

— Quem é?

— E' a sua neta, o *Chapellinho encarnado*, disse o Lobo mudando de voz, que lhe traz um bolo e um boiôsino de manteiga que minha mãe lhe manda.

A boa avó, que estava na cama, gritou-lhe:

— Puxa a taramella e empurra a porta.

O Lobo puxou a taramella e a porta abriu-se. Lançou-se sobre a boa mulher, e devorou-a em um abrir e fechar d'olhos, porque havia tres dias que não tinha comido; em seguida fechou a porta e foi deitar-se na cama da avó, esperando o *Chapellinho encarnado* que algum tempo depois bateu á porta, toc, toc.

— Quem é?

O *Chapellinho*, que ouviu a voz grossa do Lobo, teve, ao principio, medo, mas julgando que sua avó estivesse constipada, respondeu:

— E' a sua neta, o *Chapellinho encarnado* que lhe traz um bolo e um boiôsino de manteiga que minha mãe lhe manda.

O Lobo respondeu-lhe, adoçando um pouco a voz:

— Puxa a taramella e empurra à porta.

O *Chapellinho encarnado* puxou a taramella e a porta abriu-se. O Lobo vendo-a entrar disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo dos lençóis:

— Põe o bolo e o boiôsino em cima da arca e vem-te deitar comigo.

O *Chapellinho encarnado* despe-se e vai deitar-se na cama, onde ficou admirada de vêr de que maneira era a avó quando estava despida. Perguntou-lhe:

— Avó, para que tem os braços tão grandes?

— E' para te abraçar melhor, minha neta.

— Avó, para que tem pernas tão compridas?

— E' para correr melhor, minha neta.

— Avó, para que tem orelhas tão grandes?

— E' para te ouvir melhor, minha neta.

— Avó, para que tem os olhos tão grandes?

— E' para te vêr melhor, minha neta.

— Avó, para que tem a bocca tão grande?

— E' para te comer melhor, minha neta.

Palavras não eram ditas, o mau Lobo lançou-se ao *Chapellinho encarnado* e devorou-a.

CHARLES PERRAULT, trad. de Henrique Marques Junior.

O EMPRESTIMO, por Celso Herminio



Antes

Depois

O LIVRO DE MESMER

DIALOGO EM 1 ACTO, EM VERSO

POR

ALFREDO DA CUNHA

Representado com extraordinario exito pela actriz Virginia
e pelo actor Ferreira da Silva,
no Sarau da Associação dos Jornalistas, no theatro D. Amelia

PREÇO 200 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

AZUL E NEGRO

EXPLENDIDO LIVRO DE CONTOS

DE

AFFONSO BOTELHO

Um volume, brochado, 500 réis. Encadernado, 700 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

Anthero de Figueiredo

ALÉM...

*Livro de prosas, de que o BRANCO E NEGRO publicou um excerpto
no seu n.º 61*

UM VOLUME, BROCHADO, 400 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

Últimas Novidades Litterarias

DA

Livraria Editora ANTONIO MARIA PEREIRA

AMORES, AMORES...

Novo romance do illustre romancista Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), 1 volume br. 600 réis. Enc. 800 réis.

«Livro todo de imaginação e de sentimento, livro especialmente dedicado ás damas, não é juizo temerario assegurar-lhe um grande exito...»
(Excerpto do artigo do *Primeiro de Janeiro* de 15 do corrente.)

sciencia agricola, e sobre todas as fórmas de exploração agricola, tanto no nosso clima, como nos climas tropicaes; — adornado com centenares de optimas gravuras explicativas, e escripto em estylo ao alcance de todas as intelligencias, ainda as menos cultivadas. 2 grandes volumes com 1:400 paginas, encadernados 8:000 réis.

CORAÇÃO DOENTE

Romance de Lourenço Cayolla, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

AZUL E NEGRO

Novos contos de Affonso Botelho, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

RAIOS X

Notas praticas de radiographia sobre as primeiras experiencias feitas em Lisboa por A. Bobone, photographo. 1 volume com varias photogravuras radiographicas, br. 500 réis.

DICCIONARIO HESPAÑOL-PORTUGUEZ

Composto sobre os melhores Diccionarios das duas linguas até hoje publicados, e dirigido por Henrique Marques; tomo I, (letras A a G), 1 volume de 1:000 paginas, solidamente encadernado em linho, 2:500 réis.

MANUAL D'AGRICULTURA PRÁTICA

POR
PAULO DE MORAES

A obra mais completa, mais clara, mais minuciosa e mais prática que se tem escripto até hoje sobre todos os ramos da

O REGENTE

Tragédia historica de Marcellino Mesquita, actualmente em scena no theatro de D. Maria II, 1 volume br. 400 réis.

DOR SUPREMA

Tragedia burgueza de Marcellino Mesquita, representada com extraordinario exito no theatro de D. Maria II em 1896; 1 volume, 2.^a edição, br. 400 réis.

BRANCO E NEGRO

Tomo I, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina, a preto e ouro, 1:900 réis.

*
Tomo II, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina a preto e ouro, 1:900 réis.

VELOCIPEDIA PRÁTICA

Por D. Miguel d'Alarcão, oficial do exercito e Presidente do Real Club Velo-cipedista. Livro indispensavel a todos os cyclistas, e aos que queiram aprender a andar em bicycleta, 1 volume adornado de muitas gravuras explicativas, br. 300 rs. Enc. 500 réis.

Branco e Negro



PREÇO 40 REIS

N.º 64

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarellas, etc.
lustracões de soaa
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originais ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaisquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distintos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaisquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.^o; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)

	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1.100 réis	2.200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1.300 "	2.600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1.050 réis	2.100 réis	4.200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 64

LISBOA, 20 DE JUNHO DE 1897

2.º ANNO

A ESTAÇÃO DE S. BENTO NO PORTO

Como se sabe, trata-se de construir no Porto uma estação central de caminho de ferro, substituindo a que provisoriamente foi inaugurada ha pouco no largo de S. Bento. Ora um moço architecto de notável talento, o sr. Marques da Silva, expõe no salão da camara municipal do Porto um projecto para essa estação. A imprensa do Porto publicou os mais calorosos gabos a esse trabalho que, de resto, foi considerado pelos profissionaes como documento d'uma admiravel capacidade d'architecto.

Marques da Silva tem apenas 27 annos. Mas, novo como é, tem já uma consideravel somma de trabalho. Depois de fazer o curso da Academiā de Bellas Artes do Porto, foi para Paris, estudando ahi seis annos e tirando o seu diploma de architecto. Por occasião do concurso para o monumento a Affonso d'Albuquerque elle apresentou, com Teixeira Lopes, um projecto que foi notado. Depois apresentou-se no concurso para o monumento ao Infante D.'Henrique, no Porto, e por ultimo no concurso dos Jeronymos, tendo em ambos as mais amaveis referencias da critica.

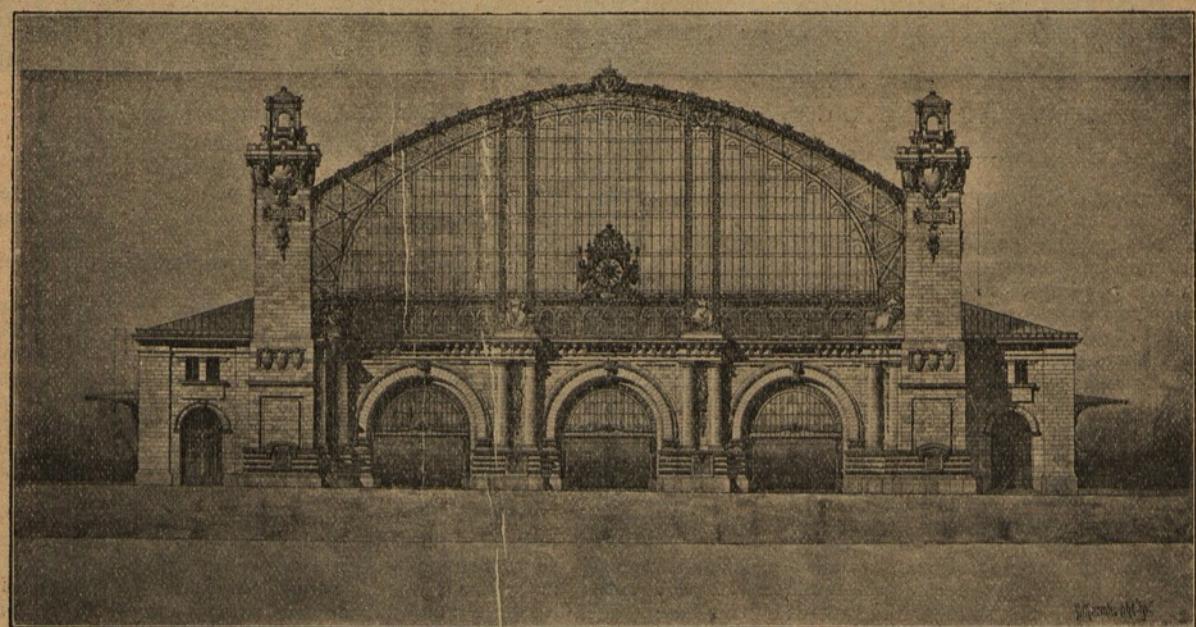
Agora o projecto para a estação de S. Bento—de que damos a reproducção da fachada—levantou um grande clamor d'applauso e os jornaes portuenses indicam a vantagem da preferencia d'esse plano. Damos a seguir a minuciosa descripção do projecto do distinto architecto portuense:

O terreno destinado á estação occupa um rectangulo, medindo em fachada 70^m,50 por 180 de profundidade. Os serviços da estação serão divididos em duas categorias distintas: passageiros e mercadorias occupam, lateralmente, na parte recuada da planta, os caes de embarque e desembarque, e os passageiros occupam a par-

te dominante, que é o centro e topo com frente para a praça de S. Bento. Descreveremos mais pormenorisadamente o serviço principal de passageiros, francamente aberto sobre a praça. Um grande vestibulo central tendo uma superficie de 43^m,40 por 12^m,70 é aberto exteriormente por tres largas portas de 7^m,10 de largo. Por elle



MARQUES DA SILVA



PORTE — ESTAÇÃO DE S. BENTO — (Projecto Marques da Silva)

se faria o movimento principal de passageiros. Ladeando-o, outros vestíbulos que cercam todo o edifício principal são exclusivamente destinados ao serviço de bagagens, cuja expedição se encontraria separadamente à direita e à esquerda das linhas e do vestíbulo central. As salas de bagagem ocupam uma superfície de 26^m por 11^m,40. As balanças na partida e os balcões na chegada seriam assim largamente installados, fazendo-se o serviço livremente sem estorvar o movimento da gare. Contornando os vestíbulos e as linhas, encontram-se todas as demais dependências, tais como bilheteiras, dando claramente sobre o vestíbulo central e bem assim a entrada e saída de passageiros; salas de espera; gabinetes do chefe e sub-chefe de gare; telegrapho; alfandega;

a coberto toda a chegada e partida de bagagens. Tres outras marquises menores abrigariam as entradas das tres grandes portas do vestíbulo central.

Sobre as salas de bagagem e vestíbulos lateraes existem, no primeiro andar, as habitações do director e chefe do movimento, do chefe e sub-chefe de gare, além de numerosos quartos para o pessoal da gare, e depositos diversos. Estas habitações são servidas por duas escadas de cada lado da gare e seriam voltadas exteriormente para as ruas da Madeira e do Loureiro.

Do lado da nave encontram-se respectivamente os quartos do pessoal.

As repartições estão installadas em fachada sobre o vestíbulo central, ocupando uma superfície de 43,40×



PORTO — EXTINCTO CONVENTO DE S. BENTO DA AVE MARIA — (Photographia Guedes)

agente da Companhia Real; serviço de saúde; watter-closets; etc.

A principal concepção do projecto consiste n'uma grande nave central, que, partindo directamente da Praça de S. Bento, vai uniformemente até aos tuneis. Todos os serviços se encontram assim a coberto em pequenas construções sob a nave, podendo dar lugar a que as linhas avancem o mais possível até à fachada.

As salas de espera são abertas sobre espaçosos passeios, onde se installariam bancos, kiosques de jornais, etc. Principalmente sob a nave se faria a espera; no entanto, em pequenos salões, aquecidos no inverno, installar-se iam mesas para leitura e correspondencia. As dependências em que se installariam todos os serviços internos da gare ao rez-do-chão seriam ligadas entre si e contornariam o topo das linhas.

O vestíbulo central sóbe a uma altura de 10 metros. N'esta altura são lateralmente incluidos os pavimentos ocupados pelas salas de bagagem e pelas habitações. Duas marquises lateraes ocupariam em fachada toda a extensão das salas de bagagem, podendo assim fazer-se

12^m,70. Tem accommodações para a contabilidade, estatística, fiscalização, tráfego, director, archivos e numerosos gabinetes.

Um largo corredor central comunica e liga todas as salas.

Em fachada principal é accentuada francamente a grande nave metallica, servindo-lhe de encontro dois pilones interiormente vazados por escadas destinadas ao serviço da cobertura. Serviriam também para subir ao pequeno pavilhão que termina cada pilone, d'onde haveria um interessante ponto de vista. Tres portas centraes em pedra cavam o espaço terminado pelo arco metallico da nave, dando abertamente entrada ao grande vestíbulo central.

Duas portas menos importantes dão entrada aos vestíbulos lateraes destinados ás bagagens. Estes vestíbulos são abertos exteriormente por 18 portas de 3 metros de largura. Os pilones seriam d'um efeito decorativo interessante n'uma cidade accidentada como o Porto. Situados ao desembocar das ruas de Mousinho da Silveira, das Flores, do Corpo da Guarda e da nova Avenida que

parte da ponte D. Luiz, na direcção da Praça de D. Pedro, das ruas de Santo Antonio e do Bomjardim, a perspectiva seria sem contestação interessantissima.

Seria além d'isso simbólico. A entrada da cidade é guardada por qualquer coisa. A imagem de dois mastros com escudos inherentes à vida histórica da cidade recorta-se na atmosphera.

As tres grandes portas de entrada são ladeadas por motivos decorativos d'uma grande nobreza d'architectura que dividem o topo da nave em tres partes. Formam grandes linhas que, partindo do solo, vão ousadamente terminar no arco metallico.

Estatuas monumentaes das 4 cidades mais notaveis do reino, grandes d'aspecto e de caracter, fazendo *silhouette* sobre o grande panno de vidro, terminariam em pedra estes motivos.

Entre as graves columnas doricas, baixos relevos contariam a vida histórica portugueza. Na base dos grandes arcos em pedra das tres portas, cabecas de leão salientando-se do anel que as rodeia, simbolisam a força bruta do vapor. Todo o corpo central da fachada assenta sobre um sóco d'um grande caracter de solidez. O edificio é construido principalmente em pedra, ferro e vidro. O emprego da pedra e do ferro conjuntamente é dos mais delicados problemas da architectura moderna.

Pedra esculptural, nobre de estilo, severa de caracter.

Ao lado, ferro levíssimo segurando-se de si mesmo. Emblemas de Mercurio no *chéneau* que corôa o arco metallico voam. Conservar a cada material a sua função, tal foi o objectivo a que o architecto obedeceu.

Uma estação de caminhos de ferro é claramente todo um grande espaço coberto, debaixo do qual entram e saem comboios. Isto é a parte dominante; o resto não são mais que predicos. Segundo esta logica, attende-se inteiramente á disposição vantajosa do edificio e obtém-se um efecto d'arte.

Sair da escuridão d'un tunnel e penetrar n'uma nave construida em ferro e vidro, leve, bem illuminada e lançada, deve ser d'uma sensação magnifica. Esta nave parte immediatamente da fachada e a sua construcção se ria ligeiríssima, illuminada de todos os lados.

Ligeira e illuminada como é, encobriria todo o fundo de quintas que hoje se avista, sem com isso abafar o espaço, na verdade pouco amplo.

Sob o ponto de vista technico fica demonstrada a vantagem do projecto, vindo apoiar essa justissima causa as suas condições de custo, em nada exageradas, antes em condições perfeitamente razoaveis. Pessoas auctorizadas julgam que o orçamento d'essa obra relativamente monumental não iria além de 250 contos.

A razão final do preço é, pois, ainda em favor do notável projecto.

«LYRA POPULAR»

POR

PEDRO VIDOEIRA

ORA aqui está um livro que se apresenta sem rebombantes reclames e que vale mais, muito mais mesmo do que muitos que para ahi aparecem precelidos de espantosos elogios nas gazetas. *Lyra popular* se chama elle; e vem assim desataviado sob esta expressão tão simples como mensageiro singelo que se apresenta ressendendo perfumes da alma simples do povo. Bem haja o sr. Pedro Videira que nos faz repousar o espirito de tanta coisa doentia e torturada, e nos abre um parenthesis de tranqüillos momentos n'este *mare magnum* de nephelibatismos e de neurasthenias irritantes.

Tudo o que parta do intimo da alma, os castos amo-

res, as alegrias simples, as suaves caricias, nos delicia e nos commove, levando-nos para a esphera azul dos sonhos brandos onde só passam, roçando leve, as azas brancas da chymera.

Este livro é, pois, um dos que estava fazendo imensa falta na litteratura portugueza, tão *pasticheada* na litteratura franceza de exportação. E escrito n'uma linguagem simples e harmoniosa, elle recorda-nos, pela sua mesma singeleza, um trecho bucolico de Virgilio, derivando entre aguas correntes e aromas de flores.

Ao acaso, — pois que tudo é tão lindo que a nossa vontade seria transcrever o livro todo — recordamos as seguintes quadras :

O meu caro e doce bem
Ha tanto me traz captivo,
Que morro quando o não vejo,
Que só a vél-o é que vivo.

Tu tens culpas no cartorio,
E culpas de gravidade,
Que o coração me prende,
Sem d'elle teres piedade.

Dês que perdi teus agrados
Não tenho mais que perder;
Porque perdi teus agrados,
Melhor me fôra morrer.

A doce luz dos teus olhos
Lembra um sol de primavera;
Aquecer-me a luz tão doce,
Aíl meu amor, quem me déra!

Chegou o triste momento
D'esta nossa despedida!
Tu vaes partir, e, partindo,
Deixas minh'alma partida.

Não sei que encantos tu tens,
Que perfeições são as tuas...
Sei que, sempre que tu saes,
Ha reboliço nas rias.

Por duas negras amoras
Podem teus olhos passar;
Por ser guloso de amoras,
Deixa-me os olhos provar.

Tranças e pé de tentar,
Bocca e olhos de morrer,
Figura e cara bonitas —
Que mais havias de querer?

São teus olhos um enigma,
Que não chego a decifrar;
Pois queimam sem me doer,
E matam sem me matar.

Se alguma vespa te morde
Essa boquinha rosada,
Eu sinto mais que tu mesma
A dôr de tal ferroada.

Hoje dizes mal de mim,
D'antes muito bem dizias.
Se outra vez eu te quizesse,
A dizer bem tornarias.

Taes promessas me fizeste
Quando cahí em te amar,
Que as promessas não suppus
Feitas de espuma do mar.

Já quebrei lanças por ti,
Agora, frio de neve,
Choro o tempo que perdi
Com cabecinha tão leve.

São tuas finas orelhas
Tão pequenas, meu amor,
Que espaço n'ellas não acho
Para um beijo lá ir pôr.

PEDRO VIDOEIRA.

"A VIUVA SIMÕES,"

APPARECEU agora á venda, em todas as livrarias de Lisboa, este novo romance da distinta escriptora brazileira Julia Lopes d'Almeida, auctora de outras obras que lhe deram nome e em que revelou, logo de principio, um grande talento.

A Viuva Simões é um romance muito bem urdido e escripto n'uma bella linguagem, clara e simples. Pelo excerpto que abajo transcrevemos podem os nossos leitores avaliar do que dizemos.

A ama Josepha rematava uma costura quando sentiu um farfalhar de sedas pelo corredor.

— Um gente? como Yayá vem bonita!

— Escute, Josepha, atalhou Ernestina, eu hoje espero uma visita aqui, em sua casa! Preciso dà sala, ouviu?

— A casa toda é sua!...

— Que horas serão!

— São duas...

— Não pôde tardar!...

Josepha correu á sala, para tirar de cima do sofá e das cadeiras, camisas engomadas, dos fregueses, que lá tinha extendo, cobertas com uma tarlatana côr de rosa. E nesse trabalho ia pensando que a Ernestina era uma tonta, mesmo uma creatura muito sem juizo, e concluia:

— Por que diabo não se casará ella de uma vez?

Quando voltou para dentro, encontrou a viuva Simões em frente do espelho, compondo os anneis do cabello.

Mirou-a toda. Nem um vestigio de luto no seu trage!

Ernestina levava um vestido de seda molle, que lhe cahia rente ao corpo, mostrando-lhe as fórmulas delicadas da cinta, do seio e das pernas. Tinha nas orelhas duas saphyras, a pedra da felicidade, que sorriam nas suas scintilações como dois olhos de anjo rebelde. Por toda ella escorría um aroma quente.

— Esse vestido é novo? perguntou a ama.

— É; não vê que tem a côr da moda?

— Azul... ou cinzento...?

— Azul electrico.

— Ah!... não sei que mais hão de inventar! Yayá agora anda muito chic!...

Ernestina sorriu; mas depressa as sobrancelhas contrahiram-se, formando ligeira ruga acima do nariz; esteve um momento silenciosa, pensativa e immovel; tornou, porém, depressa a alisar com a mão a seda do corpinho. Tirou do bolso uma caixinha redonda, pouco maior do que uma noz, abriu-a, puxou por um pompon quasi microscopico e agitou-o sobre o rosto com toda a subtileza, espalhando uma nuvensinha de pó de arroz.

— Yayá sempre dizia que não havéra de usá nunca essas coisas!... observou a ama.

— Eu era moça! e hoje...

Houve um relâmpago de odio a fuzilar-lhe nos olhos...

— É velha? perguntou a outra rindo.

Ernestina não respondeu; limpava com a ponta da toalha humedecida na agua as pestanas e as sobrancelhas, que se desenhavam negras e finas n'uma leve curva harmoniosa. Depois, sacudiu os ombros com o lenço, examinou os dentes, as unhas... e prestou o ouvido attenta; sentira passos... mas os passos passaram e ella então disse com um sorriso ironico:

— Uma mulher apaixonada não deveria nunca envelhecer.

Bateram. Josepha correu a abrir a porta da sala; Ernestina relanceou a vista para o espelho e murmurou n'um desafio quasi triumphante:

— Sara! vamos a ver qual de nós duas vence!

Dois minutos depois, ella entrava na sala. Luciano foi ao seu encontro com um modo embarracado, comquanto affavel. Ernestina fixava-o com altivez.

— Chamou-me e aqui me tem, disse ella procurando sorrir.

— Comprehende por que não lhe pedi que fosse antes a minha casa.

— Não...



— Não?

— Não.

— Devérás? E riu-se. Depois n'um tom ora precipitado, ora lento;

— Pois vae comprehendêr. Trata-se de minha filha.

Luciano não poude reprimir um movimento de surpresa. A viuva observou-o um instante e continuou.

— O senhor tem tido varias vezes a barbara franqueza de me dizer que a não pôde supportar! Ella, além de todos os defeitos da má educação, tem a enorme desvantagem de ser o retrato do pae!... Ora, reflectindo em tudo isso e de accordo com uma idéa sua, já mais de uma vez manifestada, resolví uma cousa: — casal-a!

Luciano estremeceu, mas continuou silencioso e serio. Ernestina tinha o olhar cravado n'elle, procurando estudar-lhe os gestos e penetrar-lhe no pensamento. Aquelle olhar cheio de fogo e de paixão perturbava-o tanto como as palavras que ia ouvindo.

É já tempo de lhe declararmos o nosso amor e os nossos projectos. Para que o casamento se realize, é forçoso separar-me d'ella... assim o senhor me tem dito... Aconselhe-me agora.

Luciano quiz falar, mas deteve-se. Ernestina esperou um segundo.

— Porque não responde?! O senhor nunca teve cuidado em esconder de mim o mal que lhe queria! Disse-me muitissimas vezes que a achava intoleravel, mal educada, auctoritaria, feia e antipathica! Foi por sua causa que eu a mandei para Friburgo; foi por inexplicaveis pedidos seus que escondi até hoje as nossas intenções, como se ellas fossem criminosas.

«Não me tem custado pouco o mentir á minha filha, acredite! Se ella não tivesse por mim a veneração, o amor absoluto que me faz parecer a seus olhos a mais pura e a melhor das mulheres, que julgaria de mim?!

«Muitas vezes o senhor me tem dito que pareço indiferente ao seu amor, e fria!... Entretanto, fique certo de que a minha frieza e indiferentismo teem-me custado um grande esforço, porque bem sabe que o amo com vehemencia, que o amo com paixão!»

A voz de Ernestina tinha uma sonoridade nova, ondulando, entre a censura e a queixa, e a maneira accentedada e firme porque falava revestia-a de um encanto singular.

Houve uma pausa; a viúva Simões cortou-a com aze-dume:

— Devemos casar Sara quanto antes.

— Casal-a... balbuciou Luciano como um éco.

— Sim! o Eugenio Ribas ama-a, e como é seu amigo, lembrei-me de uma cousa...

— É verdade?!

— É certo; e o que o senhor tem a fazer é o seguinte:

— Vá ter com o Eugenio, promptifique-se a pedir a mão de minha filha, depois...

— Depois?

— Vá á minha casa e consulte a opinião de Sara; elogie o rapaz, que é na verdade digno. Em seguida podemos declarar-lhe as nossas intenções...

Ernestina falava com uma linguagem estudada, reprimindo os sentimentos, domando os por um esforço de vontade que já não podia sustentar.

Contemplaram-se por algum tempo silenciosos. Luciano com espanto. Ernestina com alívio: por fim, elle disse baixo, n'um tom magoado:

— É impossível!

— Impossível! porque? Não tem sido o senhor mes-mo a insinuar, a aconselhar, a exigir mesmo, quē eu case minha filha? Além de tudo, ella ama o Eugenio...

— Ah!

— Adora-o!

— Confessou-lhe isso já? perguntou Luciano.

A viúva não teve coragem de sobrecarregar a sua impiedosa mentira e, cárando um pouco, acrescentou:

— Sei que ella o ama... vive a falar n'elle a propósito de tudo... basta ouvir-lhe o nome para embarçar-se... supreendi-a pedindo á Georgina notícias d'elle... E' natural, são ambos moços... são ambos bonitos...

— Sim... são ambos moços... Luciano baixou a cabeça entristecido por aquella confidencia, pensando na felicidade do outro. Ernestina comprehendeu-o talvez e agarrou-lhe na mão com doçura, falando lhe baixinho e tratando-o por tu, pela primeira vez.

— Oh! meu Luciano, como te amo! como eu te quero bem! Havemos de ser felizes... ha tantos annos já que nós sonhavamos com essa felicidade!... Lembras-te? Eu era ainda menina! Quando vesti o meu primeiro vestido de mulher, eu já te amava! foste tu que despartaste o meu primeiro sonho... serás tu quem me feche os olhos quando eu morrer, beijando-te! Meu marido! Meu marido! Luciano! Lembro-me ainda de todas as palavras que me dizias ha vinte annos!... Dize-me outra vez que me amas!... Estás triste!... Eu daria todo o meu sangue para que fosses feliz! Amo-te assim.

Luciano ia sentindo reviver pouco a pouco o seu amor. Sara amava outro? que amasse! Era tempo de acabar com aquillo; que se casassem depressa e lhe fugissem dos olhos.

Ernestina falava agora, falava sempre, já sem calma, febril, desatando frases de queixa, de censura, de desespero e de amor, deslumbrando Luciano com a sua voz quente, a sua formosura miraculosamente rejuvenescida n'essa hora de enlevo e de paixão ardente e concentrada. Elle já não a observava com respeito, mas com admiração.

A pouco e pouco a pallidez mate, o luminoso olhar da viúva, toda aquella febre em que ella se revolvia, iam-lhe accendendo desejos de a apertar nos braços. Ella percebeu isso e postou-se defronte d'elle, com o corpo arfando sob a seda molle do vestido e a cabeça inclinada como a pedir-lhe beijos.

Luciano ergueu-se desvairado e quiz beijal-a, ella furrou-se a isso n'uns movimentos arredondados e languidos, e, baixando a cabeça muito risonha e feliz, disse-lhe quasi n'um murmurio:

— Depois...

Foi então Luciano quem prometeu ir falar ao Eugenio e combinou a maneira de o fazer sem indiscrição. A viúva envolvia-o n'um longo olhar voluptuoso e pertur-

bante, elle ia promettendo tudo quanto ella queria e mandava.

— A'manhã ficará tudo acabado? perguntou-lhe por fim Ernestina.

— Assim o espero.

— Adeus!

N'essa tarde, Ernestina ao tirar no seu quarto o lindo vestido de seda, parou em frente ao espelho, olhando para os braços e o collo nus, de um moreno delicado que a luz tingia de um reflexo dourado. Contemplou-se por muito tempo e concluiu triunfante:

— Sara é moça, mas eu sou mais bonita!

Luciano sahira tonto! As palavras de Ernestina, o seu corpo esbelto, as attitudes provocantes, o aroma forte que a envolvia, e aquella scena de paixão e de enleio, tinham-n'o alvorçoado. Elle acostumara-se á serenidade um tanto fria da moça; o seu amor por ella já se ia tornando n'um habito mais digno do nome de amisade. Agora, porém, as cousas mudavam e elle sentia que iam mudando a tempo.

Durante todo o resto do dia, vibraram nos seus ouvidos as expressões queixosas de Ernestina, e as narinas dilatavam-se-lhe, sentindo como que impregnada a essência d'ella no seu fato, na sua propria pelle!

A' tarde deveria procurar o Eugenio, mas as primeiras horas da noite ainda o encontraram em casa, e em casa ficou sem resolução, atado. A verdade era que, com o correr das horas, Ernestina ia cedendo o logar á filha, e elle sofreria querendo e não podendo cumprir a extravagante missão que lhe déra a Simões.

Luciano mesmo estranhava aquella indecisão. Sara não lhe era nada, havia poucos dias apenas que percebera que ella não era feia e que tinha espírito. Procurava abster-se de pensar n'ella, mas o pensamento teimoso voltava a reproduzil-a n'um deleite amarho. A proporção que o tempo avançava, elle enfraquecia no propósito de obedecer á viúva. Não comprehendia agora o amor de Sara por Eugenio Ribas.

Suppenha a confidencia de Ernestina um estratagema.

Elle tinha julgado lêr nos olhos de Sara, essas estranhas pupilas ora castanhas ora azuis, alguma coisa de infinitamente doce, uma promessa, um sonho, um vôo de pensamento que parecia dirigir-se a elle.

Com a ausencia, o vulto de Ernestina ia-se esfumando no seu espírito, e n'uma irradiação de luz elle via Sara, dizendo-lhe na sua grande franqueza:

— Amo-a!

E era toda essa graça, lealdade e candura, toda essa mocidade e alegria que elle ia oferecer a outro, a um estranho, que a não comprehenderia nunca, talvez! Esposa...

Elle tambem a preferiria para esposa, quereria ser elle a conduzil-a ao altar, a chamal-a — minha!

Em toda a sua vida era a primeira vez que essa palavra simples assumia no seu pensamento proporções tão bellas! e Sara haveria de sagrar essas trez syllabas divinas com as suas qualidade perfeitas, seria esposa amavel e honesta a quem a mentira repugnasse e o sacrifício aprouvesse!

Não se resignando a falar ao Eugenio Ribas n'esse mesmo dia, Luciano sentou-se á meza e escreveu longamente á viúva Simões. Allegou necessidade urgente de partir n'essa madrugada para Minas, para onde o chamaava, por telegramma, um velho parente moribundo...

Addiava tudo para a volta.

Luciano escreveu aquillo com a convicção de poder mais tarde vencer a sua vontade e apressar o casamento de Sara. Entretanto, percebia bem: se Ernestina era para elle a mulher de fogo que lhe queimava a carne, a filha era a mulher de luz benéfica que lhe illuminava o futuro, e elle amava a ambas, a uma com os sentidos, a outra com o coração.

JULIA LOPES D'ALMEIDA.





B U C O L I C A



TARDE quente.
No ar calmo, im-
mobilidade te-
diosa.

Fulgurações do sol
no occaso; laivos de
sangue, sombrias trans-
parencias de coralina,
chuva ignea de ouro
velho.

No céo de cinza ver-
de, borrões de nuvens,
flócos de algodão.

A caminho do mon-
te, pela encosta tojosa,
os dois silenciosos, de
mãos dadas, pelo car-
reirinho, fita branca a
serpentejar entre oli-
veiras.

Ella; carita oval, sa-
dia, de pelle tostada,
de saia curta de baetilha encarnada, cabellos soltos, lenço
de riscado ao pescoço, meias de linha amarella, sahidas
em bérro chromatico dos sapatos brancos, toscos; a
cantara da agua, á esquerda, premida pelo braço sobre
o quadril; saracoteio robusto de femea sem nervos;
risos parvos no rosto alvar, de contente.

Elle; de jaqueta e feltro d'aba larga, cinta preta, ca-
jado na mão; rosto chupado, glabro, com saliencias, olhi-
tos pestanudos na testa curta emmelecida, suja de suor
e pó.

Tempos a tempos paravam.
Para olharem um para o outro :

«Luzia!»

«Quê, Tonio!»

«An!... An!... An!...»

Alegria de brutos; casquinadas convulsas como ester-
tores.

«An! An!»

«Pois bem! que gracinha!»

Mudos a fitarem-se; contemplação boçal de animaes
timidos.

De novo andavam.

Cabeças curvas, os braços em balanço indolente.

Agora desciam.

Campo largo, unidade panoramica.

Aqui, acolá, n'uma petrificação de dolmens, a rocha salpicando a
terra.

Do outro lado, um pinhal brumando o horisonte, com vertigem ma-
cabra de linhas rectas.

No poço.

Cabritagem atrevida ao bebedouro.

O cabreiro, assobiando, á pedrada ao bode, aos saltos de pedra em
pedra, independente, com sacudidellas trocistas do focinho com pera
diabolica.

«Eh! raio!... Eh! raio!»

Agora, ás lufadas, o vento marulhando pela ramaria quebradiça do
renque d'eucalyptos, anemicos, esfarrapados, a penderem todos para
o mesmo lado.

No echo vibrante, chiadeira de carros d'azincho, no corrego da cor-
tiça, d'além, d'aquelle sobreiral.

O Antonio interpellou o cabreiro :

«Eh! tu, dianho! que horas são?»

D'olhos no horisonte, este observava a sombra :

«Vae das seis pr'as sete!»

O que, mergulhou a Luzia n'um desconsolo.

«Ih! Jesus! Deus! Valha-me... sete horas! estou á agua e ainda
hei de fazer a cama ao burro, fechar a quadra, levar a calda de farelo

à marrā que está de "cria no chiqueiro!... A esta hora, minha mãe brama que tem diabo!»

«Ora pressas!»

Acocorado sobre uma pedra, o Antonio, divertido, ocioso, derrancou com o cajado os pés de baunilha brava.

Na azafama, muito debruçada no bordo do poço, a Luzia chapinhava, aos sacões, o caldeiro sobre a agua.

Chap! Chap!

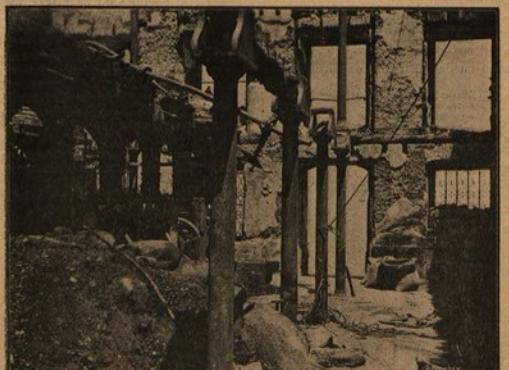
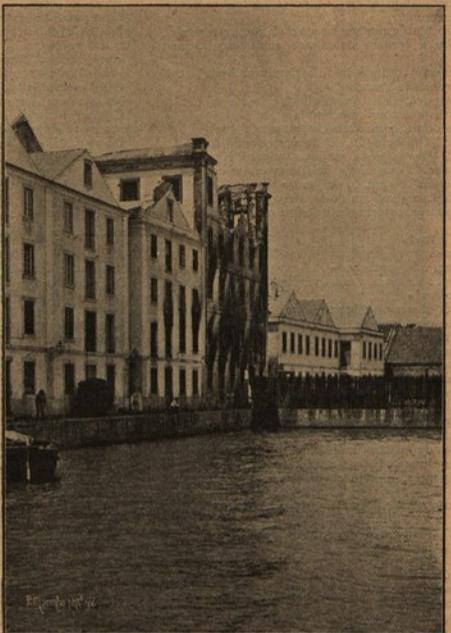
O INCENDIO NO CARAMUJO

Na fabrica de moagens dos srs. M. J. Gomes & Commandita, em 10 de Junho 1897



Instantâneos de Arnaldo da Fonseca

Expressamente tirados para o Branco e Negro



Depois, retezos os braços, busto arqueado, caçava a corda á pressa.

Cascadear d'água, chuviscos crystallinos, *plas* rudes de martello, e um como cantar de fonte ao inclinar o caldeiro sobre a cantara, que se encheu.

•Vamos lá, Tonio!... Vamos lá?»

E pondo a cantara á cabeça, a Luzia abalou lesta pelo carreiro pendulando os braços no saracoteio musculoso de femea garupuda.

O Antonio filou-a por um braço; obrigou-a a parar.

E tirou-lhe a cantara da cabeça, enquanto argumentava:

«Ora pressas!... Inda ha dia para uma hora!... No verão as tardes são grandes!»

«Qual! lá por casa ha muita obrigaçāo.»

«Sim? Hei de acabar com isso!»

Piscou os olhos, com intenções alonsas.

«Ora bem! Ora bem!... E' de ver quando isso?»

«De ver! Para a nova vindima talvez! Não, que eu ando a poupar... que ainda hei de arrendar courella ao Thiago e depois se verá... se verá!»

A' cara da Luzia subiam ondas de vermelhão.

Deu em pensar, estorcegando entre os dedos as dobras da saia.

«Tu que dizes?»

Cahiu em si.

«Eu! Bem que gracinha!»

«Queres?... Lá para a nova vindima... está dito?»

«Pois decreto!»

E de novo, olharam-se muito, ora um, ora outro, sem saberem mais que dizer.

Ella, a primeira, sacudiu-se.

Arrodilhou o trapo, foi-se à cantara e pol-a na cabeça.

«Faz-se tarde. Vamos embora...»

«Ora pressas!»

E casmurro, elle pôz-se-lhe ao lado, mas sem lhe dar a mão.

Fingiu enrolar um cigarro.

Ruido de guizeiras. Aos solavancos, descia o carreiro, com rangidos de madeira moida, um carro coberto.

Balidos ao longe. E crescendo, fortes, prolongados zurrões dissonantes, motejo chromatico de um canto selvagem.

Do céu, no crepusculo sereno, descia uma tristeza singular.

Inexplicavelmente, os dous enterneceram-se:

«Tonio!»

«Quê?»

«Pois bem.»

De mão estendida:

«Estás zangado?»

«Não!»

Riram-se.

«An!... An!»

«Pois bem! que gracinha!»

Lá de baixo, de uma vinha, vibrou a cantar, voz grave, em melopeia arrastada:

Lá no largo da Matriz
ha uma linda roseira,
ella quer ser seriasinha
mas cahiu na maroteira.

Elles pegaram na deixa, n'uma expansão rustica d'enlevo:

Mas cahiu na maroteira
outro tanto l'aconteça,
as meninas do collegio
são doudinhas da cabeça,

Aos ranchos, raparigas recolhiam das vindimas.
Gargalhar alegre, chorões desconcertados:

Ervá cidreira
quê...
Está no alpendre
quanto...
mais se rega
mais...
a folha pende!

E as vozes prolongavam-se n'um gemer de cantilena.
Ao perpassar, interpellaram-se.

«Adeus Tonio!»

«Adeus Luzia!»

«Adeus!... adeus!»

E já de longe, com berros esganiçados:

«Vão á função ámanhã?»

«Pois de certo.»

Com passadas estrepitosas, cruzaram, na volta do trabalho, os ganhões, de alforge e enxada ao hombro, ceifões nas pernas.

«Boas tardes, Tonio!»

«Boas tardes, seu Bento!»

O sol mergulha todo no horizonte.

No céo luzir de primeiras estrelas.

Grilhada; estrujidos ríjos de cigarras; chocalhar longuímo de rebanhos; uma orchestração cahotica.

Do alto, de azas inteiriçadas, negros, esvoaçaram corvos, crocicando:

«Cuac! Cuac!»

E elles não se sentiam.

Caminhavam, n'um contentamento de trogloditas herculeos, cheios de seiva, irradiando vida, a despertarem n'uns vislumbres de racionalidade que não comprendiam, losquenejos de ideias vagas nos cerebros.

Agora, pela frente, tufo de vegetação carrancuda, fila de piteiras, mascarando o monte.

Do outro lado, a casa terrea, fendilhada, com linhas abauladas de choça de esquimós, abarracamento de casebre tosco.

A' porta, espectro desgrenhado, uma velha com gesticulações hirtas:

«Luzi... ia!... Luziiii...a!»

«Ih vou mãe!... Ih vou!»

O Antonio agachou-se nas piteiras.

«Então adeus Luzia.»

«Adeus Tonio.»

«Vaes amanhã?»

«Pois decreto!»

«Cedo sim?... que havemos de dançar.»

«Pois bem, que gracinha!»

De mãos apertadas, olhavam-se muito, subjugados.

Desejos violentos de felinos olfacteando sangue!

Então elle abalou.

Cajado ao hombro, grandes passadas de glebario, rouquejando villanela afandegada que lhe compassou a marcha:

As meninas do Torrão
da maior á mais pequena
ainda agora se casaram
.....
se casaram e já têm pena
as meninas do Torrão!

Ella ficou a vêr sumir-se na sombra a silhueta do conversado.

A' porta, a outra misera, esganiçou-se:

«Luzi... a!... Luziiii...a!»

«Ih vou mãe!... Ih vou!»

Deitou a correr... a correr.

Depois a choça tragou-as, pela abertura escancarada, guela negra de monstro fetido.

Halitos de feno e estrumeira!

Perto, no chiqueiro, grunhidos, sopros roucos.

E muita sombra agora, manto silencioso esfumando as perspectivas.

Nos longes dos arredores, pelas portas, pelas janellas, lumejaram as lareiras dos montinhos.

Dos tectos esfusiaram para o céo pennachos de fumo branco.

Com cascarejos sujos, as gallinhas empoleiraram-se, batendo azas desastradas.

PEDRO NAVARRO.



VIAGENS NO EXTRANGEIRO

MADRID



PORTE DU SOLEIL

São do livro de *Viagens*, de Coelho de Carvalho, os trechos que damos a acompanhar as photogravuras de alguns pontos de Madrid.

NO THEATRO REAL

«Depois do jantar fui ao *Theatro Real*. Sala luxuosa e ricamente adornada, mas pequena e sem grandes condições acústicas. Sociedade elegante; nos camarotes mulheres em *toilette* de baile, os homens todos de casaca e gravata branca. Um forte perfume de póss á Marechal na atmosphera. Em todo o reflexo avermelhado da tapeçaria de que são cobertos os *fauteuils* e feitas as cenefas dos camarotes, dentro dos quaes os rostos e os hombros nus das mulheres, entrevistos sob a sombra fluctuante dos grandes leques da moda, de plumas de avestruz, arredondavam brancuras macias, como grandes medalhões de opala em estojo de velludo purpura.

Uma grande sensação de amolecimento na morna atmosphera d'uma estufa; um ar scismador em todos os rostos, o qual nem a muzica da *Martha*, que se cantava, conseguia desvanecer pela vibração das suas notas alegres e matinaes d'uma partida para a caça. Nem o vibrante *halali*, nem o *humour* de Lord Tristan n'uma lufada de vento fresco e perfumado de madrugada d'abril dissipavam n'uma nesga de céo azul lavado e matinal aquelle crepusculo triste. *The last rose of summer* parecia ser para todos o motivo obrigado d'essa canção, que a idiosincrasia particular de cada um faz cantar aos corações, enquanto os sentidos vão ouvindo outra muzica qualquer.

A muzica, na verdade, é uma couza tão espiritual e su-

blime, que só é comprehendida por nós quando o que ella diz se conforma com o que nós sentimos, e pensamos inconscientemente no momento em que a ouvimos, ou quando corresponde ao particular estado do nosso espirito. Assim, enquanto os ouvidos escutam uma muzica qualquer a nossa alma muitas vezes vai cantando outra. E' por isso que a muzica popular d'um povo é o melhor documento da psychologia d'esse povo.

Surprehende esse ar vaporosamente scismador da sala d'um theatro em Hespanha, no paiz alegrissimo do *salero*, do barulho violento do pandeiro, das explosões sanguineas do entusiasmo, no paiz em que se ama os perigosos e rápidos combates da força e da destreza, em que a alma se abre toda ao ardente sol peninsular, vermelha e brilhante como um cacto real.

E que esse theatro lyrico não é para o hespanhol o seu *meio* natural, mas um circulo artificial em que a moda o encerrou. E sempre que o espirito se sente prezo e comprimido n'uma atmosphera estranha, concentra-se, naturalmente, a viver da propria vida intima, e na impossibilidade de se expandir, segundo a sua tendencia predominante, acordam e avultam n'elle as qualidades que, embora essenciaes, haviam comtudo sido supplantadas por outras no desenvolvimento e affirmação do carácter.

O hespanhol, contrariado e impedido na expansão ruindosa e violenta que o caracterisa, encontra no fundo da sua natureza esse vago e mystico scismar que herdou das raças do norte com as poucas gotas de sangue germanico que ainda lhe giram nas veias. E por isso, talvez, que n'um meio convencional e em nada hespanhol, como esse em que vi uma parte da sociedade de Madrid,



FACHADA DO MUSEU COM A ESTATUA DE MURILLO

a physionomia d'esta se me mostrou sob um aspecto tão contrario ao caracter ordinario do castelhano. A muzica da *Martha* alegre, fresca e graciosa não podia achar vibrações correspondentes em coração hespanhol, que a escutasse, porque esse coração é violento como um toureiro ou mystico como Santa Thereza de Jesus, D'essa opera só uma canção parecia ser comprehendida, *The last rose of summer*, elegiaca, saudosa como uma tarde de outomno e cheia de tristeza e lagrimas como um nevoeiro do Rheno.

Sahi do teatro á meia noite, e, indo só e a pé enganei-me e caminhei em direccão opposta áquella que devia seguir para voltar ao hotel. Errei acaso por praças e ruas molhadas da chuva e mal illuminadas, quasi ás escuras. Por fim reconheci que me enganara, e, retrocedendo, achei-me de novo junto do *Teatro Real*. Todas as carruagens tinham partido. O ruido característico das grandes cidades extinguiu-se ao longe. Das beiras dos telhados cahiam pingos d'água chiando no lagedo dos passeios. De quando em quando divisava-se, ao passar no clarão dos candieiros, um ou outro vulto apressado; e de longe em longe uma voz arrastada e rouca apregoava monotonamente *Chocolate de Mathias Lopez*; e no angulo da praça, abrigado sob um portal, distinguiu-se um vulto acocorado junto d'uma quitanda de chocolate, alumiaida por uma lanterna fumosa de azeite, como as que nas ruas de Lisboa nos indicam de noite os montes de entulho e os canos em reparação. Uma voz fraca e fanhosa apregoava *La Correspondencia de España*; era a d'uma velha cega, que, sentada na soleira d'uma porta, vendia jornaes, tiritando de frio.

NO CAFÉ

Atravessei a Puerta del Sol.

O grande café Universal, que occupa todo o rez do chão do Hotel de Paris, brilhava illuminado. Fui-me approximando; lá a dentro, no salão unico, mas enorme, uma multidão de vultos indistintos, vistos atraeve das vidraças embaciadas pelo vapor das respirações, agitava-se n'um revolver de movimentos ondulantes, envolvida n'uma nuvem de fumo. Uma especie de susurro, ruido de grossa vaga rolando n'uma praia de calhaus, elevava-se, n'uma grande confusão, d'onde sobresahiram de repente as notas vibrantes e rufadas d'un pandeiro, quebradas pelo bater das castanholas e entremeadas dos sons de beijos d'uma rebeca. Ao centro do salão, n'um coreto alto, de columnas doiradas ornadas de feixes de bicos de gaz, uma orchestra, onde entravam o pandeiro e as castanholas, tocava muzica nacional. Recomeçara n'aquelle momento com uma *malagueña*.

Limpei com o lenço um vidro e olhei para o interior. Todos fallavam ao mesmo tempo, abancados ao redor das mesas em grupos de maior numero de pessoas do que o dos logares que as mezas podiam dar; todos os grupos se misturavam e confundiam, tornando quasi impossivel a circulação dos criados. Um grande ar de conquista e

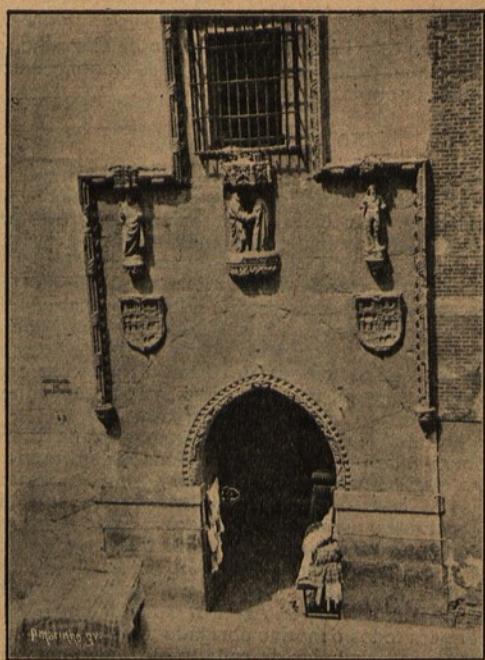
de triumpho no olhar. Via-se que fallavam com facilidade de palavra e grande desafogo de gestos. Muitos homens de cara rapada, cabeças pequenas e redondas, olhos negros e magnificos de vivacidade; quasi todos, sem gravata, com a camisa apertada no collarinho por dois botões de ouro ou de prata, ligados por uma cadeia, trajavam colletes muito abertos que mostravam os peitilhos brancos bordados, ou rufados em pregas. Muitas mulheres; umas, gordas, de bustos espessos, pescos curtos e papudos de carne; uma manta de malhas de lã branca, azul ou encarnada cahida sobre os homens, d'entre cujas dobras sahiam as cabeças d'um moreno pallido, pequenas, de cabellos castanhos, penteados, em duas pastas lisas, luentes de pomada, atados atraç n'um cesto de tranças onde brilhavam grandes pregos de vidro preto lapidado; riam mostrando, em geral, maus dentes. Algumas tinham um sombrio buço, ou um signal de cabello n'uma das faces. outras, mais novas eram magras; pareciam flexiveis; de cabeças pequenas e bem feitas, de cabellos penteados simplesmente; caindolhes para traz uma mantilha de rendas pretas, preza no atado do cabello por dois pregos de vidro preto e uma camelia branca, ou vermelha.

Nas suas physionomias de mulher precoce, na expressão languida e ardente dos seus olhos grandes, abertos á flôr do rosto e ligeiramente orlados d'um circulo avermelhado, nos tons rozados que assombram as suas feições d'um moreno pallido de carnacão delicada, revela-se o trabalho de temperamento apressado artificialmente pelas excitações do meio em que vivem.

Comparando estas franzinas figuras delicadas e nervosas com a das mulheres mais idosas, que se vêem n'essa sala rindo, n'um bem estar de gulosas satisfeitas, concebe-se que em breves annos, essa será a sua conformação definitiva, moral e physicamente, porque se acham nas physionomias de umas e outras as mesmas linhas, que, no seu ampio e completo desenvolvimento, darão o mesmo typo de mulher.

Toda essa gente bebia e discutia n'uma expansão enorme.

Aqui e acolá, entre os que se levantaram para sahir, havia alguns homens que traziam largas cintas vermelhas, cuja côr abria n'aquelle atmosphera espessa de fumo de tabaco, dos vapores do chocolate e dos alcools, grandes nodoas de sangue.



LA LATINA



PALACIO REAL DA PRAÇA DO ORIENTE

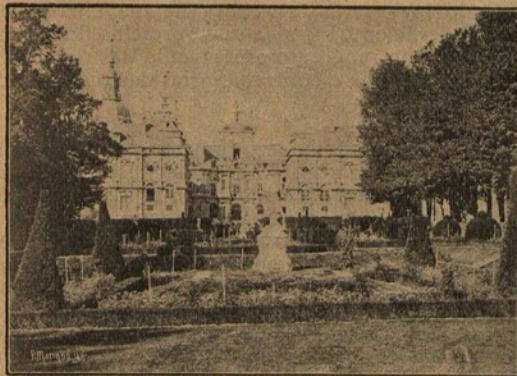
Ao entrar no Hotel passei por uma das portas do café, que se abriu n'esse momento, e na forte respiração de vulcão que por essa porta sahiu, duas phrases me chegaram aos ouvidos:—*Carago! Maria Santissima!* Ahi tens n'essas phrases toda a Hespanha.

NA RUA

Um dia magnifico. O ar d'uma grande transparencia, o céo parece de crystal, tão igual e profundo é o azul da immensa abobada que nos cobre. Faz frio, mas, como não ha vento, o frio é agradavel, e depois o sol, um bello sol de inverno, enche tudo de esplendor e vida.

São duas horas, está Madrid na rua.

Madrid é o que se pôde chamar uma cidade bem vestida. Em geral todos os homens trajam com um gosto sobrio, em que predomina o preto, cuja tristeza monotona é quebrada pela unica banda vizivel, azul, vermelha, ou branca, de capa hespanola que só o castelhano sabe usar com elegancia.



VISTA DO PALACIO REAL — (Fonte da Fama)

Ha um esmero d'aceio, apparente talvez, mas de bom efecto. Os chapéos altos de seda reluzem, as barbas escuras talhadas à hespanola fazem resahir a pallidez morena das physionomias finas, animadas quasi sempre por magnificos olhos vivissimos.

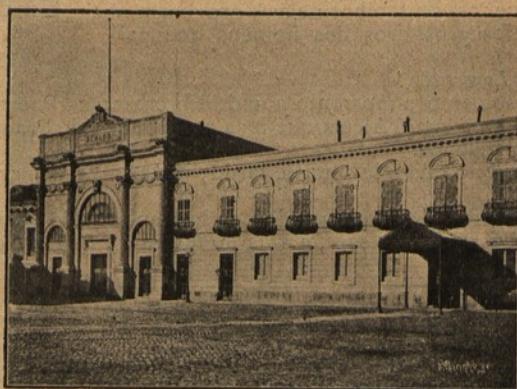
Quasi todos fumam. O fumo branco e ligeiro do charuto forma uma especie do fundo delicado em volta de cada figura e dos grupos, em que estas se juntam ou de que se affastam, parando aqui, caminhando a conversar acolá, gesticulando com uma das mãos que pega no charuto, geralmente apertada em luva preta, sobre que resalta a brancura d'um largo punho de camiza.

Por entre estas figuras passam typos caracteristicos cobertos por leve e pequeno chapéo desabado; caras rapanas, azuladas pela sombra da barba; corpos ageis nos trajos apertadissimos, calças justissimas subindo até ao estomago, curtissima jalleca de alamares de prata, collete aberto, em fórmula de coração, deixando ver um peitilho bordado de camiza abotoada por grossos botões d'ouro ou pedras preciosas;— não trazem gravata, e ca-

minham fumando, de braços arqueados, com movimentos saracoteados de quadris, procurando o chão com uma bengalla de cana da India segura fortemente pelo castão de marfim; as mãos chejas d'anneis. E vão chupando nos seus charutos com um grande ar petulante, como quem, convictos do seu caracter nacional, diz á multidão: *Nós otros nos llamamos Pepes!*

Sob a aba do chapéo d'alguns vê-se enrolada, pouco acima da nuca, n'um carrapichinho negro, lusente de pomada, uma estreita trança de cabello. São os *toreros* de profissão.

As mulheres vestem com menos gosto que os homens; trajam uma grande profusão de veludo e de rendas. Caminham solemnemente pelos passeios em grupos. Em geral tem o typo da mulher que vira hontem no Café, porque, embora estas estejam vestidas com o luxo apparatioso, que as classes medias na peninsula tanto gostam de ostentar e as do café estivessem n'um meio duvidoso, o typo da mulher de Hespanha é o mesmo desde a *mañola* e cigaretteira até á duqueza, passando pela sobrinha



SENADO

do cura e pela filha do toureiro. São sempre, até aos vinte annos, as bellezas *salerasas*, de formas esbeltas, provocantes pelos requebros languidos dos olhos escuros e magnificos, geito herdado da galanteria das odaliscas do harem árabe, de que descendem, e cuja sensualidade brutal é temperada pelo gracioso movimento artístico do leque, essa aza ligeira e palpante, que a mulher hespanola adaptou á sua natureza d'ave para voar pelo mundo, quando se lhe abriram as portas do serralho.

Mas, em poucos annos as bellas formas d'estas mulheres alargam se demasadamente: o peito empapa-se-lhes; os encontros de mulher perfeita se perdem na obesidade. Mercê do chocolate e do pimentão, que constituem a base da alimentação em Hespanha, o figado desenvolve-se dominando todas as outras funcções vitaes, e as graciosas e brancas pombas dos jardins de Andaluzia e de Castella, que voavam entre meigas e esquivas em arrolhos d'amor sob os platanos do Prado e larânjaes de Sevilha, eil-as, aos trinta annos, tornadas patas gordas e pezadas. Mesmo os olhos, os tradicionaes olhos hespa-



THEATRO DA ZARZUELA

nhoes, orlaram-se de vermelho, resultado da affecção hypatica.

Naturalmente de geração em geração a raça tem ido degenerando, e, sob a influencia das qualidades artificialmente adquiridas pelo uso da alimentação irritante e fixadas pela hereditariedade, as mulheres hespanholas tem perdido muito d'essa beleza por que foram, com justica, reputadas as mais formosas do mundo. No desenvolvimento da vida d'esses seres ha comtudo sempre um momento d'equilibrio, em que se manifestam as qualidades primitivas da raça, e por isso se vê ainda passar por essas claras ruas de Madrid algum rosto de quinze annos, cheio de graça e mimo peninsular, sorrindo entre as dobras ligeiras da mantilha negra, e uma ou outra cigarreira de cabeça pequena e petulante, com meneios de ave travessa que vae descoberta e alegre, banhada pelo sol que lhe deu á pelle esse moreno doirado, e lhe emprestou o raio ardente com que os seus olhos negros provocam os galanteios grosseiros dos homens que passam.

Viva la gracia!

De momento a momento a multidão cresce na Puerta del Sol e na rua d'Alcalá que leva aos passeios do Prado e da Castelhana.

Madrid acorda e levanta-se tarde; veste-se e sahe para as ruas.

O madrileno, o typo genuino do hespanhol, não comprehende a vida de caza, a vida do interior e da familia.



EGREJA DE S. JERONYMO

A caza peza-lhe e opprime-o; e sahe, por uma necessidade absoluta de temperamento, que a phraze repetida por todos explica perfeita e completamente:—*Nos vamos a respirar.*

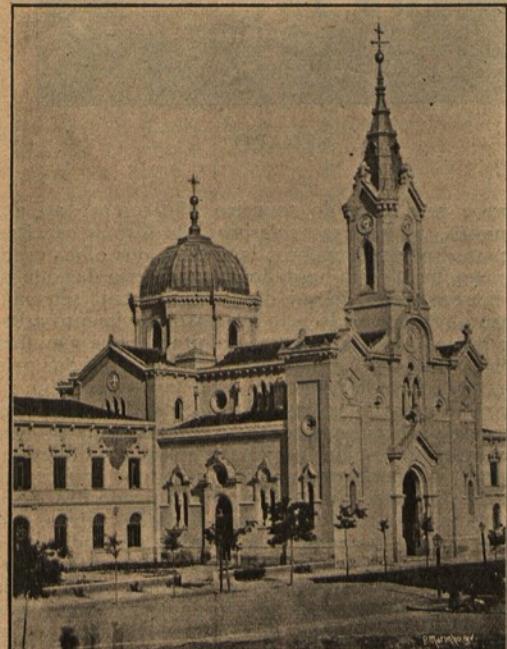
A sua natureza violenta e plethorica, carece de ar, de movimento e de agitação; mas o desequilibrio do seu temperamento, sobreexcitado pelos maus habitos adquiridos, não lhe consente um regular emprego das suas admiraveis faculdades de força e de energia. A sua intelligencia, clara e rapida, é, comtudo, demasiadamente viva para que se possa disciplinar n'uma applicação constante ao mesmo trabalho. D'aqui a necessidade de expansão no largo meio turbulento da rua e de renovar impressões, ideias, sensações, recebidas e communicadas na rapida e variadissima convivencia do espirito das prças.

A força real d'esta raça, porém, não lhe permite a frivolidade e o meio termo em cousa alguma, e na logica fatal do temperamento, produz-se a vermelha florescencia da paixão pelo sangrento espectaculo das toiradas e as explosões repetidas e contraditorias das revoltas politicas..

*

Madrid é uma cidade onde o forasteiro encontra imensas bellezas e distracções para o seu espirito. Além de theatros de primeira ordem, onde se representam peças do genero hespanhol, dramas e sainetes, zarzuelas e revistas comicas, tem ainda os seus museus, entre elles o celebre museu do Prado, onde ha quadros explendidos de auctor. Para os amadores de touros ha as corridas genuinamente á hespanhola, com cavallos estripados e bois mortos, mas a sério, sem escadas de... pau. Além d'issso, o seu passeio da Castelhana, onde se reune tudo o que Madrid conta de mais requintado, é um dos mais bellos pontos da cidade.

Não é n'um rapido artigo que se poderia descrever minuciosamente a capital do reino vizinho; por isso esta ligeira nota, feita a correr, servirá apenas para acompanhar a reprodução em photogravura de alguns aspectos de Madrid.



EGREJA DO BOM SUCESSO

Visão

Noiva de Satanaz, Arte maldita,
Mago Fruto lethal e prohibido,
Somnambula do Além, do Indefinido,
Das profundas paixões Dôr infinita.

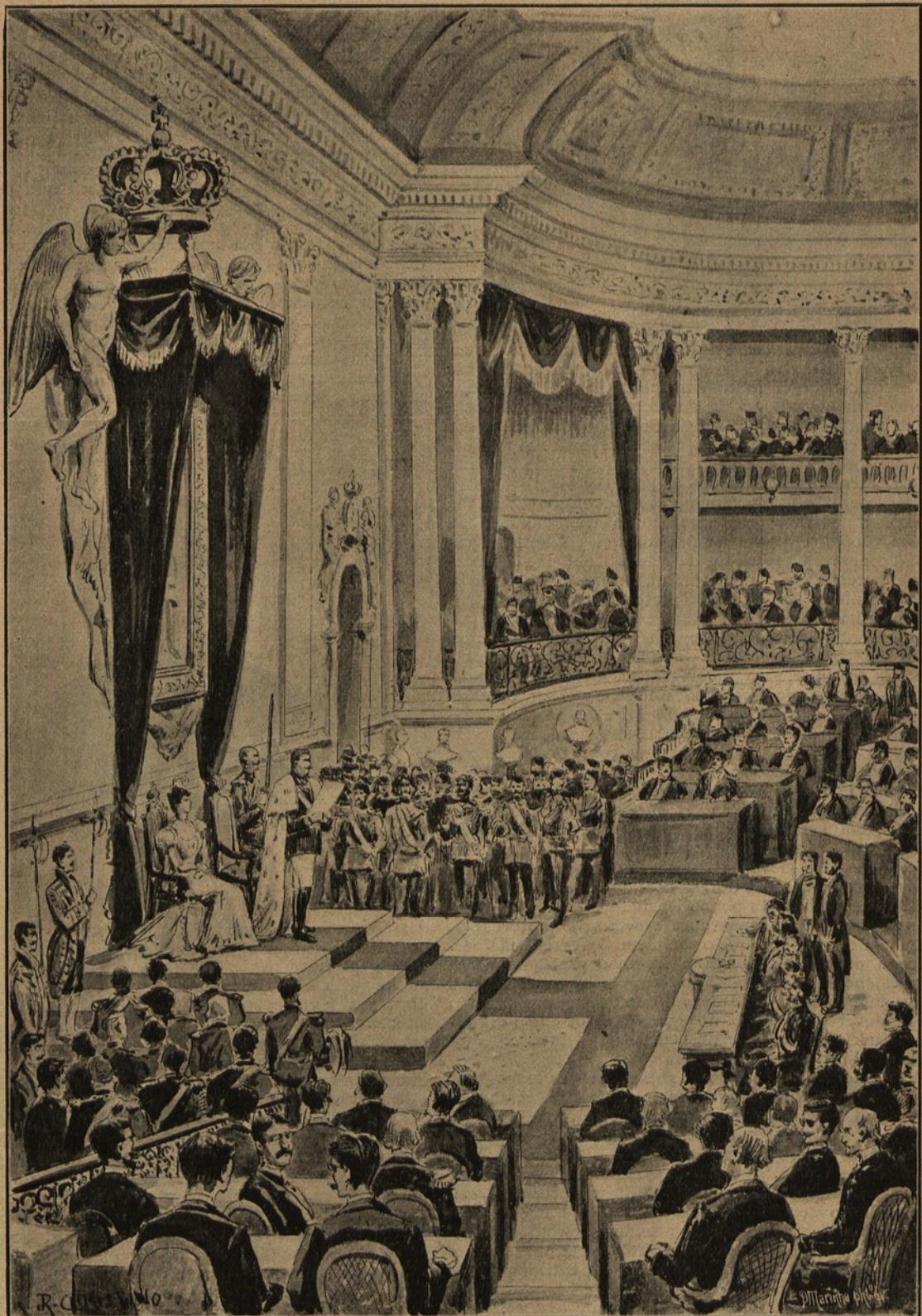
Seja bemdito esse clarão eterno
De sol, de sangue, de véneno e inferno,
De guerra e amor e occasos de saudade...

Sejam bemditas, immortalisadas
As almas castamente amortalhadas
Na tua estranha e branca Magestade !

Astro sombrio, Luz amarga e afflita,
Das Illusões tantalico gemido,
Virgem da Noite, do Luar dorido,
Com toda a tua Dôr, oh ! sê bemdita !

CRUZ E SOUSA.

PARLAMENTO PORTUGUEZ



SESSAO REAL — A leitura do discurso da coroa

ALICE GRILLO



ALUMNA laureada da Academia de Bellas-Artes do Porto, com distinta frequencia em todos os anos do curso e assignalada com menção honrosa na exposição do Gremio Artístico de Lisboa em 1896, a sr.^a D. Alice Grillo é uma talentosa pintora-florista, a quem a imprensa portuense tem rendido unânime preito de consideração e cujas delicadas e frescas telas são justamente consagradas pela estima de quem sabe apreciar as verdadeiras manifestações da arte.

Seu pae, o honrado comerciante Antonio Grillo, ha pouco subitamente desapparecido na tranquillidade da morte, e cujo retrato estampamos aqui, em homenagem ás excepcionaes qualidades de coração que lhe alcançaram ininterrompido affecto geral, porque eram a traducción manifesta da bondade personificada, dotou a sua primogenita e estremecida filha com uma educação primorosa, completando-lhe a aptidão natural com a aquisição de conhecimentos e prendas que habilitam uma senhora a brilhar, sem afectação, na sociedade, ficando, do mesmo passo, em condições de se conduzir, com segurança, na aspera lucta da vida. E a realidade correspondeu galhardamente á expectativa do previdente e extremoso pae, que tinha na joven artista o mais doce e constante enlèvo da sua alma.

Guardando na pasta os honrosos diplomas do seu ti-rocinio academicc, a sr.^a D. Alice Grillo não descancou, e, em uma das exposições de arte do Atheneu Commercial apresentou-se com nove quadros, todos elles reveladores das elevadas aptidões do genero de pintura da sua predileccão : as flores. «Em questões de estheticas e de genero, disse ha pouco Rochefort, criticando o ultimo *Salon*, — ha apenas duas espécies de pintores; os que têm talento e os que o não têm. D. Alice Grillo pertence á primeira cathegoria. Assim o proclamaram os jornaes, notando-lhe, nas graciosas telas de flores, não só originalidade na delicadeza do colorido, bom desenho e inimitável bom gosto no agrupamento, como um inconfundivel *savoir faire* nos effeitos das tintas e verdadeiro sentimento artistico.

A *touche*, na composição dos seus quadros, a frescura, a suavidade, revelando uma fina organisação, evidenciaram para logo a sua individualidade, pelo processo especial de execução, habil e firme ; e algumas das pequenas telas foram adquiridas por amadores, ainda antes que a imprensa notasse as bellezas que as distinguiam, porque tinham a recommendar-as o cunho de um merecimento real.

Provado o seu talento n'este genero, a outro se abalançou a privilegiada artista, pintando o retrato do director da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça, o venerando ancião Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães, e dizendo um chronista de arte que a graça toda feminina com que ella se assignalava uma brillante pintora-florista não era incompativel com as energias d'uma forte interpretação de figura, como á larga o testificava esse retrato, trabalho de saliente vigor de pincel — um pincel que não hesitava já e que tinha uma desenvolta consciencia das tintas. «A talentosa pintora, disse então um conscientioso e brillante redactor do *Primeiro de Janeiro*,

mostra n'essa tela, ao mesmo tempo que uma faiscante intelligencia surprehendendo os finos effeitos d'um retrato, uma distinta pureza de execução que serve de honrosissimo alôno da sua escrupulosa seriedade de arte. E' uma obra perfeita, com grande animação de phisionomia e um exito seguro em todo q' pormenor da figura.

Foi tal o agrado que esse trabalho despertou que a direcção da Companhia d'Alcobaça, que o havia encomendado, além do preço estipulado, brindou a pintora com uma medalha d'ouro e brilhantes, tendo gravada uma honrosissima dedicatoria, o que de certo a artista prezou muito mais do que a quantia recebida.

Indo a Paris, em companhia d'um parente, ali estudo sob a direcção do illustre pintor Benjamin Constant; e foi tal a dedicação com que se applicou ao exame dos quadros dos grandes mestres nos muzeus, que quasi se operou n'ella uma revolução no modo de ver e de reproduzir os bons modelos, accentuando-se um grande progresso na sua arte de pintar, como o teste-munharam os trabalhos que expoz quando regressou, e aos quaes o *Commerico do Porto* consagrou um longo artigo em que, examinando-os detalhadamente, disse :

«Pela solidez da pintura, pela largueza da pincelada, pela delicadeza dos toques e pela justeza da interpretação, reconhece-se que foram sensibilissimas as alterações que se deram nos processos de factura e na maneira de ver da talentosa artista.»

Os trabalhos expostos eram cabeças de estudo, copia-



ANTONIO GRILLO

das do natural e de modelos, dos dois sexos, apresentando as telas apreciaveis qualidades de desenho e de côr; cópias de quadros de Chaplin e de Deschamps, em que se reproduzia a maneira delicada, vaporosa, encantadora dos bellos bustos de mulher e de creança dos dois eminentes mestres; e dois quadros de flores, notaveis pela fidelidade de interpretação, pela frescura, pela scienzia de execução, colorido de cada flor, pela luz intensa que illumina ás telas e pela alegria e brillantismo excepcionaes na tonalidade geral da pintura.

Artista de talento e de coração, com profundo amor pelo estudo e pelo trabalho, a sr.^a D. Alice Grillo concorre á exposição que em 27 do corrente abrirá no salão nobre da Associação Catholica, do Porto, e á que posteriormente se realizará na Photographia Guedes, da mesma cidade, apresentando os seguintes quadros: *Canto de toilette*, um vaso com chrysanthemos, uma cortina semivelando um espelho, um leque, um fio de perolas, um lenço de cambraia e uma pulseira; *No atelier*, uma columna de talha, onde campeia um vaso de rosas, vendo-se ao lado uma paléte sobre um banco, e um cavallete em que descansa uma paisagem; e mais cinco telas com *Camélias e mimosas australias*; *Rosas e lilás*; *Malvaiscos*; *Flores do campo* e *Orchideas*. De todos resalta a superior intelligencia, particularmente dotada, da insigne pintora-florista que o Porto se ufana de contar entre os seus mais eminentes e estimados artistas.

O LIVRO DE MESMER

DIALOGO EM 1 ACTO, EM VERSO

POR

ALFREDO DA CUNHA

Representado com extraordinario exito pela actriz Virginia
e pelo actor Ferreira da Silva,
no Sarau da Associação dos Jornalistas, no theatro D. Amelia

PREÇO 200 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

AZUL E NEGRO

EXPLENDIDO LIVRO DE CONTOS

DE

AFFONSO BOTELHO

Um volume, brochado, 500 réis. Encadernado, 700 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

Anthero de Figueiredo

ALÉM...

*Livro de prosas, de que o BRANCO E NEGRO publicou um excerpto
no seu n.º 61*

UM VOLUME, BROCHADO, 400 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

Últimas Novidades Litterarias

DA

Livraria Editora ANTONIO MARIA PEREIRA

AMORES, AMORES...

Novo romance do illustre romancista Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), 1 volume br. 600 réis. Enc. 800 réis.

*Livro todo de imaginação e de sentimento, livro especialmente dedicado ás damas, não é juizo temerario assegurar-lhe nm grande exito...
(Excerpto do artigo do Primeiro de Janeiro de 15 do corrente.)

sciencia agricola, e sobre todas as fórmas de exploração agricola, tanto no nosso clima, como nos climas tropicaes; — adornado com centenares de optimas gravuras explicativas, e escripto em estylo ao alcance de todas as intelligencias, ainda as menos cultivadas. 2 grandes volumes com 1:400 paginas, encadernados 8:000 réis.

CORAÇÃO DOENTE

Romance de Lourenço Gayolla, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

O REGENTE

Tragédia historica de Marcellino Mesquita, actualmente em scena no theatro de D. Maria II, 1 volume br. 400 réis.

AZUL E NEGRO

Novos contos de Affonso Botelho, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

DOR SUPREMA

Tragedia burgueza de Marcellino Mesquita, representada com extraordinario exito no theatro de D. Maria II em 1896; 1 volume, 2.^a edição, br. 400 réis.

RAIOS X

Notas praticas de radiographia sobre as primeiras experiencias feitas em Lisboa por A. Bobone, photographo. 1 volume com varias photogravuras radiographicas, br. 500 réis.

BRANCO E NEGRO

Tomo I, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina, a preto e ouro, 1:900 reis.

DICCIONARIO HESPAÑOL-PORTUGÜEZ

Composto sobre os melhores Diccionarios das duas linguas até hoje publicados, e dirigido por Henrique Marques; tomo I, (letras A a G), 1 volume de 1:000 paginas, solidamente encadernado em linho, 2:500 réis.

* Tomo II, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina a preto e ouro, 1:900 reis.

MANUAL D'AGRICULTURA PRÁTICA

POR

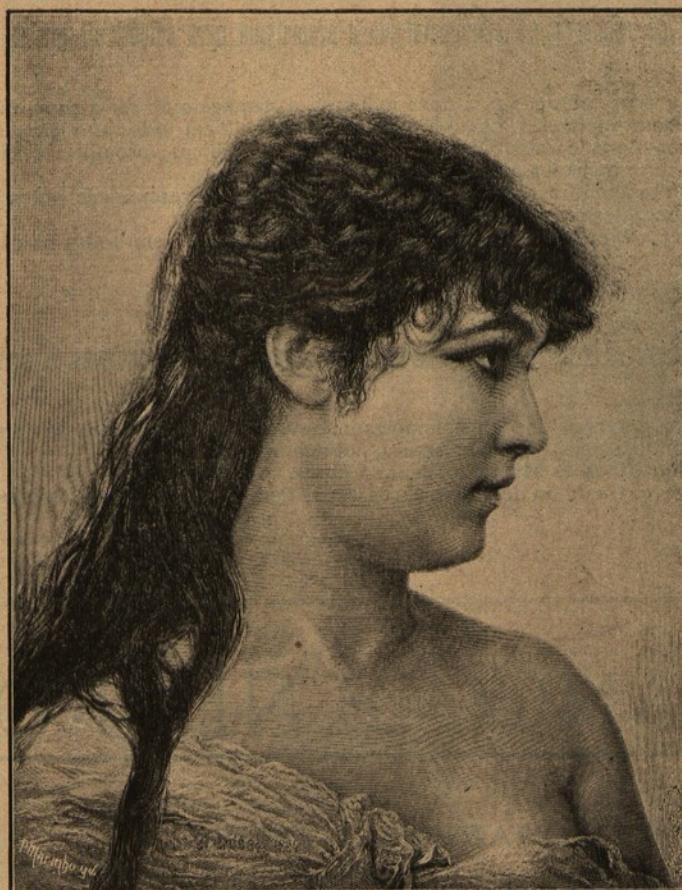
PAULO DE MORAES

A obra mais completa, mais clara, mais minuciosa e mais prática que se tem escripto até hoje sobre todos os ramos da

VELOCIPEDIA PRÁTICA

Por D. Miguel d'Alarcão, oficial do exercito e Presidente do Real Club Velo-cipedista. Livro indispensavel a todos os cyclistas, e aos que queiram aprender a andar em bicycleta, 1 volume adornado de muitas gravuras explicativas, br. 300 rs. Enc. 500 reis.

Branco e Negro



CANDURA.—Quadro de J. Zeniscck

PREÇO 40 REIS

N.º 65

REPRODUÇÕES

DE

Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á pena,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
ilustrações de soaa
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE

Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura oferece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva sofre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á pena e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaequer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-s^e de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distintos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qu^equer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante : — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.^o ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)

	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1.6100 réis	2.8200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1.6300 "	2.8600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1.6050 réis	2.8100 réis	4.8200 réis

Portugal e ilhas adjacentes.....

Africa Portugueza.....

Estrangeiro (paizes da União Postal.....

Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 65

LISBOA, 27 DE JUNHO DE 1897

2.º ANNO

AS NOSSAS GALERIAS D'ARTE

I

O MUSEU ALLEN OU NOVO MUSEU PORTUENSE



UANDO o conde A. Razcynski visitou Portugal (væ passado meio seculo) procedeu a um exame, tão completo e minucioso quanto possível, das nossas riquezas artísticas. Dos seus estudos, excursões, críticas, problemas que fez surgir, de tudo isso resam os dois livros que deixou «Les arts en Portugal» Paris-1846 e «Dictionnaire historico-artístico du Portugal» Paris-1847. Estas duas obras marcam uma data capital: D'ellas partiu todo o movimento portuguez contemporaneo de critica d'arte, coisa exotica de que ao tempo mal se fallava entre nós, se exceptuarmos Garrett, Herculano e um ou outro raro espirito.

O conde examinou naturalmente as nossas galerias particulares. Eis como se exprime ácerca da galeria:

Allen: «Lisboa não possue colecção particular que possa comparar-se á do sr. Allen, negociante inglez. Os quadros estão dispostos com ordem e gosto em varias salas. Notei, entre outras composições, algumas paizagens de Pilman; um «Christo crucificado» de Vieira Portuense (¹); alguns lindos quadros flamengos; um quadro de Vieira Portuense, acima mencionado, e que representa uma «Mulher no meio de uma paizagem, com uma creança que parece defender contra ladrões» (²); duas encantadoras «cabeças de velho»; «Uma mulher e um homem»; dois assuntos sagrados, em madeira, no genero de Rubens, e do seu tempo, emoldurados em grinaldas de flores (³); uma outra paizagem de Vieira, com uma mulher e duas creanças; um «S. Francisco em oração» (⁴), de tamango natural, cuja origem ignoro, mas que me pareceu realmente bello. «Les Arts en Portugal», pag. 384 e 385.

Depois refere-se ás colecções de Silva Oeirense (foi professor na Academia portuense de Bellas-Artes), de Francisco Vanzeller (que possuia o «Terremoto de Lisboa», de Glama e dois Lucatelli), de Graham, e ao museu da Academia, primitivamente «Museu portuense» e chrismado depois em «Atheneu D. Pedro iv», em honra enagao ao fundador.

Via-se que o conde reputava a galeria Allen uma das melhores, senão a melhor do paiz. Razcynski, apesar dos ataques que lhe vibraram durante a sua estada em Portugal (⁵), era naturalmente considerado *oraculo* na materia e gosando da consideração de homens como Herculano, Rivara, Juromenha, Balsemão, Varnhagen, abade de Castro, etc. que se puzeram do seu lado na cruzada iniciada pelo critico prussiano.

(¹) Quadro n.º 195 Catalogo provisorio da galeria de pinturas do Novo Museu portuense — Porto 1853.

(²) Quadro n.º 81, do Catalogo (A fuga de Margarida d'Anjou).

(³) Quadros n.º 145 e 269, de Cornelio Schut e Daniel Seghers, o *Jesuita d'Antwerpia*.

(⁴) Quadro n.º 82, attribuido a L. Cardi.

(⁵) Desde maio de 1842 a janeiro de 1845, pelo menos (V. Conde de Razcynski (Athanasius), esboço biographico por J. de Vasconcellos — Porto 1875).



JOÃO ALLEN — Camapheu executado em Roma
(Photographia União)

E', pois, de presumir que a sua opinião influisse juntamente com a propaganda jornalistica da imprensa local, que n'ella se inspirou, para decidir o municipio a adquirir a notavel colecção, que foi comprada á familia Allen em 19 de junho de 1850 (¹), recebendo então o nome de «Novo Museu portuense.» Foi, no seu genero, a terceira galeria publica (na ordem chronologica) que houve entre nós.

A primeira fôra o «Museu portuense» ou «Atheneu D. Pedro» fundado em 1833 por D. Pedro iv; a segunda tinha sido a galeria de pintura annexa á Academia de Bellas Artes de Lisboa e creada em 1836 juntamente com aquella Academia e a sua congenere do Porto, pelo illustre estadista Passos Manuel. N'este anno de 1836 foi o «Atheneu D. Pedro iv» annexado á Academia portuense de Bellas Artes.

O «Atheneu D. Pedro» creado com o fim de ser um museu de pinturas e estampas, constituiu-se com o fundo da Academia Real de marinha e commercio do Porto, com o espolio dos conventos extintos e as obras d'arte achadas nas casas particulares sequestradas. D'este museu não existe inventario feito, por emquanto: está a organisal-o um distinto, infatigavel e dedicado professor. Acha-se installado no pavimento terreo do edificio da Academia e bibliotheca: metade d'este pavimento.

(¹) Em 1838, isto é, dois annos antes, morreu João Allen, o primitivo organizador e dono da colecção.

onde estão algumas obras de valor, está vedado ao público por um biombo improvisado. Esta providencia é de agradecer: a parte vedada está com efeito ameaçada de ruina e não será surpresa que abata de um momento para o outro. E' um crime de lesa-arte este monstruoso abandono cuja responsabilidade não cabe na indole de uma monographia o analysar-se. Tinha o seu lugar n'um pamphleto. Defeza assim ao público, evita-se um assassinato collectivo, e vamos lá que já não é pouco.

Raczynski viu esta galeria, citando uma «Adoração dos magos», vinda de Santa Cruz de Coimbra e que ao conde se afigurou ser obra flamenga do seculo XVII; uma «Deposição no tumulo», em cobre, vinda tambem de Santa Cruz, e que lembra Baroque; a «Morte de Cleo-

lio official, ampliando o fundo das suas aquisições, que se constituiu gradualmente com os quadros provenientes do antigo deposito dos conventos, com os comprados em 1859 do espolio da rainha D. Carlota Joaquina, os obtidos em 1865, 1866, 1867 e 1868 pelas sommas que o rei D. Fernando cedeu da sua dotação, pelos adquiridos no leilão da Academia Real das Sciencias de Lisboa⁽¹⁾, pelos donativos do Visconde de Carvalho, os desenhos de Sequeira comprados a um sobrinho do grande artista, quadros provenientes da venda e dispersão da colecção Silva Oirensen, etc.⁽²⁾

A galeria, primitivamente installeda nos barracões da Academia decorados com o nome de salas⁽³⁾ passou depois para as celulas do velho convento de S. Francisco, ahi por 1875 e alli esteve até ser removida para o palacio das Janellas Verdes, como já referimos.

A primitiva galeria de quadros de 1836 alargou successivamente as suas funcções educativas, enriquecendo se com colecções de specimens d'artes decorativas, ourivesaria, estofos, ceramica, etc., e transformando-se n'um museu de bellas-artes e artes-industriais.

Perde até, talvez um pouco, pela sua organização demasiado cosmopolita: a par dos quadros, das esculturas, vêem-se alli os coches de D. João V e outros veículos antigos; colecções d'arreios, tabelos d'azulejos portugueses e hespanhoes, louças peninsulares e orientaes (e alguns medallões de Lucca Della Robbia), vasos antigos, amphoras romanas, alfaias e paramentos, ourivesaria religiosa, bronzes, reproduções galvanoplasticas, mobiliário, tapeçaria, ferragens, etc. Como museu de pintura, a sua riqueza característica, a sua maior preciosidade documental é a colecção dos quadros gothicos quinhentistas da chamada escola portugueza de pintura.

* * *

Dada assim uma idéa rápida das nossas principais galerias publicas, digamos mais pormenoradamente o que se nos oferece a propósito do Museu Allen, objecto principal d'esta notícia.

Embora o nosso objectivo seja apenas a galeria de pinturas, a primeira senão unica riqueza do museu, não deixaremos de referir que o seu organizador, o negociante João Allen⁽⁴⁾ obedeceu a um plano mais vasto, que respondia aos mais variados e multiplices intuiitos de curiosidade.

João Allen, de familia ingleza, era um homem instruido, dotado do pansophismo um tanto desconexo dos espíritos irrequietos mas destituídos d'uma educação disciplinada, organica. Viajou muito, e foi principalmente nas suas viagens que o seu gosto de coleccionador se desenvolveu, começando a agglomerar, um tanto promiscuamente, recordações de Herculano e Pompeia com painéis, quadros celebres, camafeos, medalhões, instrumentos agrícolas e de jardinagem, marmores da Iberia e da Italia, conchas, productos da Asia, Africa, America, fios do cabello de Ignez de Castro, e a celebre caixinha de areia do Mindello, colhida por algum dos 7:50 bravos⁽⁵⁾.

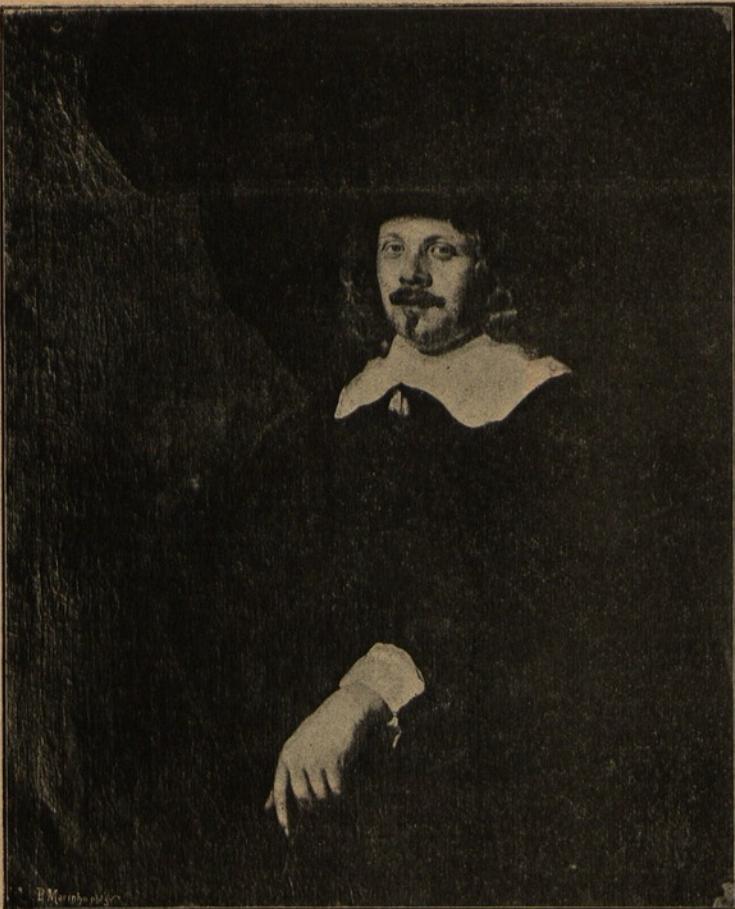
⁽¹⁾ Vide Catalogo provisório da galeria nacional de pintura existente na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa (1872).

⁽²⁾ V. a obra citada na nota n.º 1 da primeira columna d'esta pagina.

⁽³⁾ Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal, etc., etc., oferecidas à comissão nomeada pelo decreto de 10 de novembro de 1859, por um vogal da mesma comissão (marquês de Sousa Holstein). Lisboa 1875.

⁽⁴⁾ Nascido em Viana do Castelo em 1785, falecendo em 1848.

⁽⁵⁾ Não pude verificar a existencia d'esta area historica, calcurriada por 15 000 pés d'heroes. Reporto me ao testemunho do meu amigo e illustre anthropologista sr. Rocha Peixoto no seu interessante opusculo «O



MUSEU ALLEN — Retrato (atribuído a Velasquez)
(Photographia Biel)

patra», do pintor portuense Barreto, que recorda Camuccini e David; um «S. Bruno», de Sequeira, tamanho natural, inferior ao da Academia de Lisboa; o «Retrato d'um monge» de Glama. Não fallando nos esplendidos esmaltes antigos, tão semelhantes aos d'Evora, na celebre escrevaninha dada por um papa a Fr. Bartholomeu dos Martyres, o lendario espadagão de Affonso Henriques, e o oculo do rei D. Pedro IV.

E' tambem pouco edificante a historia do Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia, hoje conhecido pela designação de «Museu das Janellas Verdes» desde que, seguidamente á Exposição retrospectiva d'Arte Ornamental (1883) e como consequencia d'ella, mudou a sua installação para o Palacio do Marquez de Pombal, onde foi inaugurado em 12 de junho de 1884.⁽¹⁾ Nascido da galeria de quadros creada por Passos Manuel na data em que se creou a Academia de Bellas Artes, foi a pouco e pouco, desajudada de todo o auxi-

⁽¹⁾ O Museu Nacional de Bellas Artes — opusculo presente ao Congresso pedagogico hispano-portuguez-americano (festas de Colombo em Madrid) — Coimbra-Impr. da Universidade 1892.

O escriptor D. José Urcullu, no seu «Tractado de geographia»⁽¹⁾ dá conta da organização do museu, agrupando os objectos que o constituam em cinco cathegorias:

a) Conchyliologia; b) mineralogia e geologia (veios d'ouro de Portugal, de prata das minas hispano-americanas, pedras dos Alpes, lavas do Vesuvio, etc.); c) Pintura — colleção ascendendo a 400 quadros, grande parte adquiridos por Sequeira, em Roma, contando se entre elles telas de Julio Romano, Fatore, Morales el Divino, Van Dyck, Carlos Marata, Cignani, Salvator Rosa, Batoni, Rembrandt, Corregio, Cadés, Bombelli, Vieira Portuense, Sequeira, etc. — além d'uma numerosa colleção d'estampas⁽²⁾; d) Numismatica; e) Curiosidades (um busto d'imperatriz romana, de berylo, um camafeo d'onyx figurando quatro cabeças allegoricas, uma bacchante talhada n'uma sardonica, etc. Esta secção é o pasmo do bom Urcullu.

Um tal museu continha bem o germen d'onde, por des-

que deram conta dos seus trabalhos nos relatórios que nesse mesmo anno se publicaram⁽¹⁾.

O sr. Joaquim de Vasconcellos propunha o desdobramento em sete secções ou museus especiaes: pintura, gravura, estatuaria; artes decorativas; archeologia pre-historica e historica; numismatica; ethnographia e ethnologia; historia natural; geologia e mineralogia.

No seu relatório apresenta um projecto de ampliação e adaptação do edifício da Biblioteca e Academia de Bellas Artes, pelo qual se fundiriam n'um os museus Allen e Atheneu, creando-se além d'isso dois museus novos, o de estatuaria e o d'artes industriaes, bem como uma galeria de reproduções.

O sr. Manuel Amandio Gonçalves propunha a annexação das secções de sciencias naturaes á Academia.

O sr. Rocha Peixoto, no seu opusculo já citado, aventa a idéa de se fundar um museu de sciencias naturaes, aproveitando e separando o que o museu tem de aproveitável n'esta secção.



MUSEU ALLEN — PASTEL DE PILLEMOUL — (Photographia União)

dobramento, podiam sair os nucleos de diferentes museus especializados: d'arte, de sciencias naturaes, artes industriaes e commercio. Aquelle cosmopolitismo estava no espírito do tempo e só recentemente, pode dizer-se, começou na Europa o movimento de especialização que deu origem á prodigiosa variedade dos museus modernos, considerados poderosos instrumentos de educação.

A idéa do desdobramento ocorreu a todos os que se ocuparam, particularmente ou oficialmente, de reorganização do Museu, e aproveitamento das suas secções.

A comissão nomeada em 1888, pela camara do Porto, para tratar da questão, e reunida sob a presidencia do sr. Luiz Wodhouse, dividiu-se em duas sub-comissões,

museu municipal do Porto — 1888, com que se iniciou a série das publicações feitas pela Sociedade Carlos Ribeiro.

(1) Dedicado ao seu amigo João Allen.

(2) Parece hoje provado que o museu não possue original algum de Salvador Rosa, Rembrandt, Corregio ou Van Dyck. Raczyński cita um «Christo crucificado», pertencente ao sr. A. Bernardo Ferreira, como atribuído a Van Dyck. Sendo verdade é uma das raras senão a unica tela d'aquelle pintor existente em Portugal. Devemos acrescentar que muitos quadros do Museu Allen vieram da galeria dos marqueses d'Abrantes, e outros das casas religiosas extintas.

Com tudo isto o Museu permaneceu como estava e é inegavel que constitue um capital morto, oferecendo um triste espectáculo o seu abandono. A instalação era considerada pessima ha 47 annos, quando o municipio o adquiriu pela ridicularia de 19 contos⁽²⁾. E é absolutamente degradante e irracional que se não valorise devidamente uma colleção onde pôde haver 4 ou 6 telas, cada uma das quaes vale seguramente uma quantia superior áquella por que foi comprado todo o museu.

Mas ponhamos ponto no pamphleto, para o qual tende naturalmente a pena em face de tantas vergonhas e analysemos rapidamente a galeria, parando um pouco deante das suas telas d'élite.

(1) O Museu Municipal do Porto — relatório da sub-comissão encarregada das secções de belas artes, archeologia e numismatica.—Relatório da sub-comissão encarregada das secções de mineralogia, geologia e conchyliologia — pelo sr. M. Amandio Gonçalves.

(2) Por 18 contos adquiriu o Aquarium de Berlim um exemplar do «Archopterix macrura», exemplar paleontológico de um valor científico decisivo na debatida contenda dos tipos intermediarios, cuja ausencia constitui um dos mais temidos argumentos contra o evolucionismo. E' inegavel que uma aquisição feita em tais condições implica uma preocupação d'intellectualidade de que só é capaz um grande povo culto. Entre nós seria um escândalo.



MUSEU ALLEN — Quadro attribuido a Sanchez Coelho

(Photographia União)

* * *

Constava o museu, á data da sua aquisição pelo município, de 600 quadros. D'estes foram collocados 430 (só os que constam do catalogo de 1853) no edificio da Restauração, séde do museu: os 170 restantes, na sua maioria insignificantes, foram rechaçados para a casa da Câmara.

O catalogo de 1853, devido aos cuidados do sr. dr. Allen, filho do organizador do museu, é o único inventário, até hoje conhecido, da galeria. Tem defeitos e muitos, que o próprio autor, homem tão inteligente e ilustrado como modesto, era o primeiro a reconhecer, já em 1853. A elle comtudo fazemos todas as referencias, não só porque contém muitas indicações valiosas e exactas, como porque a numeração das telas é ainda hoje a do catalogo, e só por elle nos podemos guiar.

A disposição dos quadros, a toda a altura das paredes; má luz; rotulação mal entendida; absoluta ausência de agrupamento educativo, que facilite o exame e comparação dos quadros — estes e muitos outros defeitos teem sido apontados mais do que uma vez, sem que se tenha feito a menor tentativa para remedial-os.

O sr. Joaquim de Vasconcellos chega a afirmar (o que é realmente grave), que se tem damnificado quadros de valor por um mal entendido processo de limpeza, que parece consistir n'um retoque a valer, tosco e brutal. Por esta fórmula, diz o sr. Vasconcellos, se estragaram dois preciosos quadrinhos da antiga escola portugueza de pintura, um sobre fundo d'ouro, e o outro attribuido sem hesitação pelo illustre critico a Frei Carlos O mesmo processo foi recentemente adoptado em uma tela de Ferdinand Bol e o seu *pendant* (copia de Rembrandt) (1).

Referindo-se ás melhores telas do museu, dizia o saudoso Xavier Pinheiro, o finissimo artista e meu velho companheiro, em carta dirigida a Rocha Peixoto e publicada em 1887 na *Província*: (2)

«É um museu d'esta ordem: possue um soberbo retrato do grande Van Dyck (361) que vale uma forte duzia de contos; possue uma das mais admiraveis paisagens que conheço (365) — bosque, com uma clareira,

(1) Vide o artigo «O museu municipal do Porto», no «Commercio do Porto» de 26 de fevereiro do anno corrente.

(2) «A Terra portuguesa» — Porto 1897 — Art. O Museu da Restauração.

Este artigo é a reedição, com algumas variantes, de outro sobre o mesmo assunto, de Rocha Peixoto, inserto no «Guia do forasteiro no Porto e província do Minho».

onde um grupo de cavalleiros passa — paisagem cheia de silencio e magestade; esta paisagem, evidentemente flamenga, poder-se-ia collocar ao lado das melhores de Ruysdael.

«É quem era Ruysdael, senhores municipes? Um pintor de paisagens de que hoje se paga cada palmo de tela por meia duzia de contos de réis!

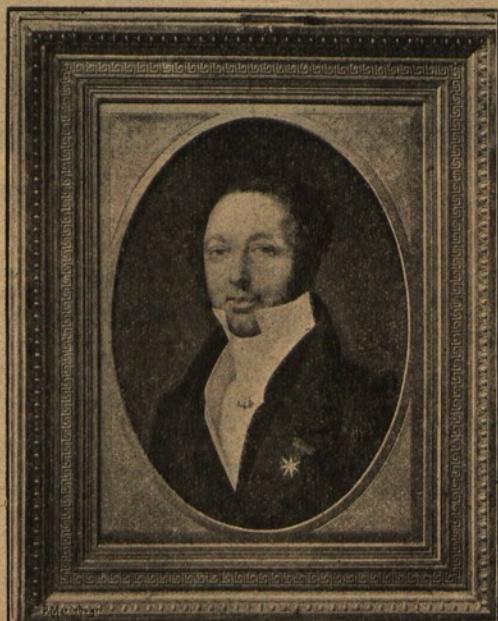
«É um museu d'esta ordem: possue os mais bellos pasteis de Pillement, o grande mestre pastellista; possue o mais surprehendente, o mais imprevisto, o mais bem feito quadrosinho flamengo que meus olhos tem visto (43), e defronte do qual, não ha muito tempo ainda, um illustrado estrangeiro, habituado ás deliciosas coisas do Louvre e de Amsterdam, irrompia cheio de admiração.

«É um museu que possue uma boa collecção de Sequeiras, o nosso primeiro artista; que possue uma grande porção dos melhores trabalhos do Vieira Portuense, entre os quaes o seu «Christo»; que possue um admiravel Grão Vasco; que possue uma inestimável quantidade de finos, de esplendidos, mesmo, quadros flamengos, interiores, marinhas; que possue o mais surprehendente retratino, estylo Clouet (344); que possue dois ou tres bellos esboços de Roquemont entre os quaes o bello retrato de barrete encarnado (1); que possue — oh delicada e espiritualisada pintura! — dois extraordinarios quadros de flores do Jesuita d'Anvers, «com figurinhas de Schut e que trinta contos não pagariam certamente (145, 269); que possue uma rara coleccão de naturezas mortas; que possue representados quasi todos os pintores portuguezes até meado d'este século, que possue tantas apreciaveis obras anonymas... «Uma galeria d'esta ordem, meus senhores, é positivamente uma grande e uma bella galeria.»

Os dez annos que decorreram sobre este trecho, na sua generalidade exacto, obrigam a modificar, ampliar e esclarecer algumas das informações n'elle contidas.

No quadro (361) attribuido a Van Dyck encontrou o sr. Pacully, critico allemão, a assignatura, em monogramma, de Ferdinand Bol, que o mesmo critico comprovou pelo confronto com as assignaturas existentes no «Catalogo da galeria nacional de Londres», e na «Historia dos pintores», de Charles Blanc. Por analogias de ordem esthetica e technica foi o sr. Pacully levando á mesma conclusão, filiando o estylo do retrato na primeira

(1) Posteriormente ao artigo de Xavier Pinheiro, o pintor Rezende veiu à imprensa reivindicar a paternidade d'este retrato.



MUSEU ALLEN — Retrato de João Allen, pintado em Roma em 1827 por Cido — (Photographia União)

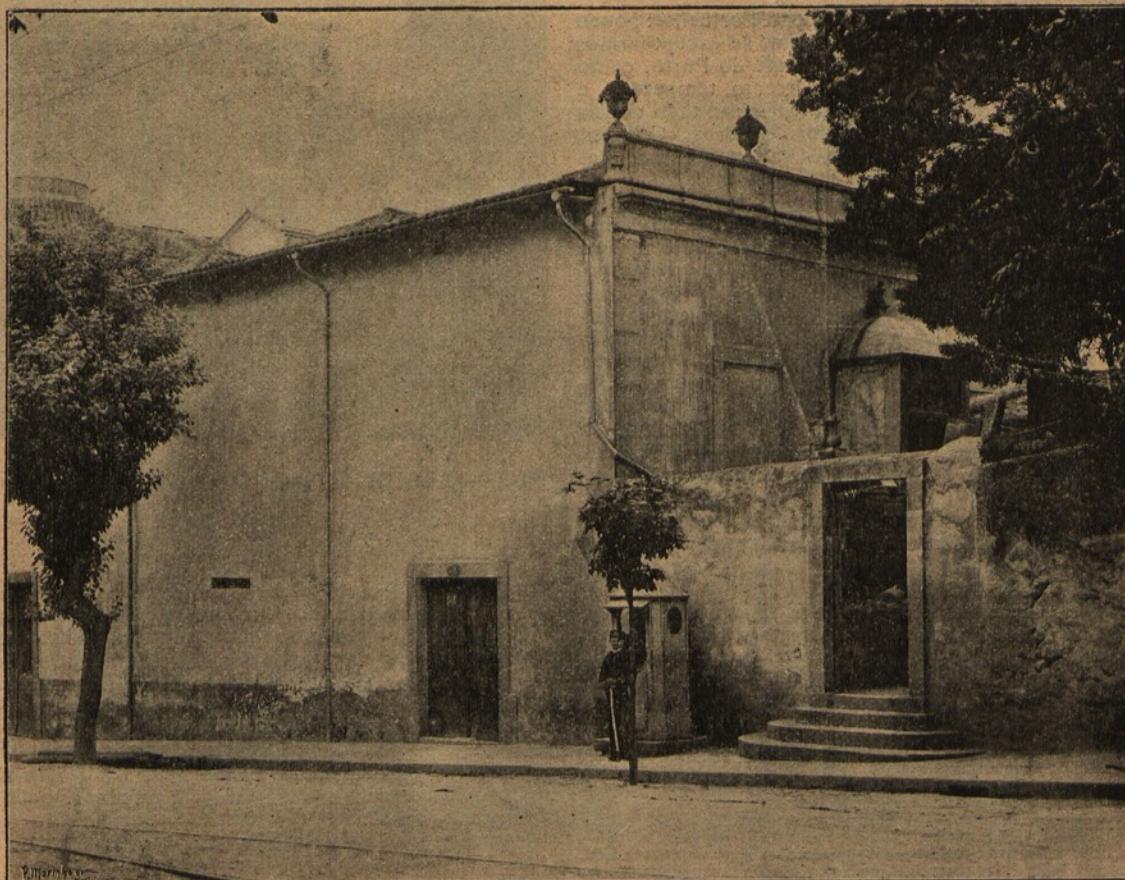
maneira de Rembrandt (a maneira minuciosa⁽¹⁾). E' um perfeito modelo de retrato nobre, hieratico e uma das melhores telas do museu.

A paizagem (365) que é realmente um bom quadro, parece ainda assim não corresponder á admiração de X. Pinheiro, e a sua filiação na maneira de Ruydsael é duvidosa.

Os pasteis de Pillement (n.^o 159, 199, 221 e 266 do catalogo) são indiscutivelmente um prodigo de virtuosismo, de technica e revelam as faculdades excepcionaes de execução que caracterisavam o notavel pastellista: constituem um interessante documento da phase do processo que attingiu na epoca de Pillement a falsidade mais rebuscada e intencional.

O seu melhor quadro é o «Christo crucificado» (n.^o 195); tela reveladora d'um bello talento. Lembra o colorido de Camuccini. E' um artista delicado, propenso ás tonalidades discretas. Desenhista educado no puro convencionalismo italiano, como pode vér-se na sua «Santa Margarida moribunda» existente na velha egreja de S. Francisco. Um dos seus biographos refere-se a *duas paisagens suas existentes no Museu Allen* (¹), uma das quaes (quadro 81) é verdadeiramente infeliz; e não menciona, nem de leve, o *Christo*.

Cita Xavier Pinheiro ainda um admiravel Gran Vasco. Atribuido a Gran Vasco apparece-nos no catalogo o quadro n.^o 308—«Cabeça de Christo—Ecce Homo.» Sabe-se o que significa hoje *atribuido a Gran Vasco*: é a



ENTRADA PARA O MUSEU ALLEN — (Photographia União)

E' positivamente o falso-brilhante, a composição perchisbeque que se procura.

O quadro (43) «Merenda» é uma tela encantadora, referida no catalogo como podendo ser de Van Ostade ou Van Mieris.

De Sequeira tem o museu as telas n.^o 150 e 403 e uma tabua com o n.^o 619, que não consta ainda do Catalogo, além de uma vigorosa cabeça de velho, envolta n'uma especie de turbante (desenho). Os quadros são realmente inferiores. Comprehende-se que Raczynski tivesse uma admiração moderada por Sequeira como pintor. Só modificou o seu pensar deante do «Desembarque d'Albuquerque na India» que o pintor compoz para o marquez de Marialva, e onde achou qualidades de composição, colorido, bom gosto. Admirando as suas faculdades de desenhista largo, rasgado, vigoroso, confessou que o pintor me parece bem inferior ao desenhista. As suas allegorias denunciam uma infeliz phantasia; é colorista baço e frio e não possue o talento da composição, no sentido que esta palavra podia ter na sua epoca.

De Vieira Portuense ha no museu nove telas, sendo 5 originaes⁽²⁾ e 4 copias⁽³⁾.

(¹) V. o «Commercio do Porto» de 21 de novembro de 1895.

(²) Os n.^o 81, 105, 335, 333, 381.

(³) Os n.^o 65, 89, 116, 235.

filiación n'um estylo, não n'um pintor determinado. E' o estylo da chamada «escola gothica de pintura portuguesa», grupo quinhentista formado no estudo dos mestres flamengos, principalmente da escola d'Antuerpia (Quintino Metsys).

Ora o quadro 308, que é um pequeno retabulo absolutamente insignificante e incaracteristico, só por inadvertencia podia ter sido classificado *Gran Vasco*.

Xavier Pinheiro quer referir-se á *Trindade gothica*, de que o catalogo não tracta, e que não está numerado.

No primeiro plano o Christo crucificado sobre uma cruz em T⁽²⁾, pousando na extremidade (lado esquerdo) da transversal a pomba symbolica, o Espírito Santo: por traz o Padre Eterno, sustentando nas mãos a transversal da Cruz, por fórmula que esta lhe passa a meia altura do tronco. Quadro de valor e só por si digno de uma monographia. Está por fazer o seu estudo comparativo com a *Trindade*, o *Padre Eterno*, *S. Matheus* e *S. João Evangelista*, do nosso Museu Nacional de Bellas Artes. (³)

(¹) Annuario da Academia Polytechnica do Porto — 1878. Insere tambem as biographias de Sequeira, Roquemont, Domingos Vieira (pae do Vieira Portuense), João Glama, etc.

(²) A cruz decapitada (*cruis commissa, crux patibulata*). Os franceses designam tambem esta fórmula por *croix de Saint-Antoine*.

(³) Quadros n.^o 257, 258 e 194 (Catalogo de 1872). O grande critico alemão Carl Justi attribue o «Padre Eterno» ao mestre de S. Bento.

Roquemont, o habil retratista, está representado na galeria por um retrato seu, quando jovem (n.º 637), um quadro historico (601) e duas varinas (631, 632) que não constam do catalogo: foram oferecidas ao museu, há bastantes anos, pelo professor da Academia portuense de Bellas Artes, Francisco José Rezende. De todos estes afigura-se nos ser o melhor o primeiro, o seu próprio retrato; é, em absoluto, um trabalho magistral, uma cabeça espontanea, cheia de vida.

A galeria, que possue apenas um quadro portuguez quinhentista, contém bastantes quadros portuguezes d'outras epochas, e alguns de artistas nossos contemporaneos. (1)

São ao todo 61 quadros, dos quaes estão catalogados 53.

Já nos referimos a Sequeira e Vieira Portuense: pouco temos que acrescentar. Com efecto, se exceptuarmos Joaquim Raphael (o Pedro Alexandrino do Porto, como dizia Raczyński), pintor fecundo, correcto, temperado, e J. Rocha, auctor de duas telas *vegetarianas*, tudo o mais está abaixo de mediocre. Os dois quadros «Gorazes, alhos, etc.», «Repolhos e cebolas», são, no genero, duas bellas coisas. E' o Seghers dos legumes.

Merecem mais attento exame as telas portuguezas não catalogadas. Ha no museu dois retratos, o de D. Carlos, filho de Filipe II, e D. Isabel (Valois-Angoulême, filha de Henrique II) mulher do mesmo monarca, que são attribuidas a Sanches Coelho. A *Paizagem*, de Arthur Loureiro (604) é um trecho de rio e campo, flagrante, verdadeiro, com bellos *longes* d'uma transparencia levemente turbada. «Entre o almoço e o jantar», interior, scena de familia, do talentoso professor Marques d'Oliveira. Quadro sereno, intimo, interessante efecto de luz. A mencionar ainda *Martyr* de J. Victorino Ribeiro, um esboço de Sequeira, tabua, (619), um retrato, de F. J. de Rezende (603) e um vigoroso, bello retrato de João Correa (600).

Para terminar o que temos a dizer sobre artistas portuguezes representados na galeria, devemos referir dois magnificos desenhos, de Sequeira (cabeça de velho) e a «Cea» do Vieira Lusitano.

Com o exame sumario de mais algumas telas, concluimos o que de mais essencial ha a dizer sobre a colleccão Allen.

Interessantissimo o quadro 114, interior de cathedral, de Peter Neefs, o admiravel perspectivista, tão minucioso

(1) De José Francisco Ferreira (n.º 3); João Francisco Guimaraes n.º 54, copia; Joaquim Raphael (n.º 58, 126, 153, 185, 187, 223, 247, 318, 374, 462, 320, 505); Domingos Pereira de Carvalho (n.º 77); José da Cunha Taborda, n.º 90, 123 (copia), 140 (copia), 226 (copia), 274, 293; Domingos F. Vieira, 112, 165, 231, 232, 289, 331, 291, 348, 349, 353, 355, 550; J. C. Villa Nova, 133; Sequeira, 150, 403; Freitas e J. Raphael, 204; João Glama, 250; J. B. Ribeiro, 310, 245 (copiado do Vieira Portuense); J. M. Rocha, 366, 368; J. T. Barreto, 489, 490; e os de Vieira, já citados. Ao todo 53 quadros.



MUSEU ALLEN — Quadro atribuido a Coelho Sanchez

(Photographia União)

e tão largo na factura; o 211, Uma dama pintando flores; o 212, Paizagem com gados; os quadros de Bombelli (297 e 360) de effetos luminosos tão raros, sem rebuscamento ou convenção; o n.º 371 (Lawrence) «Crianças brincando n'um jardim», tela recumante de frescura e de graça; os esboços de Cadê, serie deliciosa (96, 97, 98, 396, 397); dois *panneaux* encantadores (160, 169); a copia (desastrada copia) da «Deposição de Christo no tumulo», de Ribera (172); e uma tela admiravel (Cabeça de rapaz) de auctor não determinado (1)—que um retoque inhabil destruiu em parte.

Propositadamente deixámos para o fim o falar de tres

(1) Attribuida no catalogo a Murillo (401).



MUSEU ALLEN — Sarcófago romano encontrado no Alentejo — (Photographia União)

preciosidades authenticas do museu Allen: São os quadros que o catalogo refere nos n.^{os} 281, 228 e 323.

E' o primeiro um delicioso exemplar de Adriano Brower, o pintor que Blanc achou tão espirituoso como Teniers, e mais quente e frisante. Deve-se esta atribuição ao sr. Emil Pacully, que determinou a paternidade do quadro em seguras analogias, encontrando o *muchacho* familiar de Brower encarrapitado sobre uma porta, e descobrindo finalmente a assignatura do pintor. (1)

O segundo quadro (n.^o 228) que representa S Matheus dictando o Evangelho, vem no catalogo com esta atribuição hypothetica: *talvez de Lanfranco*.

O critico já citado, o sr. Pacully, tentou determinar, por um processo analogo ao que o levou a descobrir a paternidade de Bol e de Brower nas telas já referidas destes dois pintores, o auctor d'esta robusta e poderosa concepção. Com o auxilio da luz artificial e uma lente

Por essa época o meu amigo e illustre critico d'arte sr. Antonio Arroyo, que durante a sua permanencia na Belgica se dedicou com amor ao estudo da pintura flamenca e hollandeza, visitou o museu Allen e não hesitou em attribuir o a Jacques Jordaens. Esta atribuição foi posteriormente confirmada por tres valiosos testemunhos — o do sr. Van Mele, pintor belga (Gand) e director da escola de Audenard; o do sr. Boutet de Monvel, o distinctissimo artista francez; e o do sr. Emil Pacully, que nas suas recentes viagens pelos principaes museus da Europa tem procedido ás mais interessantes investigações.

Do celebre pintor diz o notavel historiador da arte, W. Lubke: «Jacques Jordaens é o mais fogoso dos coloristas flamengos. Ninguem, nem o proprio Rubens, representou com mais audacia e energia o naturalismo exuberante do seu paiz; tratou com o maior vigor the-



MUSEU ALLEN — Crianças Brincando — Quadro de Lawrence
(Photographia Biel)

pôde ler sobre o signal que marca uma das paginas do Evangelho de S. Matheus, a seguinte legenda: 5347 A M

M F

A data é hebraica no entender do sr. Pacully e convertida na chronologia christã dá o anno de 1587, correspondente ao 18.º anno d'edade do pintor, que no dizer do critico é Michel Angelo Caravaggio, ou Morighi, o sombroso naturalista. As iniciaes M F significam, n'esta hypothese «Michelangelo fecit» ou Morighi fecit. Embora engenhosa, a interpretação do sr. Pacully não nos parece fóra de discussão. (2)

O valor do quadro é que, no nosso entender, não pôde ser discutido: as duas figuras, a do apostolo e a do escriba, são duas poderosas e rudes cabeças de combatentes, titanicos pioneiros do ideal novo. A physionomia do escriba está como concentrada, resumida n'uma contenção dura e energica: o apostolo é uma figura dominante, e na postura, rigida e macissa, tem alguma coisa de columnar. E' um alicerce.

Estamos em frente do quadro n.^o 323 — Aldeão e aldeã vindo para o mercado. No catalogo vem attribuido a Rubens, e foi isto aceite como um dogma, até ha uns 6 annos.

P. Machado photo

mas religiosos, scenas populares, a historia, a allegoria, «o retrato».

A mulher, com o cesto á cabeça, tem na cara toda a alegria d'uma raça. O homem, com a rez ás costas, é um tipo da malícia sadia, exuberante. Ha em todo o quadro um ambiente d'alacridade hilariante e sonora.

O valor d'esta obra prima avulta ainda pelo numero, relativamente limitado, das telas de Jordaens.

* * *

O museu encerra algumas pequenas curiosidades d'arte, não destituidas d'interesse: um cobre gothic (615), duas tabuas (616, 617), um cobre representando a Flagellação de Christo (618), e outro cobre, sem numero — «a adoração dos Reis Magos»; e uma miniatura e retrato do barão de Villa Secca, Rodrigo d'Andrade, addido ao duque de Palmella no congresso de Viena, e datada de 1824.

A secção d'escultura, pobrissima quanto ao numero contem o Cain, a incomparável creação de Teixeira Lopes, e duas *crianças reclinadas*, de João José Braga, escultor de talento que morreu pelo meiado d'este século.

Embora exorbitemos do campo a que naturalmente nos circumscreve a epigraphe d'esta noticia, não deixaremos de dizer que, depois da collecção de quadros, é a

(1) «Comercio do Porto», de 23 de novembro de 1895.

(2) «Comercio do Porto», de 22 de novembro de 1895.

coleccão numismatica a mais importante do museu. A serie portugueza é riquissima, e só lhe é superior, no nosso paiz, a d'el-rei D. Luiz.

A serie romana republicana ou consular está representada por 283 variedades relativas a 183 familias monetarias, faltando-lhe apenas, para o completo, os representantes de 36 familias e 3 duvidosas.

A serie romana é tambem magnifica, abrangendo 1597 exemplares, formando 1075 variedades de cunhos, e representando 129 personagens historicos (¹).

(¹) V. o «Museu Municipal do Porto,» atc. citado na nota n.º 15.

A serie arabe foi catalogada pelo arabista sr. J. Pereira Leite Netto.

A secção conchyliologica abrange um grande numero d'exemplares, sendo, porém, muito consideravel o numero dos duplicados. Acha se em precario estado de conservação.

Na secção archeologica, tanto prehistorica como historica, pouco ha digno de nota, se exceptuarmos o sarcophago romano, de marmore saccharoide, encontrado ha 57 annos em Evora (Monte da Azinheira) e adquirido pelo municipio.

MOSAR.

«ADAMASTOR»

CRUZADOR MANDADO FAZER POR SUBSCRIÇÃO NACIONAL NOS ESTALEIROS DE LIVORNO

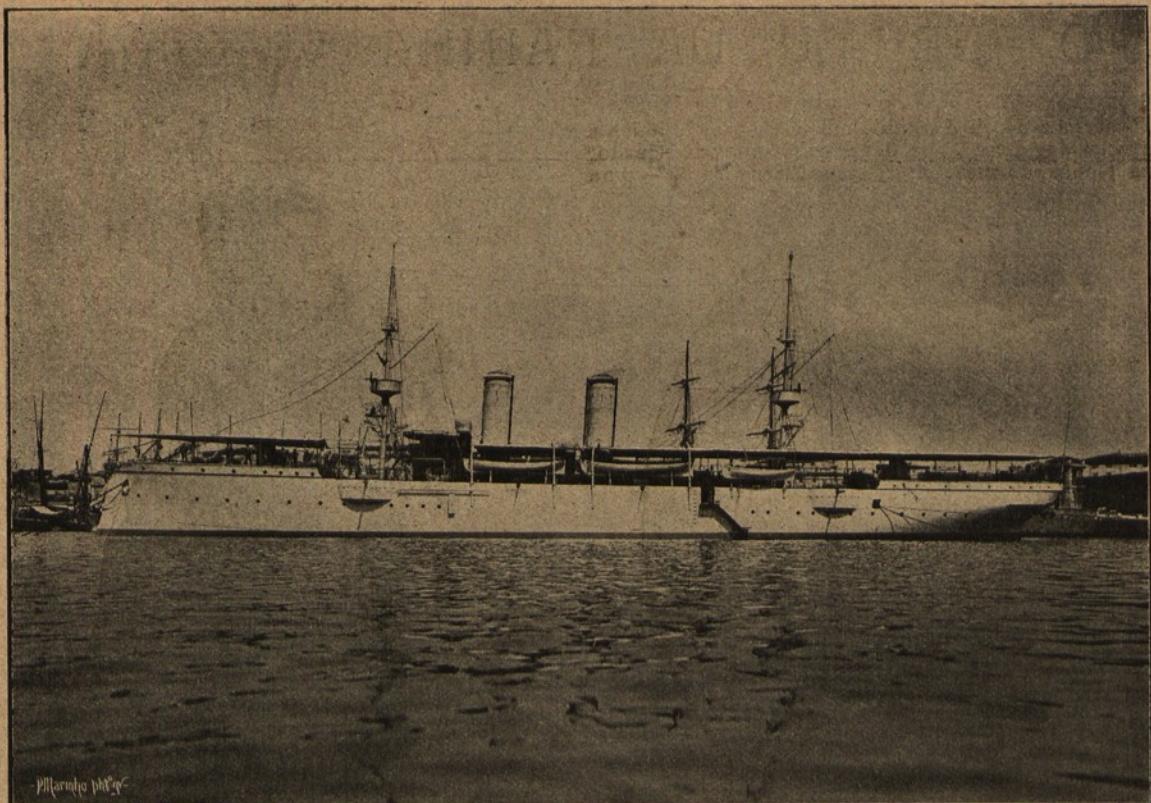


OFFICIAES PORTUGUEZES EM LIVORNO para dirigirem e fiscalisarem a construcçao do *Adamastor*

1, Avelino Monteiro — 2, Julio da Silva Talento — 3, J. Vaz de Carvalho — 4, Consul Antonio de Portugal de Faria
5, Commandante Lopes d'Andrade — 6, Baptista Ferreira



MARINHEIROS PORTUGUEZES EM LIVORNO



O «ADAMASTOR», novo cruzador, feito por subscrição nacional

L U J I A

I

Tenho, ha muito, gravada em minha mente
D'um tempo que passou grata lembrança,
D'esse tempo em que tu, linda creança,
Brincavas, ao desdem, alegremente.

Crescias tu ; em mim gradualmente
Crescia-me tambem a doce esp'rança,
De te beijar ainda a fulva trança ;
E cria n'isto tanto, como um crente.

Um dia, eu bem me lembro, era sol posto,
Cedia a Natureza ao seu lethargo,
Imprimindo nas nuvens o desgosto.

Abeirei-me de ti, como é amargo !
Dizer o que senti ao ver-te o rosto ;
Nem sei como me pude pôr ao largo.

II

Tirado d'esse dôce e mago enleio,
Deixando o meu olhar unido ao teu,
Minh'alma me fugiu, e pelo ceu
Foi pulsando a lyra do meu seio.

Meu corpo que ficára sem esteio,
Que dos olhos a luz tambem perdeu,
Andou como n'um mar em escarceu,
Porque um mar entre nós ha de permeio.

Que me ames, não me importo, era egoísmo
P'ra quem sente por tudo um desapego,
Mas desapego livre de cynismo.

O que desejo, Lujia, é o socego,
Mas é vã pretenção, quando em ti scismo,
Que estranha commoção, que amor tão cego !

III

Fitéi a tua cóma radiante,
Mirei o teu olhar celestial,
Andei um pouco álem, e já distante
Volvi-me a ver-te a fronte divinal.

A tua formosura de Levante
D'angelica Madona oriental,
O teu olhar sereno e penetrante
Seguia os passos meus, como um phanal.

Quatro annos, haveria, que brotava
Dentro em mim este fogo abrazadôr,
Que o peito resequido me queimava.
E, se não te dizia, linda flôr,
Que o teu esvelto ser eu adorava,
E' que eras muito nova, meu amôr.

IV

Um dia comecei a esboçar
Em phrases ideiaes, de sentimento,
O retrato fiel do pensamento,
No designio sómente de t'o dar.
N'uma noite coberta de luar
Eu seguia, fitando o firmamento,
E correndo ligero, como o vento,
Onde supunha ver-te, o fui deixar.

Mas houve mãos profanas, certamente,
Que t'o roubaram, creio com firmeza,
Pois d'outro modo, Lujia, francamente
Não tem explicação essa frieza:
A não ser que haja alguém, infelizmente,
Que queira corrigir a Natureza.

V

Quando nos meus, os olhos teus pousavas
Supunha-te rendido o coração,
Mas alguém te sustou a inclinação
No desejo de ver se me odeiavas.

Se o conseguiu não sei, sei que passavas
Reclusa um dia inteiro na prisão,
Como se fôras ré d'alta traição,
Pois só os olhos teus nos meus fitavas.

Se isto fôra peccar, todos peccaram,
E não era mister tal sofrimento
A que por culpa minha te obrigaram.

Procura, pois, p'ra mim o esquecimento,
Mostra-lhe que teus olhos me olvidaram,
E não cures saber do meu tormento.

O JUBILEU DA RAINHA VICTORIA

Protectora da fé é o titulo official da grande Rainha em volta de quem, depois de sessenta annos de reinado, uma familia de reis e de soberanos fórmula corôa — uma



A RAINHA AOS DEZOITO ANNOS



RETRATO ACTUAL DA RAINHA

corôa cuja perola é certamente a príncipeza da Roumania, sentada por Deus nos degraus de um trono, como para provar que os anjos descem do céo para velar pelos povos. Os pastores d'homens, os que permanecem firmes e solitarios no seu trono, os que se fazem pequenos para deixar sentada ao seu lado a Revolução, todos festejam n'este momento a decana da monarquia, Sua Magestade Victoria, rainha do Reino-Union da Grã Bretanha e imperatriz das Indias.

Desde 1837 que esta filha do príncipe Eduardo reina como rainha modelo, sem uma falta, sem um erro, sem

uma hora de fraqueza, não tendo variado mais que uma balança segura pela mão de um genio.

Tinha dezoito annos quando sucedeu a Guilherme IV: a belleza triumphava no oval do seu rosto, em grandes olhos brilhantes como uma manhã do Oriente. O nariz era de uma fórmula grega impeccavel. As faces emolduradas n'uma cabelleira espessa pareciam duas folhas de rosa real n'uma taça d'ouro.

As rosas fanaram-se e a magestade substituiu a belleza. A voz, outr'ora mais leve e mais pura que a onda do ar em que vibrava, essa voz perdeu o seu crystal. O ser imaterial accentuou-se sob a experiênciâ da vida e as can-



RETRATO DA RAINHA APOZ A COROAÇÃO



A RAINHA NA MANHA DA SUA SUBIDA AO THRONO



A RAINHA LOGO APOS O SEU CASAMENTO

ceiras do governo. A aurora de 1837 é hoje um crepusculo sumptuoso.

Decana das rainhas e das imperatrizes, se não tivesse muitas corôas, seria ainda a maior mulher das Ilhas-Britânicas,

Robusta como um carvalho, apezar dos seus 78 annos, a Rainha tem esse rosto severo que as grandes funções e as grandes dôres cinzelam. Desde a morte do príncipe consorte, essa viúva é viúva como é rainha — magnificamente. Tem a tranquillidade de um ser indiferente a tudo, excepto ao dever. O seu luto tem uma alta expressão que respira nas suas feições calmas. A desgraça, n'ella, é verdadeiramente *real*.

A força corre da sua fronte que ficou sempre bella, e o busto envelhecido é digno de se apoiar n'um socio. Os seus cabellos são uma bruma branca; e bella é a que não quiz ser consolada e cuja vida privada gira em volta de um culto como um fio em volta de um fuso.

Depois da morte do príncipe Alberto, essa mulher caminha na existencia, como Carlos Magno fazia quando amava uma rapariga morta. O grande imperador nunca deixava o anel da desaparecida. Turpin tirou-lh'o e



O PRÍNCIPE CONSORTE

lançou-o n'um lago. E Carlos Magno amou o lago. E o lago ficou sendo o lago de Constança. A rainha de Inglaterra amou um tumulo com a fidelidade da esperança. Nas audiencias que concede apresenta esse sorriso que se tem quando se julga os outros com a benevolencia da virtude absoluta, e a indifferença de tudo.

Diz-se muitas vezes d'ella o que dizia um prelado romano, saindo um dia de uma audiencia da imperatriz Augusta.

A mulher de Guilherme tinha seduzido e encantado o Romano pelo tom elevado e piedoso da sua conversação. Descendo a escada, Galrinberti (era o prelado) repetia sem cessar ao seu secretario: — Mas ella é católica! mas ella é magnificamente católica!

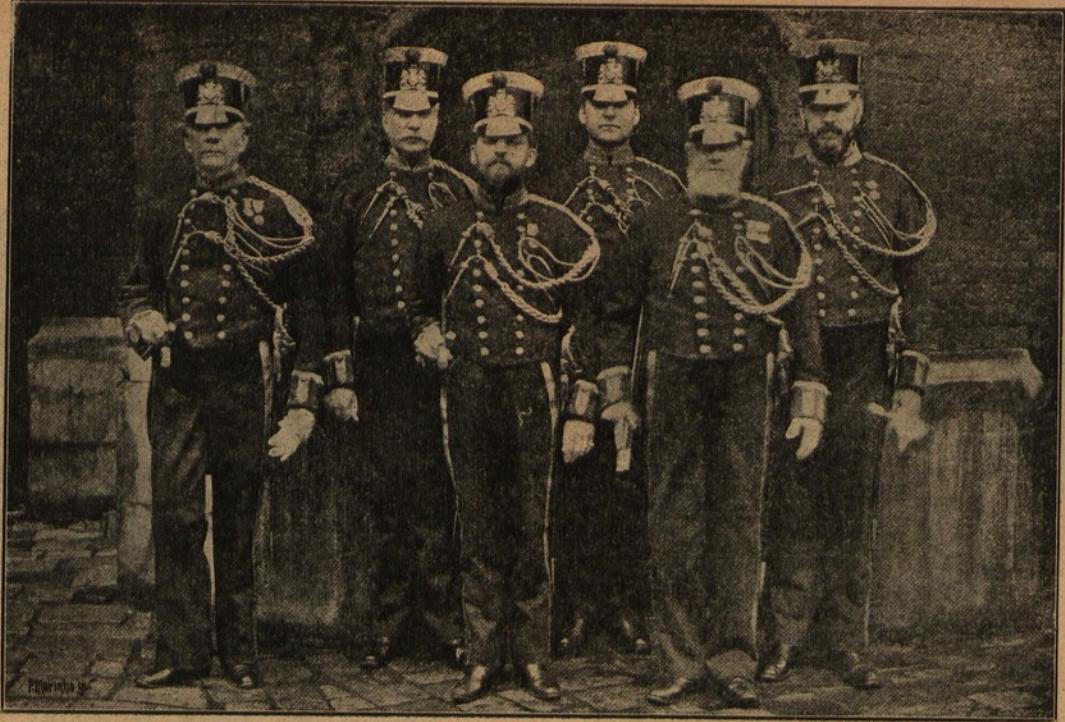
Muitas pessoas julgaram também que a rainha de In-



O 1.º FILHO DA RAINHA VICTORIA
(Desenho da propria Rainha)



ESTATUA DA RAINHA



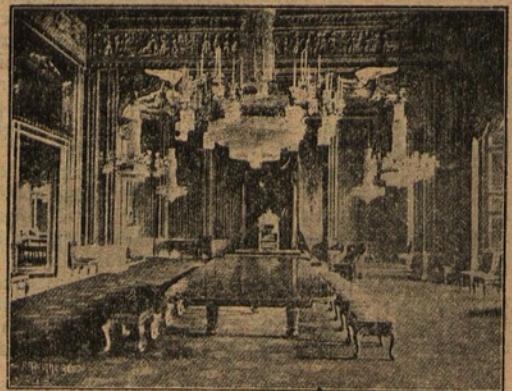
OS GUARDAS DO PALACIO DE BUCKINGHAM

glaterra tinha adoptado a religião de Roma. A um certo nível, em certas camadas de ar puro e celeste, as religiões approximam-se, tocam-se, misturam-se e confundem-se, para deixarem de ser vias humanas e para se tornarem a larga e comprida avenida de luz que conduz ao trono de Deus. Assim a rainha Victoria tem podido



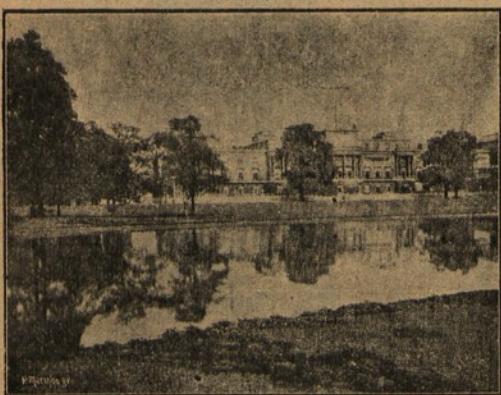
BUCKINGHAM PALACE — A galeria de pintura

giões approximam-se, tocam-se, misturam-se e confundem-se, para deixarem de ser vias humanas e para se



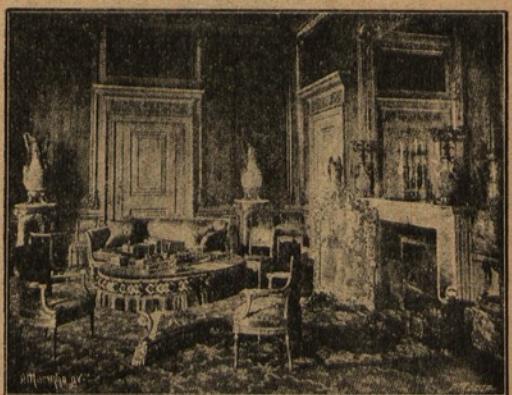
BUCKINGHAM PALACE — A sala do trono

proteger e favorecer o admirável mundo clerical da Inglaterra católica, o primeiro do mundo. Amou o car-



BUCKINGHAM PALACE — A fachada e o lago

204



BUCKINGHAM PALACE — O Salão particular da Rainha

deal Wiseman; escutou as vozes vindas de Roma. Correspondeu-se — que alta correspondencia deve ser! — com Pio IX e Leão XIII. Mas inclinou sobre tudo a sua admiração para esse poderoso espirito, para esse poeta d'almas que se chamou o cardeal Manning.

Aquelle saía da sociedade puritana e, com uma coragem fóra do vulgar, tinha abandonado uma carreira para procurar a verdade. Tinha triumphado gravemente, dignamente, depois da sua conversão, e a mais alta sociedade anglicana do Reino-Unido tinha-se habituado a seguir os sermones do padre católico, como tinha escutado os discursos do pastor protestante.

Graças ao apoio de Sua Magestade, Manning tinha

restituído ao culto católico as liberdades perdidas

Tinha restaurado a hierarchia perdida, e foi por varias vezes o embaixador discreto da Rainha junto de Pio IX o Grande. Esse homem, cujas idéas paravam nos limites extremos das reformas sociais e democráticas, foi sempre escutado pela sua soberana.

A grande divisa de Jesus: *Pax*, tem sido a de Victoria I na sua política exterior. A historia dirá talvez um dia o papel d'esta avó de imperadores que soube impedir a guerra de incendiar a Europa n'uma inolvidável circunstância.

Estes detalhes dão as linhas da figura mais real d'este tempo ao lado de Francisco José, d'Austria.

O CALOR

DESENHO ALLEGÓRICO DE

CELSO HERMINIO



Exposição Leandro Braga

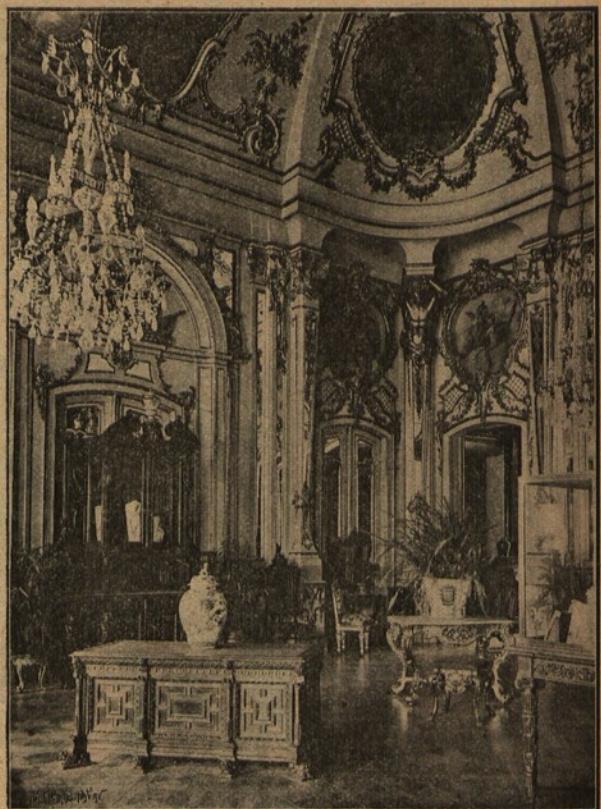
O pouco espaço de que dispomos não nos permite dar a este assunto a importancia a que tem direito. O desenvolvimento e especialisação que elle requer, seria particularmente para aquelles dos nossos leitores que, por circumstancias poderosas, não poderam concorrer á exposição.

A capital honrou-a em numero de admiradores, além do que muitos conjecturavam, embora ficasse ainda á quem do que rasoavelmente se poderia exigir. Note se porém, que foi (cremos) a primeira exposição d'esta indole feita entre nós.

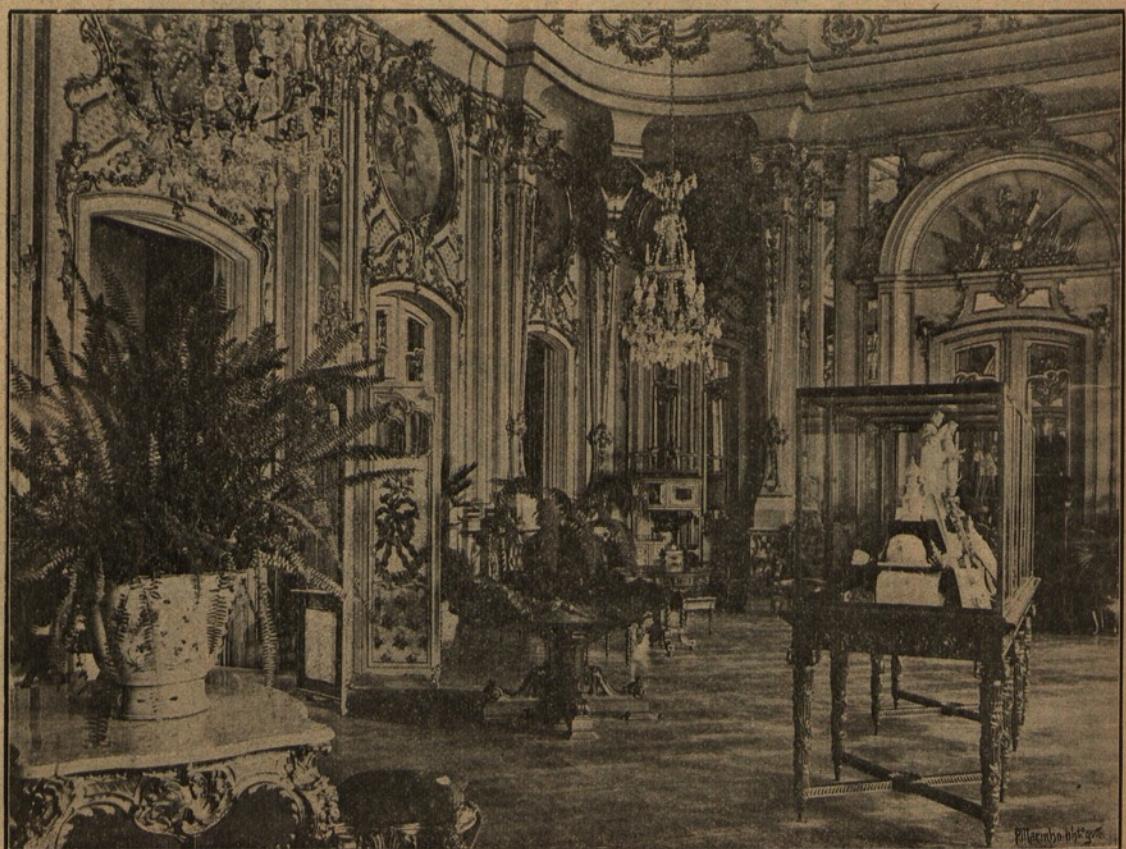
A impressão que ficou na maioria dos visitantes, foi a de surpresa: não se julgava que houvesse entre nós um artista tão distinto na arte decorativa em madeira, ou quem, com tão perfeito conhecimento dos estylos historicos, e tão intenso sentimento estheticó, soubesse realizar cousas tão delicadas, tão elegantes, tão asadas, tão suggestivas, como por exemplo um salão de baile, ou o mobiliario d'um gabinete á maneira de tal ou tal epocha.

Suggestivas, dissemos nós, e é exacto. Uma secretária ou meza de trabalho litterario, de Leandro Braga, desperta, estimula, provoca uma irradiação interior suggestiva d'idéas bellas, ao revez d'outras mezas, talvez mais trabalhadas, mas tão profusa e pesadamente trabalhadas (como as que vimos n'um leilão celebre de ha 4 annos), que devem ser excellentes para afugentar as idéas de quem as tiver.

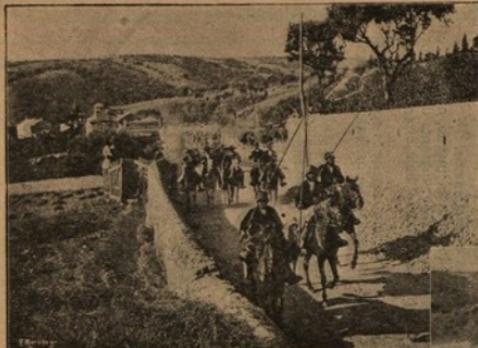
Resumindo: Leandro Braga foi um artista digno de se collocar, hombro a hombro, com os seus pares dos tempos gloriosos da Arte na sua patria.



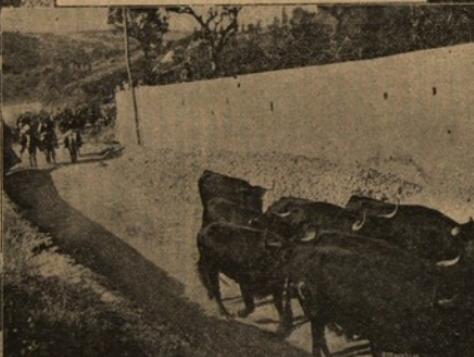
ASPECTO DA SALA



OUTRO ASPECTO



O PRINCÍPIO



MEIO CURRO...



Instantâneos de Arnaldo da Fonseca, expressamente tirados para o Branco e Negro.

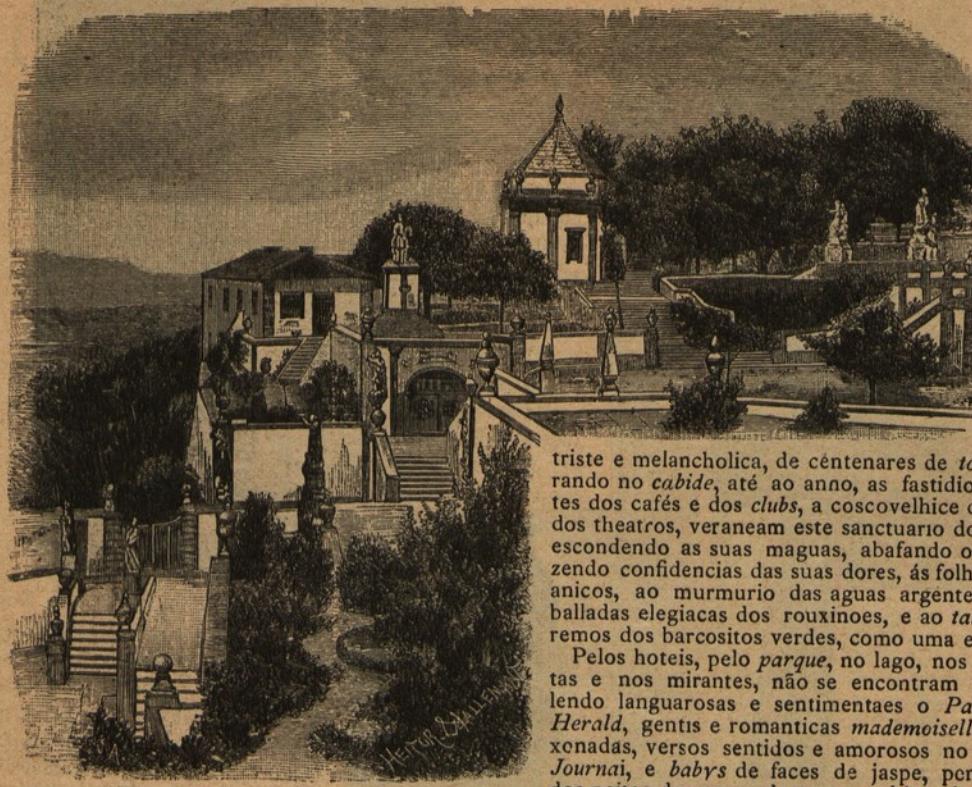


VARRENDO A ESTRADA



NO LUMIAR

NO BOM JESUS



lientes, vestido de fazenda, avental branco guarnecido em enormes laçarotes estendidos pelas costas, quasi a tocar na fibria do vestido.

E' bello e suggestivo, quando pelo cair da tarde, o sol a doirar ás cryptas das arvores, matizadas de flôres, amarellas e azues, umas, esverdeadas e brancas, outras, os rouxinoes a cantarem ao desafio, pelas moitas olorosas e pelos carvalhos elegiacos, balladas de Ossian, vêr surgir de cada canto, de cada esconderijo, de cada cascata, figuras esbeltas de raparigas, vestido branco-perola, singelo, sem atavios nem enfeites, um cinto de verniz, ou de seda azul a fazer sobresair os quadris bem formados, dois botões de rosa a enfeitar os cabellos fulvos, um microscópico pé, se é franceza, hespanhola ou portugueza, uma enorme bota de chagrin, se é ingleza desfolhando *bem-me queres*, olhar de alegria, e com os ganchos do cabello, traçar nas cascas nodosas das acacias e dos cedros, ou paredes branqueadas das capellas gothicas, nomes mysteriosos de pessoas amadas, de noivos ausentes, e que andam ha tanto tempo baloiçando-se-lhes na imaginação, captando-lhes todos os pensamentos, opprimindo-lhes o coração.

Então, a mente debate-se-nos em impressões fortíssimas, em que a nossa alma voa no bergantim phantastico da imaginação, em procura do olhar de uma mulher que se idealisou, a felicidade beijando-nos suavemente como a folha d'um lyrio immaculado.

Corre assim a vida no Bom-Jesus, cheia de goso, de mysticismo, de anhelos e de chimeras.

O coração invadido de violentas nostalgias, tocado de vividas maguas, ferido no mais intimo, no mais recondito do seu sentir e da sua vida, sente como que um possante refrigerio vedar-lhe a veia sangranta da sua dôr, um doce balsamo minorar-lhe lentamente o sofrimento que o devora de febre, um supremo bem estar rejuvenescer-lhe a alma e reentrega-la na felicidade tão requestada... e tão ephemera.

Quantas lagrimas aqui se terão vertido, quantas dôres aqui se terão abafado, quantos pesares aqui se terão esquecido, á sombra tristonha e pesada d'estes cedros, debaixo d'estes sobreiros seculares e ossianicos, junto d'estas capellas êrmas e piedosas!...

Quantos dramas de paixão aqui se terão passado, quantos poemas de amôr aqui se terão vivido, quantos protestos ardentes de affecto do coração aqui se terão trocado, quantas juras de um amôr infindo aqui se terão feito, aos hymnos maviosos dos rouxinoes e ao tam-tam monotono dos remos dos barcos, chocando nas aguas azues do lago!...

ALBERTO DE MADUREIRA.

CANÇÃO DA LUA

A Luz que a noite descerra
Fazem-n'a os deuses magoados,
Dos desesperos da terra
P'ra terra dos desgraçados.

Lembrando sôes que se foram
A Lua fria, em seu plaustro,
Escuta as Almas que choram
Na treva immensa do Claustro.

Assim, ao luar profundo,
Gemei, Corações, a sós;
Porque se chorais ao mundo
O mundo ri-se de vós.

Com a dolencia da prece
Guarda-a o céo, estranho cofre;
E ha tanta dôr que parece
Que a propria luz tambem soffre.

Mas para que entre essas fragoas
A Luz a chorar se affoite,
A Lua só conta magoas
Ao pesadelo da Noite.

SILVEIRA NETTO (brazileiro).

Com este ceu de junho, d'um azul esmaecido, o sol, ardente como lavas defogo, alorando os trigaes e fazendo corar as papoilas, vae sendo outro o aspecto diario d'este abençoado retiro espiritual.

Hei-lo exhibindo por esses passeios, por esse parque, por essas cascatas, a phisonomia alegre e expansiva, ou, as mais das vezes,

triste e melancolica, de centenares de *touristes*, que pendurando no *cabide*, até ao anno, as fastidiosas e insipidas noites dos cafés e dos clubs, a coscovelhice dos salões, e o *speen* dos theatros, veraneam este sanctuario do amôr e da religião, escondendo as suas maguas, abafando os seus pesares, fazendo confidencias das suas dores, ás folhas dos cedros ossianicos, ao murmúrio das aguas argenteas das cascatas, ás balladas elegiacas dos rouxinoes, e ao tam-tam cadente dos remos dos barcositos verdes, como uma esperança.

Pelos hoteis, pelo *parque*, no lago, nos jardins, nas cascatas e nos mirantes, não se encontram senão loiras *misses* lendo languorosas e sentimentaes o *Pall Telegraph* ou o *Herald*, gentis e romanticas *mademoiselles* devorando, apaixonadas, versos sentidos e amorosos no *Matin* ou no *Petit Journal*, e *babys* de faces de jaspe, pendurados dos bicos dos peitos das amas, de rostos robicundos, sadios, ancas sa-

lentes, vestido de fazenda, avental branco guarnecido em enormes laçarotes estendidos pelas costas, quasi a tocar na fibria do vestido.

SEÇÃO RECREATIVA

A GARRAFA MYSTERIOSA

Eu posso, entre outras curiosidades, uma garrafa de vidro transparente, fechada por uma rolha de madeira, mais larga em cima que em baixo, mas fechada de tal modo que ninguem pôde ainda achar a chave do misterio.

Porque ha um mysterio na minha garrafa e esse mysterio é um prego comprido e grosso que atravessa a rolha de lado a lado, mesmo no interior da garrafa.

Como é que o prego pôde estar n'aquelle sitio?

Não pôde ser introduzido na rolha antes de fechar a garrafa, porque o comprimento do prego é uns poucos de centimetros maior que a largura do gargallo.

Como, então?

Da seguinte maneira, que lhes indico:

1.^o—Cortem á rolha uma pequena placa com cerca de meio centimetro de espessura, ponham essa placa de lado, pois que ha de servir mais tarde.

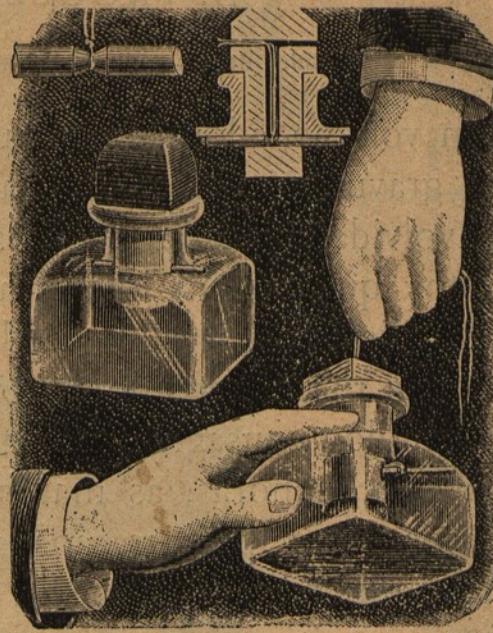
2.^o—Com o auxilio de uma verruma ou de uma agulha de fazer meia, mettida no fogo até escaldar, faça-se um buraco longitudinal no eixo da rolha; esse buraco deve passar a coisa de um centimetro da extremidade inferior; esta extremidade da rolha deve ficar abaixo do gargallo, no interior da garrafa, cerca de centimetro e meio.

3.^o—A distancia de um centimetro, a partir do fundo da rolha, faça se na rolha um buraco transversal que tenha o diametro do prego; os dois canos, vertical e horizontal, encontrar-se-hão em angulo recto, formando a figura de um L de pernas para o ar.

4.^o—Introduza se no canal vertical um fio solido; depois, quando a sua extremidade tiver chegado ao canal horizontal, metta-se, com o auxilio de um phosphoro ou de um palito, n'uma das entradas d'esse canal, de modo a fazel-o subir por um dos buracos lateraes da rolha.

5.^o—Com o auxilio de uma lima faça-se uma pequena mordedura no meio do prego e prenda-se ahi a extremidade do fio; colle-se o fio com gomma á metade do prego comprehendida entre a mordedura e a ponta, e deix-a-se secar bem.

6.^o—Introduza-se entâo na garrafa: em primeiro lugar o prego, que pende na extremidade do fio, depois a rolha; vire-se o frasco com o fundo para o ar, puxe-se pela outra extremidade do fio e conseguir-se-ha assim que a donta do prego entre no buraco lateral da rolha pelo qual vae o fio para o interior; põe-se entâo o frasco de pé e puxa-se pelo fio que se conserva na mão, como o indica claramente a figura; o fio descollando-se pouco a pouco



do prego, faz avançar este pelo canal horizontal e o prego continua a escorregar n'esse canal até que a mordedura, ponto a que o fio está preso, se encontre em frente do buraco vertical; o prego fica entâo com uma porção igual para cada lado dando a illusão de que foi mettido a martello na rolha.

7.^o—Resta dissimular o buraco do alto da rolha, que revelava o subterfugio empregado. Torna-se a collar com todo o cuidado a pequena placa que se tirou á rolha, tendo o cuidado de prender bem, entre a rolha e essa placa, a extremidade do fio. O prego ficará assim fixo.

Em vez de um rolha de madeira pôde uzar-se uma rolha de cortiça e entâo não ha necessidade de tirar a parte superior antes de cavar o buraco vertical; bastará, para dissimular o orificio d'esse buraco, lacrar a rolha, como se faz com os vinhos finos.

A VIUVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPEZ D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

VELOCIPEDIA PRÁTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exercito e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assuntos que pôdem interessar ao velocipedista e instrui-lo desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos acidentes que pôdem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicyclista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52 — Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — APOSTOLOS, 11, 1.^o, LISBOA